EDUARDO PRADO

VOLUME 2.º

1.ª EDIÇÃO

SÃO PAULO
ESCOLA TYPOGRAPHICA SALESIANA
1903

EDUARDO PRADO

VIAGENS

AMERICA
OCEANIA E ASIA

1.ª EDIÇÃO

SÃO PAULO
ESCOLA TYPOGRAPHICA SALESIANA
1902

NOTA

O presente volume comprehende duas partes distinctas. A primeira, que abre o livro, occupa-se da viagem feita ás Republicas do Prata — Uruguay e Argentina — e ao Chile. As impressões que o dr. Eduardo Prado consignou nas paginas que seguem foram escriptas em fórma de cartas á *Gazeta de Noticias* e por esta publicadas, em 1882.

Quanto á segunda parte, porém, deste livro, occupada pelo *Diario de Viagem*, titulo dado pelo pranteado escriptor e que conservamos, confórme vêrá o leitor, compõe-se ella de notas apenas, apontamentos tomados ás pressas, na ordem de successão dos factos por elle observados na sua viagem á Oceania e á India.

Emprehendendo a sua veneranda mãe, d. Viridiana Prado, a reedição das obras já exgottadas do dr. Eduardo Prado e a publicação de outras ineditas, fez incluir neste 2.º volume das *Viagens* o *Diario*, que contém narrações interessantes, muito embora, segundo foi dito já, a par dellas se encontrem notas resumidas, que seriam explanadas, mais tarde, pelo auctor e que não suppri-

mimos, porque prejudicariam de certo modo a ordem observada pelo mesmo, interrompendo, outrosim, a ligação dos factos e o traçado da viagem. Na revisão desta parte, pois, limitamo-nos simplesmente á suppressão de vocabulos destacados, sem interesse para o leitor e de pura impressão pessôal, que outros, que não elle, jámais poderiam interpretar.

S. Paulo, dezembro, 1902

O revisor

PRIMEIRA PARTE

Viagem ao Rio da Prata e pelo Pacifico

VIAGEM AO RIO DA PRATA

ILHA DAS FLORES

6 de abril de 1882 — Houve um dia um bispo que se achava detido na ilha das Cobras.

O caso é conhecido: sabe-se quem foi o bispo e sabe-se o que então houve e tambem se lembram todos de que a noticia de estar s. exc. em prisão tão mal denominada encheu de horror o beaterio europeu, que então ouviu falar, ao que parece, pela primeira vez, deste ignorado Brasil.

As devotas damas, as pallidas monjas, os adocicados prégadores, imagi-

naram logo o principe da Egreja atacado de todos os lados por centenas de viboras terriveis e horrorosas, de que s. exc. se defendia a golpes de virtudes evangelicas e, talvez, com o auxilio de um bom baculo de piúva.

A idéa que se fez da *Ile des Serpents*, donde o sr. bispo do Pará datava as suas cartas para a Europa, foi um erro, em que cahiram pobres credulos, que ainda pensavam, com a grammatica do sr. Coruja, que o nome é mesmo uma palavra pela qual se dão a conhecer as cousas... e as ilhas.

Na morada em que se achou preso o prelado paráense havia tantas cobras, como ha flores nesta outra ilha, onde nos achamos presos, nós, os inclitos passageiros do *Britannia*, condemnados pelo Supremo Tribunal de Justiça da Hygiene desta Banda Oriental e pouco hospitaleira a estar de quarentena em frente de Montevidéo.

E, no emtanto, após uma viagem em companhia dos classicos inglezes e inglezas, inventados para divertimento dos viajantes e ornamento das paizagens, tinhamos direito a mais finezas recebidas e menos *libras* despendidas.

Somos, entre outros, dous diplomatas chilenos de recolhida, um dito brasileiro indo para o Perú, o mais joven e republicano dos nossos deputados, etc., individuos que vêem desprezadas as suas immunidades e recolhidas as suas pessôas ao Lazareto, onde viceja o rubro nariz de um medico rotundo, á sombra do chapéo de Chile do commandante — um rabanete sob um cogumelo.

Protegidas por estas instituições sanitarias da Republica, aqui chegaram vinte e tantas pessôas, que, ao saltarem do escaler, julgaram pisar a terra extrangeira, mas só calcaram,

ou, antes, foram calcadas na sóla dos pés pelas pontas e aréstas de umas pedras deseguaes, que lhes fizeram soffrer logo aos calos e aos corações, as primeiras dôres do exilio.

Tratou cada um de ser encarcerado o menos duramente possivel, e, logo depois, nos dispersamos todos, a examinar a ilha inteira, como Robinsons que eramos por força da lei, que, aliás, é uma lei de muita força.

A leitura do regulamento sanitario affixado por todas as paredes occupou logo os primeiros instantes dos exilados.

Mereceu especial reparo o § 6.º do artigo 59: « *Es prohibido á los cuarentenarios destruir el estabelecimiento, deteriorar las ventanas y las puertas* ».

Foi grande o panico entre os leitores.

Si é preciso, peroraram todos, declarar ser prohibido o destruir-se o

estabelecimento, isto é, incendial-o, arrancar-lhe as janellas, quebrar-lhe as portas, isto num cartaz prohibitivo, é porque em outras leis não eram prohibidas estas innocentes diversões. E, como não havia nenhum artigo prohibindo assassinar *á los cuarentenarios*, muita gente se julgou arriscada a este acto licito, por isso que não era prohibido pela lei. Foi, talvez, temor em excesso.

E o medo se desfez em breve. Percorremos a ilha, e, em todos os pontos, lemos: « *Es prohibido á los cuarentenarios la entrada* » etc.; « *Es prohibido á los cuarentenarios la salida* » etc. etc. Foi muito sentida a falta de um linguista para estudar a diversidade das orthographias de cada um dos postes prohibitivos, justificando-as ethnographicamente, de accôrdo com a historia e a theoria dos meios... principalmente da hospedaria, que, para

seu proprietario, é um meio muito importante—o de vida.

Emfim, passamos sem o linguista, privação pouco sensivel para quem receava passar sem jantar. E, demais, notamos que as prohibições não eram mais que fructo de passatempos innocentes de alguns viajantes antigos, pintores de casas e taboletas; dahi, *los cuarentenarios* andarem por toda a parte menoscabando o presidio legal das referidas taboletas.

Parecia até estar a gente no Brasil!

Vimos a ilha com o mesmo interesse com que o prisioneiro revista todos os recantos de sua cellula. Adquirimos alguma coragem; chegamos a julgar que ser quarentenario era occupar uma razoavel posição social. E, sinão...

Ha individuos que se approximam diariamente de S. M. o Imperador e que, apesar disso, não passam de trintanarios da imperial pessôa.

Nós, sem tanta honraria, estamos dez pontos acima delles : somos quarentenarios, e de nós mesmos, o que já é alguma vantagem a mais.

Vamos, porém, em breve perder esta posição, porque se avizinha, afinal, a desejada entrada na capital da Republica — Montevidéo.

MONTEVIDÉO

7 de abril — Hontem, chegamos, á noite, a Montevidéo. A Semana Santa estava na sexta-feira.

Havia muita gente nas ruas.

Disseram-nos que as moças não eram das principaes familias. A aristocracia fica em casa, para dar uma prova de antipathia ao actual governo, dizem os orientaes; por falta de dinheiro, dizem os brasileiros.

Seja por que fôr. Si as moças que não são das principaes familias são de tal ordem, que serão as das principaes?

Dignas de vêr, não ha duvida; mas pouco de admirar, tambem sem contestação.

Tivemos, porém, a este respeito uma informação indiscreta, mas fidedigna, por partir de auctoridade no assumpto: — o criado do hotel. Este

retrahimento de moças na Sexta-Feira Santa é um preceito guardado como outro qualquer.

Não querem que os homens, vendo moças áquelle dia, sejam levados a peccar por pensamento, ou por palavras, quando não devem peccar por nenhum modo. Assim, em Montevidéo, ha pela Semana Santa abstenção de bife de vacca e... de moças bonitas.

8 de abril — No hotel *Oriental,* de Montevidéo, os hospedes, proprietarios, criados e criadas presenciaram um gratuito e original espectaculo.

Musicos militares de calças vermelhas e caras na maior parte pretas sopravam em metaes amarellos os hymnos italiano e oriental, confundindo a nacionalidade naquella mistura de côres de vestidos e notas de trombones.

Notavel caso! As notas musicaes eram despejadas nas sargetas da rua e nos ouvidos da multidão, em signal de regosijo por terem os amanuenses da Secretaria de Extrangeiros e os escreventes da legação italiana acabado de despejar uns nos outros uma série de notas diplomaticas, menos harmoniosas, na verdade, que as da banda militar. Pudera! trocar o imminente derramamento de sangue por um inoffensivo derramamento de tinta, foi, na realidade, grande ventura!

Em vez de limpar as espadas sanguinolentas nas vestes dos trucidados, a diplomacia limpou simplesmente as suas pennas na lã de uns bonecos de baetas que enfeitam as mesas das Secretarias. E isto sempre é melhor para os amanuenses, tanto como para os generaes.

Mas qual foi este caso que, como os *vaudevilles* de theatro e de *bou-*

levard, terminou com o respectivo *couplet* acompanhado de musica?

Esta pergunta estaria fazendo, e muito bem, o leitor curioso, si o telegrapho não passasse a perna a quem, além de vir por agua e não por fio, teve ainda por cima delle a quarentena.

Mas vai, em todo caso, a explicação:

Na cadeia de Montevidéo, em signal de consideração, ao que parece, suspenderam em ganchos dous subditos italianos; levaram a solicitude por elles a ponto de lhes accenderem fogo por baixo dos pés; por medo de indigestões, não lhes deram de comer durante tres dias; e por não haver agua gelada e filtrada, depois de lhes darem arenques salgados, não lhes deram agua... de qualidade alguma.

Fizeram tudo quanto delicadamente lhes podiam fazer, e tanto que

não os maltrataram, nem lhes deram uma sogra na prisão!

Mas que tem isto com a musica que o governo oriental mandou tocar no hotel do mesmo nome?

Verão.

O representante da Italia, por modestia, não gostou de saber que dous compatriotas seus tinham sido erguidos a tão altas posições; foi bastante ingrato para não agradecer ao governo ter procurado tão carinhosamente evitar que os italianos sentissem frio nos pés, nem, tão pouco, foi bastante reconhecido pelos outros cuidados hygienicos recebidos pelos dous subditos de S. M. o rei Humberto.

E, dahi, mãos á obra, isto é, ás pennas de parte a parte.

Depois das penas com um *n*, as pennas com dous *nn*, aliás mais inoffensivas do que aquellas. Desconsideraram-se muito, apesar, mesmo, das altas

seguranças de consideração vindas no final de cada nota.

Houve producção de argumentos valiosos. Venceu, porém, a Italia, cujos dous argumentos eram de peso: pesavam tanto como duas fragatas que se achavam surtas no porto de Montevidéo.

E a Italia exigiu e o Uruguay cedeu.

O que?

Vinte mil *pesos*, que cada italiano teve para subsistir, o que lhes será facil pôr a render, desde que podem passar bem, daqui por deante, comendo os proprios mocotós assados pela Republica.

Grande quantidade de tiros dados com polvora oriental saudou a bandeira italiana, para indicar que, como cada um dá o que tem, aqui dão... fumaças.

Depois, visita do sr. Santos, general e presidente da Republica, a

um hotel onde se achava o ministro italiano.

Sempre tem gostos exquisitos o sr. ministro da Italia! Queria ser visitado á força pelo sr. Santos.

Esta exigencia custou mais a ser satisfeita.

Emfim, s. exc. bateu o pé e exigiu como nos botequins: — Presidente da Republica com farda e chapéo armado para um!

E foi-lhe immediatamente servido o sr. Santos, condimentado como exigira e com uma presteza nunca vista.

Todos os pratos precisam ser trazidos; a dourada iguaria presidencial veiu por si mesma. Subiu a escada com grande majestade: parecia que ia falar á plebe, mas não falou; parecia que era Cesar caminhando para as Gallias; parecia Napoleão perto das pyramides, apontando, não para o alto dellas, mas para o tôpo da escada —

para a porta do quarto do sr. ministro.

E a musica tocava e os dourados brilhavam, as plumas agitavam-se; os criados desciam as escadas do hotel conduzindo malas, e, ao mesmo tempo que uma criança brincava com uma bola de borracha na rua, o presidente da Republica, no quarto do ministro, dava satisfacções.

E a musica tocava e os bordados reluziam...

Não fomos cuidar de vêr a cidade, porque da politica já haviamos conhecido muita cousa e estavamos fartos.

O presidente, de chapéo armado, o ministro italiano, tão exigente, e uma philarmonica, muito amoladora, encheram-nos as medidas.

Veremos cousa melhor.

14 de abril — A estada do extrangeiro em Montevidéo difficilmente será divertida. Si a regularidade das ruas, a belleza notavel das edificações podem constituir um attractivo para os olhos, nos primeiros dias, a não menor regularidade do abhorrecimento e da monotonia faz que, para todo o mundo, Montevidéo nada tenha de melhor e mais bello do que a sahida. Tal qual o Rio de Janeiro, quanto á sua celebre entrada: devo crêr, mesmo, que a animadversão oriental vai até ao ponto de, ainda em tal assumpto, ir de encontro ao Brasil.

Os passeios mais preconisados são o *Paso del Molino* e o *Paso de los Durasnos.* Fazer uso desta receita impingida infallivelmente ao extrangeiro é cousa a que todos têm sido sujeitos, desde tempos immemoriaes, e nós com elles.

São os passeios de Montevidéo largas estradas, mais ou menos pulverulentas, que se prolongam ao redor da cidade e são bordadas de casas elegantissimas. Entre ellas, encontram-se todos os estylos existentes e até os por existir, e, si o estylo de pedra e cal é o homem, como tambem se diz que o é o de tinta e papel, os homens de Montevidéo apresentam uma immensa variedade, que, todavia, não será tão agradavel como a das moças, louras, morenas, baixas, altas, gordas e magras, que transitam pelas ruas.

A contemplação da bella architectura das casas suburbanas de Montevidéo é, sem duvida, interessante. Mais interessante, porém, é ouvir de um companheiro conhecedor da terra os traços biographicos do proprietario e da familia.

Vai a gente rodando num *landau*, classe de vehiculos a que pertencem

quasi todos os carros de praça da cidade, e uma casa mais elegante provoca por parte do viajante a tola indagação de quem é o proprietario.

O conhecedor da terra passa a mão pela barba e diz : « Esta é de um F., que » ... e este « que » é seguido de uma pequena historia, pouco mais ou menos sempre esta :

F. foi feito coronel e ministro, sob o governo de tal presidente. Edificou logo uma bella casa, encheu-a de mobilia parisiense e carissima. Uma revolução derrubou o presidente, F. foi exilado e, quando voltou, a herva tinha enchido as ruas do jardim, e as plantas damninhas e as hypothecas amontoaram-se promiscuamente sobre a casa. Os reparos que poude fazer foram poucos, e, hoje, dono, casa e jardins estão todos tristes.

As arvores parecem suspirar por não lhes caber mais a honra de dar

sombra ás ordenanças do ministro; os lagos e repuxos estão tristes, porque não reflectem mais os bordados das fardas; os degraus de marmore, saudosos do antigo resôar das esporas e do passado tilintar das espadas douradas, e até os passaros parecem tristonhos. Diz-se, porém, que os credores do ex-potentado ainda estão mais tristes...

Uma ou outra habitação apparece, denunciando prosperidade e bom gosto. As ruas do jardim estão limpas, as plantas, cuidadas, os vidros e os metaes das portas e janellas, reluzentes.

E' a residencia de algum nacional rico, que nunca se metteu em politica; são as habitações dos inglezes, que extendem por toda a parte os tapetes de relva dos seus jardins, juntamente com as malhas da rêde commercial com que prendem o mundo. Si a construcção é nova e de mau

gosto, póde-se estar certo de que alli mora algum dos que estão hoje governando: coroneis, proprietarios, estancieiros improvisados. Mas as rosas, os amores perfeitos, os pelargonios não têm côr... politica, bem entendido, e vicejam sob os cuidados de um jardineiro, que, em terceira mão, recebe os beneficios do Thesouro publico e os retribue ao coronel, seu patrão, em pódas, enxertos, sementeiras e mergulhões.

E só assim póde ter seu lado util a politica dos coroneis amantes da gloria e de seus *peros*, que tem sido a dominante em Montevidéo.

A primeira manifestação de um ministro é uma chacara, não de ingenuos versos, como os de nossos avós, porém de bons tijolos. E, como as mudanças repetidas têm feito com que a população de Montevidéo se componha hoje de extrangeiros e de ex-

ministros, as chacaras adornam e embellezam todos os arrabaldes.

Montevidéo tem dous bellos theatros, que se acham em situação a menos propria para se vêrem estabelecimentos desta ordem. Estão fechados. Por fóra, são mais bellos que qualquer do Rio, com o que se não devem zangar os fluminenses.

As suas barraquinhas theatraes estão sempre despejando gente e servindo a todos os gostos, e ao máu, que é, em toda a parte, o dominante: operetas, parodias, dramas, draminhas, dramalhões, operas, bailados e outras cousas, animados pela concorrencia e pela imprensa.

A imprensa! Esta aqui é numerosa e desenvolvida. Divide-se em dous campos, que se caracterisam logo á leitura comparada dos artigos. De um lado, o actual chefe do paiz, sr. Maximo Santos, é chamado: *el grande*

patriota Santos; de outro: *el tyrano que se dice presidente de la Republica.*

Os jornaes que falam em tyranno dizem que a outra imprensa vive á custa do governo; esta diz que a adversa vive do ouro extrangeiro, italiano, brasileiro, chileno, quem sabe até si turco, ou afghanistanico.

Não ha que entrar nas origens da vida destes jornaes, e, a dar-se-lhes alguma origem, só se poderá chegar á verdade, dizendo que cada um vive á custa do adversario. E' o adversario que lhes dá o alimento e o elemento vital: a discussão.

O governo, quando desgostoso, ou quando parece desgovernar, está escrevendo artigos eloquentes para os jornaes da opposição e artigos gratuitos; a opposição, quando se contradiz, quando exaggera, quando cáe no ridiculo, está tambem escrevendo artigos para os jornaes governistas.

E' assim que as duas imprensas se sustentam, como dous alegres ceiantes que se retiram de braço e vão questionando pelas ruas, em brados, e amparando-se mutuamente nos desequilibrios dos zigs-zags.

Da instrucção publica póde dizer-se que é inferiormente bôa e superiormente má. As escolas primarias são bem cuidadas e contam certa ordem e asseio que nunca se viram nas escolas primarias publicas do Brasil, onde, no interior, os bancos são considerados luxo superfluo e a cadeira de palhinha, um sybaritismo oriental.

A instrucção superior, essa, reza por outra cartilha. A respeito de escolas militares, de engenharia e de marinha, chegam os orientaes a um apuro de economia não attingido pela fertil imaginação do sr. Andrade Pinto, que não recuara deante de umas miseras bananas e de uns simples pa-

litos: não tem escolas, medida esta acertada, porque dizem que tal organisação negativa é a unica que dá ao paiz instrucção administrativa sem desvios de dinheiro.

A Republica tem, no emtanto, uma Universidade. E' verdade que de certo se dá com ella o mesmo que com a peixeira, que vendia uma duzia de ostras faltando sempre duas.

— A minha duzia é de dez — dizia, quando havia um reclamante.

Assim, a Universidade oriental é de duas Faculdades: a de Direito e a de Medicina. O edificio occupado por ambas é acanhado, feio e sujo.

A amabilidade do secretario da Faculdade de Direito e dos lentes franqueia a todo visitante o estabelecimento.

Estes homens, que se revelam logo illustrados e trabalhadores, se vexam de mostrar ao extrangeiro aquelle attestado da inepcia governamental.

Constituem no paiz um fraco e pequeno centro de resistencia contra o militarismo. Emquanto o governo faz e desfaz arbitrariamente, os lentes de Direito dizem todos os dias que ha leis, que ha principios consagrados em todas as legislações, que a Republica tambem tem leis e que só lhes falta a observancia.

Emquanto os medicos se esforçam por ensinar, por todos os meios, os modos de conservar a vida e prolongal-a, o governo não se contenta, como os governos de toda a parte, de ensinar nos quarteis o maximo de tiros que póde dar uma carabina, e não só não pune os torturadores dos prisioneiros, como convive com o assassinato impune em todo o paiz.

São estes homens illustrados que concentram em si toda a idéa de justiça que ha no paiz. A elles se deverá a prosperidade futura do Es-

tado Oriental, que só precisa ser legalmente organisado.

Está escripto acima que o edificio das duas Faculdades é mesquinho.

O ensino, porém, tem um grande elemento : a dedicação do professorado.

Com que justo orgulho um lente de medicina, depois de vexado pela estreiteza dos corredores que percorriamos, pela escuridão das salas, pelo nenhum conforto e asseio que em geral havia, nos introduziu no pequeno amphitheatro, e, apontando para as mesas onde se achavam quatro cadaveres, nos disse :

— Os estudantes têm sempre cadaveres.

Uma lembrança do Brasil e da bôa estudantada de S. Paulo trouxe-nos, nesse momento, um irreprimivel sorriso, notado pelo nosso sympathico interlocutor. Tivemos de dar uma ex-

plicação. Em S. Paulo, os rapazes chamam cadaver aos credores, e, ao ouvirmos dizer que os estudantes de medicina, em Montevidéo, tinham tão notavel ponto de contacto com os estudantes de S. Paulo, no facto de ambos terem cadaveres, o nosso sorriso traduziu a extranheza que sempre causam as similhanças inesperadas.

Mais adeante, vimos, mergulhado numa bacia, um pé humano, que nos foi dito ser o de um distincto advogado, que soffrera a amputação dessa parte naquella manhã. Era livido e sangrento; no calcanhar, via-se o cancro que motivara a operação.

Eu, o meu amigo, advogado brasileiro, e um amavel oriental que nos acompanhara e que é conhecido ahi na Côrte, onde foi secretario de legação, o dr. Luiz Piéra, lamentamos a desgraça, na nossa dupla qualidade de homens e advogados.

Ao sahir da Universidade, um passeio de carro mostrou-nos ainda toda a cidade, de que não queremos nem siquer dar uma idéa e, muito menos, uma descripção. As bellas praças de Montevidéo, suas ruas, as lindas construcções, vimol-as ainda, sem esquecer a estatua da Liberdade, na praça *Cagancha.*

É uma alta columna de pedra, de grossura pouco respeitavel, mas que é sufficiente para indicar que, em Montevidéo, a liberdade está tão alta que é inaccessivel. E é bom, emfim, que ella esteja em alguma parte. Não convinha que se depreciasse, apparecendo em todos os cantos. Em todos os cantos o que se vê, em Montevidéo, são muitos generaes e alguns soldados. Ainda na manhã em que visitamos a Universidade, vimol-os em exercicio numa praça. As côres dos uniformes são brilhan-

tes — vermelha, azul e amarella, e a regularidade das manobras, perfeita.

Mais tarde, indagamos de um oriental si a tropa era disciplinada. Depois de alguma hesitação, disse-nos:

— Elles manobram bem...

O cocheiro manobrou, por seu lado, para passar por entre os pelotões, e largou-nos á porta do hotel.

A's primeiras colheradas do *puchero*, especie de sopa de carne cozida, olhamos uns para os outros: — os tres pensavamos na perna do advogado.

BUENOS-AIRES

24 de abril — O transporte de passageiros de Montevidéo para Buenos-Aires faz-se por meio de uns elegantes vaporesinhos, que sobem e descem continuamente o rio. A concorrencia é, em geral, muito grande, o que dá em resultado a agencia de vapores vender bilhetes em numero superior aos dos beliches, com grande indignação dos passageiros que não chegam a tempo de accommodar-se.

A suavidade da subida do rio não admitte enjôo. A consequencia é ficar o salão atopetado de passageiros, que riem, tocam piano, indo alguns até á abnegação do *dominó* e ao heroismo do *xadrez*, emquanto outros discutem politica.

Conservam-se accesas as luzes e as discussões durante quasi toda a

noite, do que já resultaram, ha poucos annos, o incendio de um vapor e, em quasi todas as viagens, alguma via de facto, que, na verdade, é menos perigosa a bordo, que uma via de agua.

A impressão primeira e matutina produzida por Buenos-Aires não é das mais extraordinarias.

Pouca impressionabilidade nossa, ou pouco poder de impressão por parte da capital da Republica?

Seja o que fôr, o caso é que o passageiro, atarefado com as malas, receioso de perder uma encommenda trazida de Montevidéo, ardendo em desejos de saltar no escaler e, d'ahi, em terra, distribuindo *pesos* ao criado e apertos de mão a alguns amigos que o vêm encontrar, não tem tempo para contemplações.

O porto de Buenos-Aires possue a especialidade muito original de não

ser um porto: é uma grande cidade, construida junto á margem de um grande rio; e, como a margem é distante do logar a que podem chegar os navios, ainda os de menor calado, torna-se muito penoso aos conductores de passageiros e bagagens dar com todos em terra.

Até certa altura, o esforço humano, representado pelos braços dos remadores, é sufficiente; depois, é preciso o auxilio sobrehumano de seus robustos cavallos, que, dentro d'agua até ao pescoço, puxam uns carroções enormes mergulhados até aos eixos das rodas.

Olhos habituados a considerar as carroças, os que as puxam e os que as guiam como instrumento essencialmente terrestre da colera divina, que os creou para atropelo e ensurdecimento dos passeantes e moradores das ruas commerciaes, extranham aquella usurpação aquatica dos srs. carroceiros.

Fala-se numa empresa que empregará para o serviço de transporte bôtos, garoupas e robalos ensinados, baseando-se os empresarios nas idéas do dr. Jaguaribe Filho, que propõe, num de seus livros, a domesticação do macaco para a cultura do café; si fôr avante a idéa, dar-se-á a accumulação, para o passageiro que chega, de um robalo servir-lhe de conductor e bagagem e de almoço.

Para o commercio da cidade, é causa de grandes riscos e despesas a falta de agua para os navios poderem atracar e, mesmo, para os grandes escaléres chegarem á terra.

Affirmam que tem sido gradual e progressiva a baixa do rio; debalde a cidade extende cada vez mais os tentaculos das suas tres enormes pontes que avançam para o rio. Não consegue attrahil-o e, apenas alcança-o, já elle está longe. Mais alguns annos, e

Buenos-Aires, como Calypso, não se poderá consolar com a partida de seu rio, e baixará o peixe frito, pela consequente fallencia da empresa de transporte a costas de garoupa.

Emquanto não chega a este estado a bella cidade, o passageiro chega á capital desse Estado, que é a Republica Argentina. Depois das primeiras discussões para a escolha de um quarto no primeiro hotel de segunda ordem, mas muito de segunda ordem, como o *Grande Hotel da Paz*, é forçosa a sahida immediata para vêr a cidade.

O amavel *cicerone* não se poupa a si, nem aos seus *ciceroneados*.

Logo do primeiro arranco, vai vêr-se cousa de muito orgulho para os portenhos : os bancos. Nem querem que o extrangeiro pense que elles só os têm de areia e no rio da Prata ; têm-n-os de marmore, de emissão, de tijolo e de credito, em varias ruas.

O banco da Provincia e o banco Hypothecario são verdadeiros e sumptuosos palacios, onde os dourados multiplices symbolisam bem que os bancos têm por fim a multiplicação do ouro, operação esta que os banqueiros confundem, por vezes, com a subtracção. Os estuques, as pinturas, os crystaes, os espelhos, devem encantar os clientes nalgum desagradavel momento que possam ter e provam mais zelo e solicitude que as direcções bancarias da Republica têm pelo que diz respeito á vista dos seus concidadãos. Vê o extrangeiro outros bancos elegantes, e dizem-lhe que são solidos e, no fim da correria, está tão cançado das innumeras voltas dadas, que chega a preferir ao mais esplendido Banco a mais modesta das cadeiras e a convencer-se da verdade economica — que os Bancos servem para fazer gyrar os capitaes e a gente.

A romaria aos Bancos não completa logo a faina do primeiro dia.

A cathedral, proclamada pelo consenso unanime do genero humano de Buenos-Aires como a primeira da America do Sul, é tambem objecto obrigado de uma visita.

Começada em 1580, sua construcção terminou completamente em 1862, e na fachada, que foi principiada em 1822, está representado, em alto relevo, José abraçando seus irmãos, facto que a symbolica ironia dos portenhos ahi fez consignar, porque naquella data Buenos-Aires se reune ás outras provincias para formar a Republica Argentina. Sabe-se que os irmãos de José não eram lá gente de contas muito limpas e, si vivessem hoje, não escapariam ao Jury e á Penitenciaria. Como foi amavel Buenos-Aires representando as outras provincias nas pessôas daquelles tratantes patriarchaes!

Consignando, mas não descrevendo, as vulgares sumptuosidades do altar-mór e não fazendo, mesmo, questão do epitheto *majestosa*, que parece andar ligado á palavra *cathedral*, como o adjectivo *nobre* ao substantivo *deputado*, é preciso contar que na Sé de Buenos-Aires se vê o tumulo do general San Martin, obra de arte que é grandiosa imitação do tumulo de Napoleão, nos Invalidos.

Sob a abobada de uma capella lateral, eleva-se o tumulo, que é de bronze, sobre um alto pedestal, construido com grande variedade de marmores bellissimos. Inscripções commemoram, em estylo archi-pomposo, os feitos do grande homem.

O valente soldado paraguayo teria muito maior elogio na simplicidade do seu nome. Isto comprehendeu o artista que, na estatua equestre de Belgrano, collocada numa das praças da

cidade, nenhuma inscripção gravou no marmore, ou no bronze, mostrando assim que não se admitte a possibilidade de um argentino não ter gravada no coração a imagem do heróe que a estatua representa. E' pena que o abandono em que está a praça tenha deixado o capim invadir as immediações da estatua. Será para alimentar o cavallo do heróe?

Por falar em inscripções, convém notar as que se lêem como epitaphios nos cemiterios de Montevidéo e de Buenos-Aires. O primeiro é mais pittoresco. Si se concebe a idéa do repouso consciente do corpo após a morte, nenhum logar mais ameno se póde ambicionar que o do cemiterio de Montevidéo.

A' beira-mar, cercado de eucalyptos, cyprestes e oliveiras, ladeado de relva, esmaltada pelas flores que cultivam a mancheias as familias, os

mortos têm morada suave alli, muito mais consoladora para quem pensa que naquelles logares estão sêres que amou, do que a aridez de marmore e de tijolo caracteristica dos cemiterios do Brasil e existente tambem em Buenos-Aires.

Mas, voltando ás inscripções: o estylo é de uma emphase e exaggeração que fazem esquecer a gravidade do assumpto, já compromettida por algumas cincadas de marmore e de bom senso, que aqui e alli apparecem. Um genro a quem morreu a sogra diz ao sol que pare, quando avistar aquelle tumulo; outro individuo diz ao visitante que se descalce e beije tres vezes o chão sagrado onde repousa o que a convenção tem feito chamar *cinzas* de sua mulher, como si ella tivesse sido incinerada. Escusado é dizer que as duas intimações não são obedecidas...

Ha tambem bustos e estatuas dos mortos. Não nos chamaram a attenção os bustos, frios e vulgares, de homens de espada, que estão apunhalando o azul com os seus bigodes por cima dos grossos canutilhos de suas dragonas. Vêem-se enternecedoras estatuas de crianças; ás vezes, o singello busto de uma bôa velha, em que o talento do artista vasou todo um mundo de ternura, que liga ás vezes os dous extremos da vida, representados na avózinha, para quem já vai ser noite, e no rosado netinho, para quem amanheceu o dia.

Foi para muitos desses tumulos que a nossa attenção se volveu. A columna rostral que pésa sobre o tumulo do almirante Brown, corroida de elogios dourados e corôada por uma nau de velas enfunadas, deve pesar muito sobre o illustre marinheiro irlandez, não pelo peso da nau,

mas pelo peso do estylo funerario e do gosto muitissimo discutivel de todo o monumento. Mais eloquente é o tumulo do filho do general Sarmiento. Era um rapaz dotado das mais altas qualidades e cuja carreira, brilhante e curta, teve por ponto final uma bala, que o matou no Paraguay. O seu nome, simplesmente escripto numa robusta e vigorosa columna de marmore partida e sobraçada por uma corôa de louros, exprime em toda a sua grande singelleza o que era aquella vida.

Contaram-nos que o general Sarmiento, esse velho que é hoje alvo de todos os respeitos, quando foi eleito presidente da Republica, se achava nos Estados-Unidos; ao regressar, deixou as honras officiaes, deixou os agradecimentos e cumprimentos aos correligionarios e, antes de tudo, só, quasi ás escondidas, correu ao cemiterio, a visitar o filho morto.

Quem conhece os homens politicos, as suas ambições, as contingencias em que estas os collocam, o amor que todos têm, mais ou menos, ás exterioridades, reconhece neste acto a prova de que o velho general é um caracter e um coração.

Dos cemiterios a transição é brusca, passando-se a falar dos theatros. São tres os principaes: *Colon*, *Nacional* e *Opera*. O primeiro tem por si a tradição de longos annos: alli têm cantado e representado todos os grandes artistas que vieram á America do Sul, e, ainda hoje, a *signora* Borghi-Mamo e Tamagno encantam os amadores do theatro lyrico e os que se querem dar por taes. E' um theatro alto, velho e feio, mas não tão feio que não fique lindissimo quando se enchem os camarotes, formando uma tapeçaria, cujas figuras têm vida, belleza, olhos e leques, como nenhuma

tapeçaria dos Gobelinos. E' alli que os portenhos mostram, orgulhosos, aos extrangeiros as principaes bellezas da sua alta sociedade; alli é apontada mmlle. O., uma grega nascida em Buenos-Aires e cujo decóte de um corpete de velludo preto lembra uma taça de onyx cheia de leite e mostra dous braços que dizem ser os que faltam á Venus de Milo.

No *Nacional*, theatro terminado ha pouco, com todos os requintes modernos, ha muito maior commodidade e elegancia de construcção. Alli, a detestavel companhia dramatica, até ha poucos dias, assassinava, com as circumstancias aggravantes da noite e do logar ermo (pois era nulla a concorrencia) todas as grandes composições.

A *Opera*, de summa elegancia e notavel belleza, não tem opera. Assistimos alli a um grande concerto de musica classica, iniciado por uma so-

ciedade musical muito distincta e executado pela orchestra de Bassi, com mais alguns musicos.

Achava-se presente a melhor sociedade, que justamente applaudiu com enthusiasmo, que não pareceu tão convencional como o que ha, ás vezes, no *Pedro II.*

No mesmo theatro houve um concerto exclusivamente de musica argentina; era nosso companheiro um perverso critico-musical.

Vinte compassos não eram concluidos da symphonia, e já o critico, indignado, abotoava a sobrecasaca, dizendo que era preciso ter cuidado com o relogio, deante de uma gatunagem daquella ordem.

Theatro incolor e sem classificação é o *Polytheama.* Alli, como no Parlamento, depois que se descobriu a liberdade de voto, todas as opiniões e côres são admittidas.

Ainda balançava o trapezio do vôo do ultimo volantim, e já surgia a senhora Pesani recitando o monologo do *Hamlet*.

Além desses, ha outros logares, aonde é levado o extrangeiro, pela sua justa curiosidade e pela amabilidade dos filhos do paiz. Ficam para outra vez.

1 de maio — Esta cidade não tem hoje, dizem-nos, a tranquillidade habitual e os filhos do paiz se queixam da monotonia em outras occasiões, quando não ha, como agora, um motivo de movimento e novidade, como a Exposição Continental.

Não é difficil, comtudo, fazer o calculo das diversões devidas hoje á Exposição ; abstrahir dellas é ter a quantia certa que resta para tempos normaes.

A vida dos portenhos, como a vida de toda gente em toda parte do mundo, é bôa ou má, confórme cada um sabe, ou póde leval-a, desde que em todas as cidades se divide a sociedade em gente que trabalha e gente que se diverte.

A gente que trabalha póde encontrar-se de manhã, quando se visitam os estabelecimentos publicos, as repartições, as officinas, as escolas, as bibliothecas, os museus. A gente que se diverte póde ser encontrada á tarde, passeando em Palermo, ou descendo em *landau*, ou *coupé*, a rua Florida, nos theatros, nas *tertulias* e, ás vezes, em sua propria casa.

Ha uma pequena classe — a dos jornalistas e sequito respectivo, e de um ou outro negociante e empregado publico, — que reune os dous caracteristicos deste plebeado e patriciado que a democracia ainda não destruiu: elles tra-

balham e se divertem, ou, antes, reputa-se que praticam estes dous actos.

A gente que em Buenos-Aires exclusivamente trabalha, não é preciso procurar para encontral-a. Nas ruas, nas lojas, vêem-se esses milhares de extrangeiros, na maior parte italianos, que monopolisam a industria de transportes, dominam no pequeno commercio, emquanto outros compatriotas mais adeantados na carreira da prosperidade, ou mais felizes, dominam na Bolsa, como donos das grandes casas commerciaes, banqueiros e proprietarios de navios.

A classe que exclusivamente se diverte compõe-se das senhoras ricas, ou habituadas a viver como taes, dos filhos-familia e herdeiros ricos, dos negociantes aposentados e dos homens de Estado. E' escusado dizer, affirmem o que quizerem os preconisadores da simplicidade, que a belleza fe-

minina e os requisitos de salão não se encontram sinão nessa classe.

E' preciso, porém, todo o cuidado para não acceitar como verdade a proposição inversa: dizer que isto só se encontra ahi não é dizer que sempre se encontra.

Os diplomatas occupam um logar importante nesta classe.

As casas indigenas disputam entre si a primazia na elegancia, quanto ao numero de diplomatas que as frequentam. Si uma senhora tem rivalidades elegantes com outra, ao apparecer um ministro de qualquer parte, tenta immediatamente apoderar-se delle, antes de sua adversaria.

Todos conhecem os profundos odios que tem creado a mania das collecções: um vaso etrusco contestavel, uma pintura com muito cheiro de apocrypha, têm produzido ciumes terriveis entre mais de dous maniacos. Assim, uma

senhora que em primeiro logar recebe o ministro da Russia é logo odiada por outras, que na sua collecção diplomatica de salão ainda não contavam esta ave rara. Nesta sociedade elegante, é inutil procurar-se qualquer traço de originalidade e de côr local. Não se encontra sinão hespanhol falando muito mal o francez; sabem, porém, commetter solecismos com tanta graça, que toda a Academia não teria a coragem de comdemnal-os.

Os rapazes argentinos que estudam na Europa, e são muitos, encontram sempre uma pronuncia de semi-hostilidade por parte de seus collegas da imprensa, da politica e da litteratura; acham, porém, nos salões a sua compensação: das damas têm o mais que se póde desejar — a curiosidade — porque, si é verdade que a mulher é toda curiosidade, quem excita a curiosidade...

A alta elegancia evita certos nacionalismos, que acha de mau gosto.

Assim, nos theatros ha uma curiosa instituição, que chamam a *coguéla*. E' a terceira ordem, que só póde ser occupada por mulheres.

Alli, pé masculino não maculou aquelle soalho; dizem até que os frequentadores exigem dos empregados uma varredora, em vez de um varredor, e, quando alguma das senhoras da *coguéla* leva um cãozinho comsigo, não é sem mais exames que o pobre diabo póde entrar.

A *coguéla* é frequentada pelas senhoras que não têm quem as acompanhe, pelas senhoras da meia elegancia, que não podem apresentar todas as noites um vestido novo, e pelas familias que perdem algum parente, ou grande parte de sua fortuna.

Conta-se que um estroina de Buenos-Aires se disfarçou uma vez de

mulher e conseguiu penetrar na *coguéla*. Dez minutos não eram passados, e já se dava o signal de alarma: mouro na costa! isto é, homem na *coguéla!*

E dahi, gritos, faniquitos, desmaios, intervenção da policia, que, por ser substantivo feminino, poude entrar e expulsar, por conseguinte, o sacrilego.

Pela frequencia desse recinto, chamado *coguéla*, distingue-se a grande da pequena elegancia.

A primeira occupa soberanamente os camarotes de primeira e segunda ordem, cujas proprietarias, consecutivamente com os seus vestidos, os seus maridos, noivos, namorados e frequentadores de camarotes, sabem que estão sendo victimadas pelas quatrocentas ou quinhentas linguas femininas, que estão destillando da *coguéla* o mais puro e genuino dos seus corações de pomba.

Estas senhoras da alta elegancia não faltam nunca ao obrigatorio passeio do domingo em Palermo.

E' este logar uma bella e larga avenida, com um jardim um tanto enfezado, junto ao rio. Os carros descobertos e cobertos percorrem-n'o dezenas de vezes, formando ellipses alongadas. O talento do cocheiro consiste em mostrar o maior numero de vezes possivel as moças que tem a honra de conduzir; e, si dentro do carro vão homens, consiste em fazer que elles vejam o maior numero de vezes possivel os carros que levam melhor carga.

A manobra mais apreciada é o constante acompanhamento ao lado, com frequentes inclinações para a frente, que dão occasião de vêrem e serem vistos muitas vezes.

Alguns carros têm sempre grande numero de acompanhadores; outros

ha, os que levam as mães, as tias, os pais e as feias, os quaes ninguem se dá ao trabalho de acompanhar.

A caridade é outro divertimento destes senhores, sendo a caridade ruidosa e, principalmente, a caridade divertida: a que se realisa por meio de bailes, concertos, bazares e outras fórmas de divertimento philanthropico.

A's vezes, não lhes satisfazem estas diversões; deste desejo de variar nasceu o que elles chamam *Las Damas de la Caridade*: uma especie de salão, de asylo, em grandes proporções, dando-lhe o aspecto de um orphelinato.

Está confiada a irmãs de caridade francezas a compra do ultimo figurino, e é de suppôr-se que não faltem todos os appendices que acompanham a devoção elegante das mais altas damas de Paris. Assistimos a uma especie de exercicios praticos nas aulas

menores. Versara o interrogatorio sobre a historia sagrada. Perguntava uma joven irmã de caridade e respondia uma adoravel creaturinha de cinco annos, que sabia perfeitamente de cór sua lição:

P. — Que fazia Balthazar em Babylonia?

R. — Entregava-se a toda sorte de prazeres sensuaes.

Recusamo-nos a acreditar que a propria perguntante saiba a significação da resposta.

Que idéa póde fazer aquella irmã e, muito mais ainda, a discipula interrogada, do que quer dizer tal resposta ensinada e dada com tanto enthusiasmo pela loura criança?

E por ahi continuou o interrogatorio.

Crianças de seis annos dissertaram sobre meridiano, sobre ecliptica, sobre o systema planetario, e vimos

duas, cujas edades juntas não dariam dez annos, argumentarem como papagaios sobre o mysterio da Trindade, depois de cantar a taboada, dizendo que um e um faziam dous, dous e um, tres, e affirmarem que tres pessôas formavam uma só.

Vê-se por ahi que a elegante caridade daquellas senhoras que formam a graciosa e respeitavel associação mantenedora do estabelecimento não tem muito claros os principios que regem a formação dos espiritos infantis. Si se tratasse de uma aula de córte de vestidos...

E, no emtanto, não se póde accusar o governo de descurar do ensino feminino. O primeiro estabelecimento de instrucção secundaria da Republica é, talvez, a Escola Normal para mestres. A directora é uma mulher superior pelo seu talento e sua energia; muitas vezes tem feito curvarem-se

ministros que não querem dar ao estabelecimento a attenção a que tem direito.

A superioridade das suas idéas revela-se logo ás primeiras phrases da conversação. Assim, sendo-lhe pedida a sua opinião sobre o congresso padagogico — um *dize tu, direi eu,* — organisado em fórma de sessão, e para o qual veiu o sr. barão de Macahubas, disse que foi á primeira sessão e discutiram-se questões de ordem; á segunda, questões de ordem; á terceira, questões de ordem; passou dez sessões sem comparecer; foi á decima quarta, questões de ordem.

Isto fez lembrar-me de que, para a bôa ordem deste estabelecimento, eu devia ficar aqui, em vez de ir ás sessões. Mas a Escola Normal não foi creada para dar grandes damas a esta mais bella parte da gente que se diverte e diverte os outros.

A parte moça e masculina da sociedade portenha, em geral, tem o necessario polimento para a vida de salão. Entre este grande numero de actuaes namorados e futuros maridos, o talento tem os seus escolhidos. Quantos nomes que o acaso da apresentação nos trouxe aos ouvidos e quantos moços que, em momentos de conversação, nos revelam um talento! Quaes destes nomes não teremos de ouvir e lêr daqui a algum tempo, ligados aos mais importantes acontecimentos do Rio da Prata! Não fazemos nunca juizos: as nossas opiniões não têm a pretenção de ser baseadas na analyse e no estudo profundo dos individuos e dos factos; por isso, só temos opinião sobre individuos e factos que ferem logo a vista. Julgar por impressão não é um methodo, e, justamente por o não ser, tem produzido poucos erros; um bocejo inter-

rompe sempre as demonstrações em certos assumptos. Precedida disto, a nossa opinião se apresenta sem pretenção.

A mocidade argentina póde fazer e faz honra ao seu paiz. Não falámos do talento, que é um dom em toda parte distribuido mais ou menos na mesma proporção.

As occasiões de desenvolvimento intellectual são menos frequentes aqui, do que no Brasil; aqui, a facundia do orador e o estylo do escriptor se reduzem, muitas vezes, a nada, deante da intervenção repetida das baionetas e das patas dos cavallos.

Ha, então, para os talentos a época da reconstrucção; muitos sáem amadurecidos do ostracismo, que não é aqui uma figura de rhetorica, como no Brasil, mas um facto muito positivo e sério; outros emmurchecem, desanimam e morrem para a vida, que é a lucta.

Estabelecida no terreno das bôas maneiras, do trato social, da cortezia e da polidez, não hesitamos em dizer que os moços argentinos são superiores aos brasileiros.

Vicios da primeira educação, originados da existencia da escravidão?

Hereditariedade? (pois os hespanhóes sempre foram mais polidos que os portuguezes).

De Buenos-Aires ainda ha muito que se dizer.

Si não tivermos outra cousa, ou faltar-nos o tempo, faremos ao menos a sua comparação com as capitaes das Republicas do Pacifico, donde a *Gazeta* terá noticias nossas.

VIAGEM PELO PACIFICO

DE BUENOS-AIRES A VALPARAISO

22 de maio — De Buenos-Aires ao porto do Chile, a viagem não tem variedade muito grande. Transportado para Montevidéo o passageiro e dahi levado ao fundeadouro de um dos grandes paquetes do Pacifico, como é o *Iberia*, tem elle deante de si a perspectiva de quatorze dias de viagem e de contemplação do azul do mar e dos olhos das passageiras inglezas. As costas da Republica Argentina, quer da provincia de Buenos-Aires, do territorio do Chubut e da Patagonia, não

são vistas através dos oculos de um myope e nem mesmo pelos olhos experimentados dos marinheiros, tal é a distancia a que passa da terra o paquete.

A bordo, vêem-se inglezes enriquecidos voltando da Europa para as suas salitreiras e minas de cobre no Pacifico; falam um hespanhol aflautado, com entonações quentes das capas de borracha e dos môlhos corrosivos; ha inglezes pobres, que vêm na esperança de passar para a classe acima indicada; ha duas jovens da mesma nação, de grande energia e pés não menores, que vêm ao Chile casar-se com dous jovens desconhecidos, por quem alimentam a mais compassiva sympathia; emfim, os typos inglezes de sempre. Ha mais ainda: o delegado apostolico no Chile e seu secretario, espirituosos conversadores, diplomatas, um pobre hespanhol re-

gressando da Europa, donde trouxe a sogra, homem sujeito a momentos de grande tristeza ; o resto, homens e mulheres do povo, como dizem as indicações que se lêem nas peças de theatro. Outra cousa não se viu até chegar o *Iberia* em frente ao cabo das Virgens, na entrada do estreito de Magalhães.

Ahi, cessou o mal dos mais enjôados, e a tranquillidade das aguas do estreito a todos permittiu o bem-estar, com o que houve entre os passageiros jubilo grande, egual ao do leitor, quando souber que lhe poupamos a digressão historica e geographica que o caso exige e que nos forneceriam facilmente os livros que alli estão na mala. A' direita, os serros da Patagonia e, á esquerda, os da Terra do Fogo constituem a paizagem, e quasi no meio do estreito está a colonia chilena de Punta Are-

nas, onde faz uma parada o paquete. A noite que se approximava, a neblina, a chuva, o vento, o frio, foram razões que desaconselharam o desembarque.

Depois da chegada do professor da colonia, que passara ahi sete annos e voltava com sete filhos, todos patagões, facto lisonjeiro para a fertilidade da terra, e depois de uma noite de repouso, pois os vapores só navegam de dia no estreito, a paizagem, desfeita a neblina, tornou-se mais visivel. Os serros, mais altos, depois de Punta Arenas, apresentavam-se com a sua competente neve, como deve ter, maximé no inverno, todo serro que se préza, no parallelo 52.° austral.

O canal alarga-se e estreita-se nas suas sinuosidades; ás vezes, parece navegar o vapor num lago, tantas são as voltas do estreito, que a prôa e á

pôpa parecem unir-se os serros das duas costas, não se vendo nem a entrada, nem a sahida do lago. Os livros de viagem contam todos que nestas paragens apparecem á roda dos navios os fueginos em suas canôas, pedindo *galletas e rhum*; poderia transcrever qualquer dessas descripções, mas faltaria á verdade historica, porque não nos appareceram os fueginos e nem consta que gente séria jámais os visse.

E' originalmente selvatico o aspecto das costas da Patagonia e da Terra do Fogo. A coincidencia e identidade dos variados e alcantilados recórtes de ambas mostram logo aos primeiros exploradores que a separação da Terra do Fogo foi devida a uma forte convulsão tellurica. Esta idéa impõe-se tão claramente, que é recebida como verdade, e nem é prejudicada por um facto inexplicavel, ou inexplicado, até

hoje: os habitantes da Terra do Fogo diversificam muitissimo dos seus vizinhos do norte, os patagões, a cujo territorio se diz ter estado unida a ilha, que deve o seu nome aos fogos que Magalhães nella avistou.

A lingua, a conformação craneana, as feições, os costumes, tudo é differente entre esses dous povos, que se avistam de uma e outra praia e que se odeiam. Ainda mais: os fueginos, não apresentando signaes de identidade com nenhum outro povo selvagem da America, a sua presença naquelle extremo do continente é um facto que desafia as pesquisas dos anthropologistas.

A colonia de Punta Arenas é uma prova da expansividade civilisadora do Chile. Desde 1842, alli se estabeleceram elles, e, emquanto se debatia diplomaticamente a questão de saber-se a quem pertenceriam aquellas regiões,

emquanto escriptores chilenos e argentinos iam arrancar dos archivos de Hespanha titulos de dominio, o governo chileno firmava a sua posse, a marinha chilena estudava as costas, levantava plantas, os viajantes percorriam as regiões, e, quando a questão chegou ao momento de sua solução diplomatica, o Chile soube o que devia guardar para si e o que podia ceder sem prejuizo.

O tratado de limites firmado entre o Chile e a Republica Argentina deu a esta as imprestaveis costas patagonicas do Atlantico, e o estreito de Magalhães, sem o qual, diz um escriptor argentino, o seu paiz nunca teria uma marinha, ficou todo em poder dos chilenos.

A pretenção era justa. Queriam os chilenos ficar senhores da porta de sua casa, e quem tem a porta tem o corredor, que aqui é representado por

toda a extensão do estreito. E' um esplendido corredor; nenhuma galeria de palacio real tem a sumptuosidade daquellas perspectivas, que se prolongam até á sahida do estreito, no Pacifico.

Neste logar, apresenta-se o cabo Pilar, que está á porta que dá passagem para esta parte tão tormentosa do oceano; as viagens mais bonançosas têm ahi os seus dias de mar bravio. Póde dizer-se que só reina um vento, que não está na rosa dos ditos, mas é muito conhecido dos navegantes: o vento contrario. Parece incrivel, mas é real. Seja qual fôr o rumo do navio, as camadas atmosphericas, sempre em agitação, fornecem-lhe algumas horas de lucta; tem sempre alguns sopros violentos que lhe difficultam a marcha.

O cabo Pilar parece um scenario de 4°. acto de dramalhão, represen-

tando abysmos e sombrias quebradas, onde ha scelerados e bandidos de capa preta e bacamarte.

A phantasia de um scenographo extravagante não chegaria, por certo, áquelle amontoado de negrumes. Uma ilhota, alta, estreita e negra, similha o pilar subsistente de uma ruina; em terra, um gigantesco troço de pedra perfila-se no horizonte ennevoado, e os viagantes chamam-n-o a esphinge, porque, com muito bôa vontade e muita imaginação, se descobrem nas linhas daquella treva petrificada os contornos de uma esphinge egypcia, figura muito conhecida, graças ás gravuras das viagens e á scenographia da *Aïda*.

Em poucas horas desapparece a esphinge, desapparecem os rochedos e, quando se passa ao longo de quatro ilhotas chamadas *Os Evangelistas*, aos primeiros balouços do navio, já

somem os passageiros nos seus beliches. Só ficam no *smoking-room* os valentes, entretendo-se em calcular quando se chegará a Lota, que é o primeiro porto da costa do Pacifico onde toca o *Iberia*.

Allemães de oculos riem-se, porque um delles diz que o Pacifico era pouco pacifico, e a conversa, num canto, circumscripta a um ministro chileno, ao nuncio e seu secretario, a dous brasileiros e a um espirituoso maritimo inglez, percorre livremente o campo fertil da anecdota.

Um recem-casado, que vinha a bordo, exaltava as vantagens do casamento; — « monsenhor contestava-lhe a opinião: Si fosse cousa bôa, pensa que nós, os padres, não haviamos de querel-a para nós? »

E assim até Lota, que é onde se acham as grandes minas de carvão de pedra pertencentes á sra. Cousino, a

archi-millionaria chilena, que com o carvão das suas minas forma, na sua fundição de cobre, grandes barras de metal, e, no circulo eleitoral, pequenos deputados, a quem elege com a sua influencia.

Além das suas minas de carvão, com que Lota fornece combustivel a todo o Pacifico, tem este porto a fundição de cobre, trazido das minas do norte em vapores da casa Cousino. E' esta fundição considerada a primeira da America e a segunda do mundo, porque só lhe existe superior a de Swansea, na Inglaterra.

A immensa actividade daquelle estabelecimento, a quantidade de navios que carregam o cobre e o carvão, o intelligente e pratico espirito que immediatamente se vê naquellas construcções, onde só ha o util e o indispensavel, sem nenhuma custosa concessão feita ao luxo e á vaidade; o saber-se

que, ao norte da costa, até Coronel, ha outras minas e fundições, lembrando-se a gente de que as minas de cobre e as salitreiras do norte dão uma producção espantosa ; que a extracção e venda do guano proporciona ao Estado uma grande renda ; que o trigo é exportado pelo Chile ; que o cultivo da vinha o tem dispensado da importação de vinhos extrangeiros ; ao considerar-se tudo, a gente compara tristemente toda esta riqueza, creada e repartida pelo trabalho livre, com a agricultura brasileira, senhora de escravos e escrava ella mesma dos escravos, pois é voz unanime que sem elles perece o café, a cuja classe disse um candidato mineiro, em circular, pertencer ha muitos annos...

Em Lota, não ha só para chamar a attenção do viajante o espectaculo do trabalho e da industria. A residencia Cousino tem tudo o que a opu-

lencia póde proporcionar de artistico e elegante. O parque, abrangendo dous serros perfurados por tunneis, que dão passagem ás linhas férreas que vão até ás minas, é admiravel.

Cascatas, uma gruta na extremidade de um valle profundo, atravessado por uma grande ponte pensil; os jogos de agua mais variados, as surprehendentes perspectivas que surgem d'entre os massiços de verdura estrellados de fuchsias de todas as variedades, sombreando violetas rôxas e escuras; labyrinthos, estatuas de bronze, dous leões de tamanho natural, fundidos em Lota e guardando a entrada do elegante palacete de estylo Renascença; uma bellissima estufa com todas as plantas da zona torrida; guanacas, avestruzes, vicunhas, lhanas, alpacas, condores e todos os productos da fauna chilena e argentina; tudo isto espalhado numa immensa extensão, onde os pon-

tos de vista são aproveitados com arte immensa, tudo, emfim, faz da residencia Cousino uma moradia principesca, que não tem rival no Brasil.

Ha, num dos mais bellos pontos do parque, uma estatua do legendario indio Caupolican, devida a um estatuario chileno, o sr. Plaza.

Esta estatua, premiada em Paris, em 1878, foi comprada por vinte contos de réis; o indio Caupolican está representado no momento em que, apoiando-se fortemente numa extremidade do arco, o faz curvar. O esforço muscular é perfeitamente reproduzido em toda a sua força, mas com toda a serenidade que dão ao gesto o habito e a certeza; a physionomia apenas contrahida indica a fixidez do olhar, que se cravou já no inimigo, emquanto não o vai matar a flexa que o arco está prestes a receber e despedir.

Esta deliciosa fugida de bordo dura pouco; apenas ha tempo para percorrer-se uma terça parte do immenso parque; mas este exercicio é o bastante para abrir um grande appetite, que faz honra ao esplendido almoço que nos tocou na administração do estabelecimento.

O *Iberia* apressou com a sua sahida a refeição: apenas chegado a bordo, sahiu o vapor.

Vimos logo os fornos das fundições do porto de Coronel, onde havia muitos navios fundeados; passamos a emboccadura do rio Bio-Bio, que tem á entrada uns monticulos, conhecidos por Têtas do Bio-Bio. Avistamos e volteamos a ilha Quiriquina e, ao anoitecer, fundeamos na bahia de Talcahuano.

A bahia é admiravelmente abrigada, e o governo chileno está fazendo ahi grandes fortificações, diques e es-

taleiros, que farão em breve de Talcahuano um porto militar como não ha na America do Sul. Talcahuano está a vinte minutos de viagem, por estrada de ferro, de Concepcion, capital da provincia deste nome, que está ligada a Santiago. Tivemos ahi de presenciar a um cochilo da administração aduaneira do Chile: o vapor fundeou ao anoitecer e só no dia seguinte, ás 9 horas, veiu um empregado da alfandega dizer que não fazia descarga, porque era domingo e porque o tempo estava mau. Só era verdadeira a primeira razão.

O *Iberia* seguiu para Valparaiso, deixando a descarga para a volta. Prejudicados ficaram os passageiros em quatorze horas perdidas e os destinatarios, no atraso de quasi um mez que tiveram na recepção dos seus volumes.

Fez-nos lembrar isto o Brasil.

Foi a ultima noite de bordo esta que tivemos entre Talcahuano e Valparaiso ; pela manhã, estavamos neste ultimo porto.

VALPARAISO

E' costume falar-se dos portos, começando logo pela descripção da entrada. Valparaiso é rodeado de altos morros, sem vislumbre de vegetação; junto ao mar, começa a cidade, que vai orlando os morros, subindo por alguns delles e mettendo-se nas baixadas que os separam. A' esquerda, num longinquo plano da paizagem, apparece a cordilheira esbranquiçada, destacando-se mais alto o immenso cone do Aconcagua, actual monte mais alto do mundo. Dizemos actual, porque, neste seculo de tão pouca estabilidade nos homens e nas instituições, o cargo de monte mais alto do globo tem sido exercido por differentes personagens montanhosos: o Chimborazo, desthronado pelo Everest, e este, ultimamente, em resultado de uma medição feita

pelo sr. Pissis, derrotado pelo Aconcagua, que tomou posse do throno.

Valparaiso offerece uma bella permanencia ao extrangeiro. O primeiro hotel da America do Sul póde recebel-o; ás tardes, tem o passeio do *Membrillo*, que costeia o mar e em cujo percurso se vêem, junto á praia e sobre as montanhas, as formidaveis fortificações, que hoje livram Valparaiso de um bombardeio, como soffreu dos hespanhóes, em 1866, e, no fim do passeio, ha o estaleiro, onde estão dezoito lança-torpedos promptos e em admiravel estado de conservação.

Tem tambem o extrangeiro a visitar o *Cochrane*, famoso encouraçado que tomou o celebre *Huascar* e que tem um *pendant* exactamente egual ao *Blanco Encalada*, tambem da esquadra chilena.

Os aperfeiçoamentos adoptados nestes vasos de guerra, não só per-

mittiram ao *Cochrane* vencer o *Huascar*, mas garantem-lhe vantagem ou egualdade com qualquer outro vaso de guerra americano.

O armamento comprehende seis peças Armstrong, de 23 centimetros, situadas no reducto blindado; os canhões de avante disparam em casa directa e de través, e os dous canhões de trás, do mesmo modo, assim como os do meio, que disparam até 20.°, á popa, de maneira que, combatendo costado com costado, o *Cochrane* apresenta tres peças de 23 centimetros, e quatro, prôa com prôa. O visitante póde examinar todo o apparelho para a conducção e projecção dos torpedos e, no costado, as feridas produzidas pelas balas do *Huascar*.

A alfandega de Valparaiso é de apropriada construcção, que, pelas suas divisões, pela sua regulamentação, pela disposição das repartições, merece ser vista e estudada.

Ha o lyceu de Valparaiso, que é o primeiro do paiz e onde o ensino é excellente, notando-se com prazer a preponderancia que ahi tem o ensino das sciencias physicas e naturaes, que dispõem de excellentes laboratorios, de um museu e de uma bibliotheca, que serviriam para um estabelecimento de instrucção superior. A' noite, não ha espectaculo, porque ha pouco tempo queimou-se o theatro, e não ha companhia na terra; qualquer destas duas razões seria sufficiente para justificar a falta.

Ha, então, a diversão de um passeio pelas ruas: vêr as estatuas — a de Colombo, a de O' Higgins, a de Cochrane e a da Justiça.

Disse um jornal inglez, que se publica em Valparaiso, que nesta cidade só se elevam estatuas aos extrangeiros. A estatua de Cochrane está meio de cara á banda; disseram que num

tremor de terra tomara o heróe aquella posição esquerda.

Ha tambem os bailes da *Philarmonica,* onde se vêem toda a elegancia, toda a influencia e todos os recreios imaginaveis, amostras offerecidas por inglezes e allemães.

Houve um concerto patriotico no dia 21 de maio, em festejo do combate de Iquique, em que Arturo Prat se suicidou, atirando-se sobre a coberta do *Huascar.* As operas *Traviata, Lucia de Lammermoor, Trovador,* foram cantadas e tocadas, notando-se uma aria do *Baile de Mascaras,* cantada por um tenor, que nos affirmaram ser uma celebridade lyrica da terra.

Houve tambem uma ode declamada por seu competente poeta, que trazia luvas brancas, e com razão, porque, nos dias de hoje, luvas brancas só com ode, ou, antes, ode só com luvas brancas.

O que Valparaiso tem, porém, de mais interessante é o seu corpo de bombeiros.

A sua organisação, que Santiago mostra, faz honra ao paiz.

Falaremos della.

SANTIAGO

6 de junho — A feição politica e social deste paiz merece ser estudada muitas vezes, mais nas suas praticas de governo e Parlamento, do que nas suas idéas.

No procedimento pessôal dos depositarios do poder publico, nas fórmas externas da representação nacional, no seu ceremonial, reconhece-se o espirito politico chileno.

A abertura solemne do Congresso nocional realisa-se todos os annos, no dia 1° de junho, numa immensa sala do palacio dos representantes da nação.

A grandeza do salão, por demais despido de ornamentos; a monotonia das casacas pretas, apenas quebrada por uma ou outra farda destacada e pelos dourados do corpo diplomatico, que se enfileira numa extremi-

dade; o ruido secco dos tacões parlamentares sobre o marmore branco; o silencio sepulcral que reina, emquanto todos esperam pelo presidente da Republica — tudo isto augmenta a sensação de frio e de respeito que vem das grandes portas abertas e dá idéa de que se está deante da representação de um povo livre.

Afinal, os vivas do povo á porta do palacio, a canção nacional chilena metallisada pelos trombones das bandas militares, annunciam a chegada do chefe do Estado. Este entra, saudando á direita e á esquerda; vem acompanhado pelo Ministerio e tem o peito cingido por uma larga fita branca, azul e incarnada; nas mãos, em que a rhetorica enxerga as rédias do governo, traz um chapéo alto, um par de luvas e um rôlo de papel, isto é, a fala presidencial escripta. Sóbe a um estrado atapetado, senta-se entre o presidente

do Senado e o da Camara de deputados, e d'ahi póde vêr o reboliço causado pelos diplomatas, que se sentam atravessando o espadim entre as pernas, e os representantes do povo, muito solicitos pelos interesses do mesmo e pelos chapéos e sobretudos, que procuram guardar o melhor possivel.

O presidente da Republica é um homem possante; a sua robustez physica, que se impôe á primeira vista, traduz a inquebrantavel energia do homem de Estado.

D. Domingos Santa Maria, um dos primeiros advogados de seu paiz, eleito ha um anno, vencendo pelo prestigio de seu talento o prestigio do general Baquedano, glorioso e nullo militar que lhe quizeram antepôr, occupa dignamente a cadeira presidencial, e, concretisando esta metaphora no dourado movel de velludo vermelho, em que

s. exc. repousou deante do Congresso, vê-se que occupa o referido movel com essa sympathica bonhomia que tem a sua origem na força verdadeira e na segurança de si mesmo.

Emquanto os secretarios das duas Camaras psalmodeiam insipidamente duas actas, que ninguem ouve, domina o grupo a physionomia presidencial, estampando-se sobre o fundo escuro da parede, além do reluzente chapéo alto, collocado sobre a mesa, e em que mergulha a fala enrolada; e triplicemente sublimado pelas linhas da faixa diagonal, o rosto moreno, annuveado pelo grisalho do cabello e do farto bigode, concentra em si a mesma força com que saberá impôr a todos o respeito.

Annuncia-se o juramento dos representantes da nação. Vem, em primeiro logar, o senador Baquedano, todo dourado, tendo a tiracollo a fita

azul de general em chefe, e todo parecido com Mac-Mahon, de quem tem a serenidade e o bigode. Vêm, depois, os outros senadores e deputados, primeiro, um a um, depois, tres a tres, quatro a quatro, e, afinal, confusamente, e aos enxames, extender a mão direita sobre um livro, e, com a mesma desordem que no Brasil, descerram dos labios um confuso borborinho, que é a affirmação, perante o Deus dos Exercitos, de bem servirem ao paiz, guardarem as leis, a religião etc. etc.

Afinal, o presidente da Republica levanta-se, abre um folheto impresso, contendo a fala ; saca do bolso do collete uma luneta de tartaruga, instituição e traste que, usado por um presidente da Republica, como por S. M. o Imperador, mostra quanto a Monarchia brasileira é republicana, e, constringindo o nariz de s. exc., dá-lhe á voz as mesmas nasalidades dis-

sonantes das nossas falas do Throno. E' assim armado que o presidente, commovido, não como um subdelegado ao agradecer a offerta de um retrato a oleo, mas como um honrado cidadão, sem petulancias de actor ou de eterno falador endurecido, lê a sua mensagem.

Não costuma ser das melhores a litteratura dessas peças, e, estabelecida uma comparação entre a fala do Throno do Brasil e a mensagem presidencial, não se póde negar áquella uma immensa superioridade sobre esta ; a fala imperial tem, sobre a republicana, sem falar no sal de sabedoria que lhe dá o direito divino, o grande merecimento de ser curta, de ter brevidade, a primeira virtude das falas, de que se devem sempre capacitar — dos males, o menor é o preferido.

A mensagem do sr. Santa Maria é um folheto de 27 paginas e outros

tantos capitulos de minuciosidades, algumas em tom de *Te Deum laudamus*, quando trata das victorias chilenas e da protecção da Providencia, que foi desta vez do partido dos aguerridos e grossos batalhões chilenos. Não tem, porém, a fala um tom emphatico e declamador; a prosperidade chilena é alli singellamente descripta, sem exaggero e sem logares communs.

Não ha lamentações sobre os sacrificios que custaram ao paiz as suas victorias; ha, porém, na mensagem a proposta para a construcção de novas estradas de ferro; de um novo ferro-carril entre Santiago por Malepilla, porque não dá vasão ao commercio o actual, passando pelo valle de S. Philippe, e o novo servirá os departamentos de Malepilla e Casa Branca; de outras: de Rengo a Peuno, de Talca a Constituição, de Parral a Li-

nhares; de Coihue a Mulcheu, e o prolongamento da via férrea do Sul, que irá á extremidade da Araucania. Dá mais a fala conta de que, no primeiro semestre deste anno, se installaram novas escolas publicas, de que se originou o Instituto Agricola, crearam-se duas escolas agronomicas, e pede despesas para os lyceus de instrucção secundaria.

Mostra ainda a mensagem que não se descuida o governo do armamento de sua marinha e de seu exercito, apesar do irremediavel e consummado anniquilamento do poder militar do Perú e da Bolivia. Substitue a artilharia de sua esquadra; manda construir dous novos cruzadores na Inglaterra, um dos quaes já está concluido; melhora a Escola Naval e a Escola Militar e annuncia ao Congresso que o armamento em diversas occasiões encommendado na

7

Europa já está todo no paiz, e, em vista de sua qualidade e quantidade, durante muitos annos não haverá necessidade de novas encommendas, ao passo que estão funccionando com toda a regularidade a fabrica de munições, montada para o serviço desse armamento, e o seu natural complemento.

A situação economica fiscal e nacional, segundo se deprehende da mensagem, longe de resentir-se do estado de guerra que o paiz atravessa ha tres annos, vai em crescente prosperidade.

As principaes industrias do paiz, a mineira e a agricola, animadas com os preços remuneradores que obtêm os seus productos, aos quaes a guerra abriu novos centros de consumo, alargaram o campo de sua actividade e robusteceram o poder de sua producção. Uma alta continuada dos valores publicos e dos salarios trouxe, como ef-

feito immediato, um bem-estar economico, que se extende a todas as espheras da actividade nacional. O movimento commercial do anno ultimo ascendeu á somma de 108.565.046 *pesos* (o *peso* vale, approximadamente, 1$800).

O commercio especial da Republica subiu a um total de 99.861.178 *pesos*, algarismos que se decompõem desta maneira:

Exportação	60.519.827 *pesos*
Importação	39.341.351 »

Estes algarismos, comparados com os do anno de 1880, mostram um augmento de 11.591.096 *pesos* no commercio real da Republica e um augmento analogo de 11.556.309, no commercio especial.

No total das exportações, a de mineraes ascende a 47 milhões de *pesos*, isto é, mais 9 milhões que no anno anterior.

A exportação agricola diminuiu de mais de um milhão de *pesos*. Não ha, porém, nada de inquietador neste ultimo resultado, devido principalmente á differença de preços obtidos pelos productos agricolas chilenos, em 1880 e 1881, por causa da sua relação com o typo do cambio.

A este facto, dado com razão como determinante da diminuição no valor das exportações agricolas, em 1881, veiu juntar-se uma colheita de cereaes de excepcional abundancia nos paizes que competem com o Chile nos mercados do mundo.

Vê-se que o caracter transitorio de uma e de outra circumstancia dissipa todo o temor de um retrocesso no desenvolvimento crescente da agricultura.

Ha mais circumstancias que a mensagem presidencial recorda e que são indispensaveis para se apreciar cabalmente a significação dos algaris-

mos representativos da exportação e importação. E' a primeira que os valores de exportação se estabelecem pelos preços correntes das praças donde foram exportados, emquanto que os correspondentes á importação se estabelecem de conformidade com a tarifa aduaneira em vigor desde 1879. A segunda circumstancia a levar em conta é que não estão computados entre as importações os valores de facturas vindas por conta do Estado, já em fórma de artigos de guerra, já de outras mercadorias destinadas a differentes obras e serviços publicos. A receita ordinaria e extraordinaria da Republica, em 1881, foi de 39.008.219 *pesos*, e, como as despesas augmentaram pela guerra, foram de 35.914.417 *pesos* e o saldo, de 3.093.802.

Comparando-se os algarismos acima com os correspondentes a 1880, nota-se, primeiro, diminuição de 5.402.198 *pe-*

sos na receita, e na despesa, um augmento de 4.159.518.

Não obstante, a situação economica fiscal de 1881 é muito superior, na realidade, á de 1880, porque na receita extraordinaria daquelle anno só figura a somma de 2 milhões de *pesos*, importancia da unica emissão fiscal verificada nesse anno; ao passo que, na de 1880, a somma das emissões unidas á proveniente de um emprestimo figurava num total de 16 milhões de *pesos*, havendo, portanto, na receita publica de 1881, um augmento effectivo de 8.597.801 *pesos*, comparativamente á do anno anterior.

A divida publica, que as circumstancias do Thesouro obrigaram o governo a augmentar com uma emissão de titulos de 8 %, em 1876 e 1877, tem a sua conversão muito adeantada; e estas onerosas dividas destes dous annos, que ambas subiam

a 6.174.700 *pesos*, estão hoje reduzidas a 951.100 *pesos* e convertidas em obrigações de 6% ao anno, com amortisação accumulativa de 1%. No periodo de novembro de 1881 a junho de 1882, o Thesouro desonerou-se de obrigações excedentes a 6.410.600 *pesos*, isto na occasião em que o paiz se acha em guerra com dous povos, obrigado a duplicar suas forças de mar e terra e elevar em proporção analoga as despesas exigidas por esta situação anormal.

O papel-moeda imposto ao Chile pela rigorosa lei da necessidade não é argumento contra a realidade das prosperas condições de suas finanças.

No Brasil, onde não é facto virgem (muito pelo contrario) a emissão de papel-moeda sem auctorisação legislativa, deve causar certo pasmo ter o governo chileno, pelas leis de 5 de janeiro de 1881 e 12 do mesmo mez

de 1882, dado auctorisação para se fazer uma nova emissão, e não ter, no emtanto, usado della até hoje, garantindo o proprio ministro da Fazenda que jámais se utilisará da faculdade que lhe proporciona a lei.

Hoje, é esperada, com razão, e num futuro proximo, a volta ao regimen normal da circulação metallica.

Já dentro dos recursos do passado orçamento teria o governo podido iniciar a conversão paulatina do papel moeda. Preferiu tambem o governo attender á solução immediata de dividas mais pesadas para o Thesouro, no que haveria não só uma grande conveniencia fiscal, mas tambem o enrobustecimento do credito do paiz, dando em resultado a elevação do valor de todas as obrigações firmadas pelo Estado.

O progressivo e rapido crescimento do valor do papel-moeda indica que, em época não remota, o preço daquelle

papel alcançará o da moeda metallica, dando, então, logar á conversão de um a outro systema de valores monetarios circulantes, sem violencia, sem abalo e sem sacrificio para a fortuna publica e particular.

Isto tudo dá idéa do que é o governo do Chile e do que é o Chile.

Quando um novo presidente recebe o poder, tem a certeza de que o transmittirá pacificamente ao seu successor, como recebeu, como um legado de prosperidade, devido á sabedoria dos homens publicos do Chile.

Quem conhece o Uruguay e a Argentina, o Perú, a Bolivia, o Equador, a Venezuela, a Columbia e a Nova Granada, admira-se de encontrar ex-presidentes da Republica como D. Joaquim Peres e D. Annibal Pinto, vivos, de bôa saúde, vivendo em suas casas, passeando pelas ruas, contrariando a idéa geralmente acceita de

que, nas Republicas hespanholas, as presidencias levam sempre ao exilio, ou á sepultura.

Isto é explicavel, isto é natural, isto é forçoso, num paiz que um diplomata inglez, mr. Rumbold, pintou como o typo da nação sobria, pratica, laboriosa, bem organisada, governada prudentemente e formando um grande contraste com os outros Estados da mesma origem e instituições similhantes que se extendem no continente americano.

O Chile deve os beneficios de que gosa ás tradições implantadas em sua administração pelos fundadores da Republica, á parte preponderante que a classe educada e rica tomou na direcção dos negocios publicos e ao cultivo esmerado de todos os instinctos conservadores.

Estes instinctos são poderosos; algumas vezes, a sua influencia é tal,

que chegam a abafar a liberdade, mas nunca affectam o bem-estar social, que é a felicidade do paiz.

Manifestação por demais viva destes instinctos é a eleição official, que aqui é uma triste realidade; é a preponderancia despotica do clero, hoje dominante na sociedade, apesar de não estar no governo; é a força inquebrantavel do governo, que quer, póde e manda demasiado e que, si, por uma felicidade, tem até hoje querido, podido e mandado o que é bom, póde querer, poder e mandar, um dia, o que é máu.

Esta excessiva força de auctoridade neste paiz arrancou a um de seus maiores oradores, a um de seus mais brilhantes talentos, esta phrase: «*Ha, na America do Sul, dous paizes organisados: a Republica do Brasil e o Imperio do Chile*».

Ambrosio Hautt exaggerava no seu conceito. Não somos tão Republica, nem o Chile é tão Imperio.

28 de junho. — O Parlamento chileno, composto de uma Camara de deputados e de um Senado, exerce um mandato de tres annos e acha-se actualmente em funcções.

Os elegantes e sumptuosos recintos de ambas as casas têm não sei quê de gravemente glacial, conformando-se com o caracter nacional, sobrio ás vezes e sempre sério. Altas columnas circumdam os hemicyclos, ligando-se superiormente umas ás outras pelas balaustradas das galerias, de onde parecem brotar os galhos de immensas arandellas douradas, que illuminam as pinturas allegoricas da sala esclarecida, durante o dia, pela luz côada pelos vidros de côr da claraboia.

Duas ordens de poltronas estufadas de marroquim pardo encurvam-se symetricamente numeradas, sendo as cinco

poltronas da extremidade da segunda fila, á direita, destinadas aos ministros de Estado; pequenas mesas dispostas em frente ás poltronas fornecem aos representantes do paiz commodidade, penna, tinta e papel, cousas que, juntas ao patriotismo e á intelligencia, bastam para que se façam bôas leis.

Na muralha que une a extremidade da curva do hemicyclo, cava-se uma especie de immenso nicho, em que está collocada a mesa do presidente, ladeado de seus secretarios.

O escudo chileno, azul e vermelho, ponteado no centro pela estrella branca, e donde sáem as tres plumas tricolores, estampa-se no fundo, acima da cadeira presidencial.

Os deputados e senadores chilenos não têm subsidio. A gratuidade do mandato é considerada no Chile dogma republicano. Compensa de algum modo, ainda que insignificante, esta abnega-

ção o abundante *lunch* servido todos os dias pelo Estado e por criados attentos, refeições a que são convidados os amigos dos representantes do povo, — regalia esta que, junta á sumptuosidade dos salões, ao luxo dos ornatos, ao conforto prodigalisado em toda a parte, daria ao deputado chileno uma posição muito mais agradavel do que a do deputado brasileiro, acostumado ao desarranjo e á rusticidade da Camara dos deputados, unica cousa espartana que alli se encontra, si não contasse a respeitavel instituição do subsidio.

A Camara chilena, que funcciona num esplendido palacio, não se reune numa cadeia velha, nem trabalha por cima de uma casa de penhores, circumstancias dignas de nota na Camara dos deputados brasileira. Tambem não se vêem as classicas talhas d'agua, de torneira de chumbo, sitiadas por um pelotão destroçado de copos de duvidosa lim-

pidez, e são egualmente respeitados os principios constitucionaes, os direitos do cidadão e os chapéos, bengalas, guarda-chuvas e sobretudos dos collegas.

Quanto ao direito com que uns e outros penetram na representação nacional, parece que os chilenos, que agora discutem a vaccinação obrigatoria, não encontraram ainda um Jessner, como o sr. Saraiva, que vaccinasse o paiz, preservando-o das eleições feitas pelo governo, variola que ha tantos annos assolava o Brasil. Para affirmar que o actual Congresso é obra exclusiva do governo, temos a opinião de toda a imprensa e a confirmação do presidente na sua mensagem.

Leiamos esta :

« *Muito especialmente recommendo-vos a reforma da lei eleitoral, desacreditada, já pelas lacunas e defeitos que contém, já pela viciosa applicação que della se ha feito.*

Não me engano, julgando que é uma das leis mais difficeis de se elaborar, porque, seja ella qual fôr, desde que chega a época de sua applicação, todos se conjuram, segundo o interesse politico a que obedecem, para sophismar as suas prescripções, com o fim de assegurar-se do proprio triumpho. Devemos trabalhar pela creação de costumes politicos, robustecendo a sancção legal pela sancção mais efficaz da opinião publica.»

Leiamos a opinião da imprensa.

Uma gazeta de Santiago, *El Independiente,* de 30 de maio, tratando do que ia fazer o Congresso novamente reunido, faz muitas conjecturas sobre a marcha futura da politica externa e interna do paiz, accrescentando :

« *Num ponto, seria o mais perfeito accôrdo. Ninguem acredita que o Congresso ouse apresentar um pensamento proprio, que não seja echo fiel do que o*

executivo submette á sua obrigada approvação. E comprehende-se o caso: desde que o Congresso é feitura do governo e não effeito da livre eleição dos cidadãos, logico é que, mostrando-se fiel á sua origem, se ponha ao serviço do governo que lhe deu o sêr, de quem tem a esperar, e não fiel ao paiz, que nenhuma parte teve em sua eleição e que carece de meios de captal-o com promessas, ou reduzil-o com ameaças.»

Ouvir as discussões por occasião do debate sobre o reconhecimento de deputado esclarece tambem bastante este assumpto. Causa pasmo que este paiz, dotado de tanta energia, de uma forte vitalidade, de uma administração tão vigorosamente moralisada, viva até hoje debaixo de uma perversão eleitoral muito superior á dos peiores tempos da intervenção do governo no Brasil.

Todo o antigo mechanismo da fraude eleitoral, peça por peça, desfila deante

dos olhos do observador. As actas, feitas com antecipação, os relogios adeantados, os *phosphoros*, as qualificações phantasticas, a inesperada chamada de supplentes para se constituir a mesa, o accesso da urna vedado ao adversario, as chamadas tumultuarias, livros de actas sumidos, outros apparecidos não se sabe de onde, votos de defunctos, prestidigitação, magicatura grossa no que diz respeito a cedulas, tudo isto, e á larga, appareceu na discussão, e, si não houve derramamento de sangue, o que infelizmente tem succedido outras vezes, foi devido ao triste recurso adoptado pelo partido opposicionista — a abstenção.

Houve varias eleições annulladas, que provocaram animado debate.

Appareceu logo um ou outro voto discordante, sahido, como sempre, do grupo dos descontentes, que naturalmente surgem em quasquer Camaras unanimes, e este descontentamento se

expressou em censuras ao governo, por sua intervenção nas eleições.

E' bastante diversa a fórma do debate seguida no Chile da adoptada no Brasil. Falam em geral pouco. O orador fala sentado, posição desgraciosa e pouco apropriada para a eloquencia; a emissão da voz, que depende do jogo muscular da lingua e da garganta, mantém-se pela funcção combinada dos pulmões e do estomago.

A posição do homem sentado traz uma maior ou menor compressão abdominal, que muitissimo prejudica a sonoridade e o rhythmo da emissão da voz, a qual não póde ser largamente sublinhada pelo gesto, demasiadamente limitado e consistindo, em geral, no Parlamento chileno, ou no voltear da bengala, ou no mudar o tinteiro da direita para a esquerda, indo um mais nervoso ao ponto de dilacerar sem piedade o innocente papel mataborrão.

Os gestos têm forçosamente uma fórma que exclue todo e qualquer rasgo de eloquencia. Ha, além disso, a permissão de fumar, e nas phosphoreiras de porcellana, collocadas sobre as mesas, tomando parte na contradança oratoria que a ellas, como aos tinteiros, impõem as mãos inquietas e febricitantes dos oradores nervosos, risca-se e estala um phosphoro, emquanto se formam luzinhas, que a todo instante apparecem num e noutro ponto. Assim, ouve-se um orador dizer: *Vamos esclarecer a discussão. . .* e — *ziks! triks! traks!* — approxima do cigarro o phosphoro acceso.

Assistimos a duas curiosas discussões.

A primeira sobre obrigatoriedade da vaccina. Dissertaram longamente todos os medicos da Camara sobre a vaccina entre os gregos e os romanos; a lympha oratoria não corria como

a crystallina... sonorosa lympha fugitiva, de Camões.

Era espessa e serosa como a lympha que os srs. esculapios inoculam nos braços das crianças, e aquella serosidade dos argumentos cheios de Hyppocrates e da citação de quanto medico, desde Adão até hoje, andou matando gente por este mundo fóra, dava ao debate a imprescindivel côr local.

Os medicos, porém, desviaram a questão; fizeram prelecções sobre a vantagem da vaccina, deixando de lado a questão do respeito á liberdade individual, e, querendo, sobretudo, dar uma ingerencia, cujos limites se não poderiam prevêr, em todos os actos privados, proclamaram, emfim, a celebre idéa da dictadura para o bem, que tantos males ha produzido e á qual seria até preferivel a idéa da liberdade para o mal, si socialmente não fosse um absurdo acreditar que a li-

berdade deva levar ao mal. O elemento legista, representado pelos advogados liberaes, ia já adoptando a lei, sem dar maior attenção; mas o empirismo medico, pela crueza das suas demonstrações, tornou sensivel o espirito de dominação auctoritaria de que estava eivado o projecto, e este teve de cahir, e lá mataram os srs. medicos o projecto de seu cliente.

Vejam só o que é o habito!

Outra discussão interessante versou sobre phosphoros — materia inflammavel e importante. Um fabricante de phosphoro chileno (dos de dar fogo e não dos de dar votos) pediu ao Congresso isenção de impostos de importação sobre varias materias primas vindas para o seu estabelecimento. Dahi, discussão cerrada.

Um senhor muito feio faz uma larga conferencia sobre os phosphoros mais antigos que menciona a historia;

ia falar de Prometheu, talvez, mas encaminhou seu discurso sobre o phosphoro considerado debaixo do ponto de vista da chimica industrial.

— Que é o phosphoro? perguntou o orador.

Como ninguem lhe respondesse, provavelmente por ignorancia, pensou elle, explicou o que é phosphoro, e os srs. deputados ficaram todos muito admirados de, desde a sua mais tenra edade, accender e apagar todos os dias dezenas de uma cousa tão complicada, tão cheia de nomes arrevezados, segundo explicara e demonstrara o orador.

« *O phosphoro chileno, sr. presidente, está muito longe de attingir a perfeição a que lhe dão direito os altos destinos deste paiz, que cada vez mais se adeanta na senda do progresso. O phosphoro chileno, sr. presidente,* — sabe usted *e a Camara não ignora,*

— *accende difficilmente* — ziks! triks! traks! — *e, srs., ao extinguir-se, exhala um cheiro desagradavel. Queira o nobre deputado que me contradiz dar-me o prazer de riscar tambem um phosphoro e, depois de apagado, cheiral-o.*»

O outro deputado faz uma careta e atira fóra o phosphoro.

« *Veja, sr. presidente, a justeza de minha observação.* »

O que, porém, é certo é que este original e phosphorico orador desenvolveu, depois, as melhores doutrinas economicas sobre protecção e livre cambio, e, repellindo qualquer dos dous systemas em absoluto, com dados estatisticos, demonstrou que, em relação ao fabrico dos phosphoros, era chegada no Chile a hora de uma medida moderadamente proteccionista, e terminou por um projecto repellindo a petição do fabricante de phosphoro e decretando medida ainda mais favoravel aos inte-

resses daquelle e da industria nacional: elevação do imposto sobre a importação de phosphoro fabricado no extrangeiro.

As discussões, em geral, são calmas e reflectidas. O Parlamento tem suas bôas praticas e respeita-as.

E', porém, pena que todo o seu patriotismo, toda a sua illustração, não concorram nos assumptos graves para a direcção e esclarecimento da opinião publica, que, graças á pratica das frequentes sessões secretas, nos mais importantes assumptos, ignora o que pensam, o que dizem e o que resolvem os seus representantes.

Pela lei, basta o simples pedido do governo, para que a sessão se torne secreta.

Imaginem quantas vezes não tem o governo receio de que seus actos provoquem a imprensa e a opinião.

São outros tantos pedidos e outras tantas sessões secretas.

Contra este regimen inquisitorial tem havido protestos de homens eminentes do Chile.

Diz-se que um delles, ao tomar a palavra numa destas sessões secretas, profligou assim o regimen da sombra e do mysterio:

« *Conta-se que, á noite, em sua tenda, estando o marechal de Turenne cercado de seus officiaes, alguns lhe pediram que narrasse uma das suas mais celebres aventuras amorosas.*

« *Tal era a historia, senhores, que aquelle soldado, apesar de estar entre homens, entre militares, tinha o pudor de não querer narral-a. Instado, disse, por fim: — Seja! Contarei; porém, antes, peço-vos que apagueis a luz.*

« *O ministro que vem dar á Camara conta dos seus actos e pede-lhe a sessão secreta, faz como o marechal de Turenne: só ás escuras tem animo*

de contar a sua acção, pede que se apague a luz, pede sessão secreta!»

*
* *

10 de julho — Nas Republicas hespanholas, é cousa muito facil vêr um, ou, mesmo, muitos presidentes da Republica, numa curta permanencia que um individuo tenha nesses paizes.

Vêr um ex-presidente é já cousa mais rara; os ex-presidentes, em geral, estão enterrados ou desterrados, dentro ou fóra dos respectivos paizes, graças ao punhal e ao banimento, processos politicos muito expeditos e seguidos nesta terra.

Na Republica Argentina, vêem-se alguns sobreviventes á sua presidencia e, no Chile, nunca no desterro, ou no assassinato, encontram seu fim os presidentes constitucionaes da Republica.

Excepção da regra, ou, antes, regra da excepção. Mas isto são phases

naturaes da chrysalida presidencial: presidente que foi e presidente que é. Dizem-nos, e cremos que esta ultima posição é, em geral, a preferida, e desta verdade tinha certa intuição um rapazola, que disse um dia a outro, designando-lhe cidadãos que juntos passavam por uma das ruas da Côrte:

— Lá vão dous ex-ministros.

— Ex-ministro, qualquer é; ministro actual, como papai, isto é que é! respondeu o joven bahiano.

Mais raro, porém, é um presidente de Republica, como tive ha dias o prazer de conhecer, presidente original, paradoxal, phantastico, mas, no emtanto, presidente, como os que mais o são. Imaginem um presidente que não póde ser conjugado nem no passado, nem no presente, nem no futuro: não é, não foi, nem será presidente, e, sem embargo, o é. Não é, porque não governa; não foi, porque não go-

vernou ; nem será, porque não governará, e é muito justamente chamado o presidente da Republica, apesar de tudo isto.

Emfim, lá vai o caso, que é longo, e lá vai, porque tenho inimizade antiga com as charadas e os charadistas, sobretudo quando o charadista é uma gorda matrona, de cabelleira luzidia, que, abrindo a boceta de rapé e offerecendo-nos uma pitada, diz: — « Veja lá se adivinha: 2 no ar e 1 no jardim; conceito: está em toda a parte » etc.

O Chile, depois de destroçar a esquadra do Perú, depois de bater o exercito deste paiz, desde Pisagua, ponto do primeiro encontro, até a formidavel batalha de Tacna, emquanto peruanos e bolivianos, retirando-se em atropello, bradavam, depois, á sua imprensa que os chilenos iam depressa encontrar mais adeante o seu castigo e a sua tumba, os chilenos, dizemos,

não tendo encontrado nem castigo, nem tumba, chegaram á entrada de Lima, onde imperava Pierola com grandes discursos, proclamações, pennachos, artigos de fundo patrioticos e artigos bellicosos, que suppriam a falta de artigos bellicos.

Houve, então, duas batalhas: Chonilles e Miraflores; os peruanos desappareceram. Pierola sumiu-se e os chilenos entraram em Lima, os seus officiaes dormiram no palacio dos vice-reis, alojaram seus cavallos nas estribarias dos mesmos, sentaram-se á mesa dos presidentes da Republica, emquanto o modesto e heroico general Baquedano, resistindo á instancia dos seus, mandou parte do exercito occupar a cidade, recusando-se a fazer a entrada triumphante, que houvera enchido a vaidade de algum caudilho sem merito, mas que elle julgou humilhante para uma população inteira e demasiado pe-

quena satisfação para uma alma como a sua.

Foram, sem duvida, sangrentas as batalhas que proporcionaram aos chilenos entrar em Lima; mas comprehenderam desde logo que mais difficil lhes seria a sahida, do que fôra a entrada, e, ha mais de anno e meio, o Chile tem o Perú atravessado na garganta, sem animo de engulil-o de uma vez, ou de largal-o. Após a occupação de Lima, começaram os chilenos de dar a entender que não pôriam muita duvida em tratar com qualquer governo, ou cousa que o valesse, que estivesse resolvido a dar um fim qualquer a esse estado de cousas e reorganisasse, quanto possivel, os negocios do Estado.

Os peruanos estavam muito acostumados a formar governos provisorios, reunir juntas governativas, convocar assembléas constituintes e todos os mais apprestos com que se fabrica por

estas bandas um presidente de Republica. A pericia destes senhores é immensa neste assumpto, graças á larga pratica adquirida, e cremos que nada mais facil que crear um dictador, um presidente, ou uma Constituição, si ainda mais facil não fosse o destruil-a.

Logo á primeira insinuação chilena, agitou-se o patriotismo, e os chilenos promoveram com efficacia a formação espontanea de um governo provisorio, segundo todas as regras e todos os precedentes. Depois de alguns discursos, de varios juramentos de diversas bases da Constituição, foi eleito presidente da Republica, pelo voto de cento e quarenta notaveis de Lima, o sr. Garcia Calderon, homem de muita illustração, probo e respeitavel, que, pelo seu caracter civil e civilisado, parecia aos peruanos, nos apuros em que se achavam, o homem que devia pôr termo á ladroagem dos generaes e

coroneis, o homem ponto final num periodo de desatinos e o inicio de uma novissima época de honestidade.

Não se contentou o Chile em crear um presidente da Republica para tratar com elle. Depois de feito, teve de dar-lhe os precisos retoques. Não tinha o novo presidente prestigio, por não ter meios de acção. *Pas d'argent, pas de suisses,* dizia, e muito bem, o novo presidente; e nestes paizes, onde quasi sempre a guerra se sustenta da guerra, onde as requisições são tradicionalmente praticadas, podia inverter-se o aphorismo: *pas de suisses, pas d'argent.*

Os chilenos deram, diz-se, o dinheiro e as armas precisas para a representação; mas, no melhor da festa, parece que o sr. Calderon se convenceu da verdade de seu papel, pensou que a cousa era séria e deitou patriotismo talvez fóra de proposito.

Mas quem faz, tambem desfaz, e os chilenos anniquilaram a recem-nascida presidencia, que teve por vagido uma promessa de paz, vagido que o sr. Calderon quiz converter, mais tarde, num brado de resistencia.

Ia tudo ás mil maravilhas, e do que havia passado já era pequena a preoccupação: quem morreu, morreu.

Aconteceu, porém, que o Chile se arrependeu da primeira determinação; a creatura revoltara-se contra o creador.

O novo presidente, ainda quente do forno eleitoral, viu-se, um bello dia, apprehendido e transportado cuidadosamente até ao Chile, onde chegou sem quebra, nem outro damno. Si o presidente do Perú fosse um soberano sagrado, dir-se-ia, talvez, que os chilenos levantaram mão sacrilega sobre o ungido do Senhor, e o darem-lhe passagem a bordo de um paquete chamar-se-ia arrancal-o á força de baionetas.

Perdôe-nos, porém, a rhetorica o prescindirmos destas fórmas; o sr. Garcia Calderon foi trazido ao Chile e... nada mais.

Sentimos tambem não poder dar aqui uma horrivel descripção do carcere Mamertino, onde o atiraram; temos pena verdadeira de não poder descrever-lhe os pulsos arrôxeados pelo apertar das algemas.

Que phrases cheias de indignação! Que bonitos rasgos de sentimento!... Mas é uma lastima, que não dá gosto, o escrever nestes tempos, onde não ha destas bôas cousas, tão propicias aos dramaturgos, poetas lugubres e outra gente amante de cousas tristes.

O sr. Garcia Calderon foi prosaicamente deixado em Chilota, estação da ferro-carril que une Santiago a Valparaiso, onde, á sombra das laranjeiras e das limeiras, poude reflectir a gosto sobre a inconstancia da sorte e a

perpetua instabilidade das presidencias de Republica.

Ao cabo de alguns mezes, commoveram-se as entranhas do governo chileno e teve o prisioneiro permissão para mudar de enxovia, isto é, deramlhe licença para viver em Santiago, no hotel *Inglez*, onde acabo de ter o prazer de o conhecer.

E' elle o presidente da Republica metaphorico, phantastico e de nova especie, a quem nos referimos. Elegante, mediando entre quarenta e cincoenta annos, branco-ruivo, lhano, serio, contrastando com o typo e o caracter peruano, as suas maneiras são o requinte do bom gosto, que distingue os que têm merito dos que o não têm.

A sua delicada posição de presidente *in partibus*, de prisioneiro sobre cujos passos estão applicados os cem olhos do Argos chileno, impõe-lhe reserva de linguagem, a que cada um

se deve conformar, dictando por ahi as suas perguntas.

Esperavamos um homem agastado contra os seus carcereiros, dando mostras de impaciencia.

Engano. A sua linguagem sobre o Chile e os chilenos foi a mais moderada: nenhuma queixa, nenhuma accusação, e apenas divisava-se-lhe no olhar e na voz certa emoção, quando, referindo-se aos ataques da imprensa santiaguina, dizia: «*Estes senhores se esquecem muito de pressa de que o meu crime é precisamente o que elles apregôam como virtude nos seus estadistas e se vangloriam de praticar: o esforçar-me pela felicidade de minha patria e promover a sua defesa*».

E dahi a conversação se encaminhou naturalmente sobre o Perú, os seus homens, o seu clima, commercio etc.; sentimento pelo predominio que até hoje tem tido no Perú a caudi-

lhagem, mais ou menos despotica, mais ou menos civilisada; profundo e digno pesar pelas actuaes desgraças peruanas e a evidente descrença que mal encobriam algumas phrases revelando esperança de reanimar-se em breve o seu paiz, — taes eram as idéas externadas pelo sr. Calderon, na larga conversação, de que não estiveram excluidos uma ou outra picante observação e um conceito espirituoso.

Sobre o trabalho chinez no seu paiz, aquelle homem, que, jurisconsulto, estadista e rico, é conhecedor e personagem da situação legal, social e economica da patria, disse que os effeitos desse trabalho foram perniciosissimos ao seu paiz.

Historiando a introducção dos chins, que inundaram o Perú, sob o mesmo pretexto debaixo do qual querem trazel-os ao Brasil — o de servirem de transição entre o trabalho escravo des-

organisado pela brusca emancipação proclamada no Perú e até hoje odiada e evitada entre nós, — lastimou elle tão grande erro economico por parte dos seus compatriotas.

A falta de homogeneidade das raças constituintes da nacionalidade peruana, onde se hostilisaram o branco, o indio e o negro e os seus cruzamentos, encontrou no elemento chinez adventicio uma aggravação do enfraquecimento nacional. A quasi escravisação do chim continuou o imperio, na nação hespanhola e antiga, de ser cousa vil o trabalho, emquanto que a sua sordida economia lhe permittia contentar-se com um salario que constituia uma concorrencia anniquiladora para o trabalho livre, nacional e extrangeiro.

Veiu, depois, a conversação sobre as vias de communicação existentes no Perú, onde as difficuldades da natureza, nos rios caudalosos, montanhas eleva-

das, brenhas espessas, uns logares desertos, arenosos outros, e, por outro lado, o atraso commercial e a incuria administrativa tornam inaccessiveis fertilissimas regiões até hoje cerradas á civilisação e ao trabalho.

Então, ao enthusiasmo que manifestava nas descripções daquellas queridas paragens, succedia, no semblante e nas phrases daquelle sympathico homem, um resaibo de tristeza, quando lamentava a actual situação daquellas terras.

Neste ponto, trocadas as amabilidades do estylo, e que nesta occasião tiveram o sainete de verdadeira cordialidade, despedimo-nos daquelle soberano, que não chegou a reinar e que, estamos convictos, reinaria, por certo, esforçando-se por salvar nobremente seu paiz.

Prisioneiro, isto é, não podendo sahir de Santiago, a sua masmorra é,

por ora, um elegante salão, onde, no *lunch* que foi servido, não figurava o pão negro do prisioneiro, nem, por certo, era a classica bilha d'agua a facetada garrafa de crystal, nem a palha tradicional, o estofo macio das cadeiras acolchoadas.

Um piano aberto, musicas espalhadas, a gentileza e a amabilidade de mme. Calderon, um certo ar de calma, que naturalmente a gente compara ás perigosas agitações de uma presidencia do Perú, tudo isto dava á mansão do prisioneiro uma apparencia muito diversa do aspecto de um carcere duro e severo. Alli, si não ha alegria para o homem publico, ha felicidade e calma para o particular.

E' verdade, esquecemo-nos de dizer que o sr. Garcia Calderon tem em sua companhia a sua dedicada sogra, que o acompanhou até ao desterro.

Agosto — O ferro-carril que transporta o passageiro de Valparaiso á capital do Chile é propriedade do Estado e custou á Republica, approximadamente, 15 milhões de *pesos* e só se concluiu depois de 10 annos de trabalho.

Começando-o em 1851, o Chile teve que pagar o tributo de inexperiencias e hesitações que sempre acompanham um commettimento de novo genero.

A' sahida de Valparaiso, rompe o traçado as montanhas da serra costina, que corre parallela aos Andes, formando como que os rebordos de uma telha, em cuja cavidade está o grande valle central, que se prolonga de Santiago até ao sul, ora apertado, ora alargado pela approximação, o afastamento das duas ordens de montanhas, mas sem-

pre ininterrupto, indo a serra do littoral diminuindo para o sul e, mesmo, desapparecendo, cessando o seu parallelismo com os Andes, que continuam ainda a extender-se muito além.

Ao norte de Santiago, começam a entroncar-se as extremidades de serra com que uma e outra cordilheira parecem querer alcançar-se; os valles são estreitos, formados em todos os sentidos, e, quando os cordões de montanhas não chegam a tocar-se, apparecem valles alargados, falhas de montanhas, similhando meatos de um tecido organico.

Vê-se, pois, quanto é difficil a construcção das estradas de ferro chilenas; os trilhos se vão esgueirando pela estreiteza dos valles, dando immensas voltas, até chegarem ao fim, ou, no abaixamento de uma serra, apegando-se com ardor a um rio que, ás vezes, apparece e que tem nas margens alguns metros de planura.

Nestes valles, nestas fitas e pedaços de terra, onde o escarpado das montanhas não impossibilita a cultura, quem passa pelo trem de ferro tem o espectaculo da riqueza e do trabalho emmoldurado pela tarja de prata dos cimos andinos e contrastado pela desolada aridez das ultimas e grandes ondulações da cordilheira, que parece querer precipitar-se sobre os *wagons*.

A montanha é aqui o inimigo. O cultivador volteia-a, procura no abaixamento de suas fraldas onde possam brotar as plantações, onde o trigo e o milho possam encontrar um terreno apropriado; ás vezes, lança na encosta da montanha as suas vinhas, constituindo reservatorios elevados para irrigação, dispondo-os de maneira que as chuvas do inverno não os façam rebentar e arrojar-se pelo morro abaixo, levando comsigo paredes e vinhas, indo

depois afogar as culturas que se extendem nas baixadas. O homem, vivendo entre as grandes montanhas deste paiz, parece estar entre uma manada de monstros ante-diluvianos, que, na impassibilidade de quem nem percebe o microscopico, deixando-o approximar-se, não vêem o ferro carril e os canaes, — estes, vestigios sinuosos de caracol, que lhes passam pela pelle, — e não sentem as borbulhas parasitarias que lhes faz o constructor de uma habitação humana.

Uma simples respiração do monstro por seus vulcões, uma contracção e um estremecimento muscular apavoram o homem, sabedor de que estes estremecimentos são ás vezes tão fortes, que as casas vêm abaixo, o mar entra pelas terras a dentro, as montanhas se partem, os rios sáem fóra de seus leitos e as cidades são sacudidas como poeira.

No mez de maio, o inverno já faz sentir bastante a sua approximação.

Os alamos, que se perpendiculam uniformemente junto ás habitações e se extendem pelos campos, têm já no chão a metade de suas folhas, e o resto de sua folhagem, amarellecida e morta, pouco tardará a cahir. Os eucalyptos resistem e conservam sempre as suas folhas de um verde glauco; têm os troncos esguios, retorcidos, seccos, rebentando-se-lhes a casca, que se esgrouvinha e se despega. Os campos, divididos e demarcados em grandes taboleiros, são tristes, rasgados em longos sulcos pelos arados. Terminaram já, ha tempo, a ceifa e a recolhida do trigo, e só aqui e alli se vêem quarteirões de milho que mais tarde foram semeados e só agora estão sendo despojados de suas espigas. A vindima ha pouco terminou; os gran-

des parreiraes, já quasi sem folhas, têm um ar devastado.

Nas proximidades das povoações, apparecem as pereiras, as macieiras, os marmelleiros, os pecegueiros, as ameixeiras em florestas seccas de chicotes, que contrastam com o verde das couves, dos repôlhos, das alcachofras, das alfaces, destacando-se sobre o negro da terra vegetal núa e apenas pontilhada de verde nos canteiros, onde rebentam as hastes dos espargos.

E assim, ligeiramente sacudido nas almofadas de sovado marroquim preto, vem o viajante, até Santiago, contemplando panoramas novos e deleitosos de dentro de *wagons* velhos e incommodos.

A capital da Republica é ao mesmo tempo o coração e a cabeça do paiz. A administração concentra-se toda aqui; o ensino superior aqui está; a supremacia clerical exerce daqui sua influ-

encia por todo o paiz, graças aos trezentos padres que ha nesta cidade, pertencentes á melhor sociedade, e á riqueza de seus conventos de ambos os sexos. Não ha nação em que a lei e as praticas governativas tenham creado uma centralisação mais forte do que neste paiz, e, em vez de Santiago do Chile, seria mais justo dizer-se Chile de Santiago.

O luxo e a riqueza dos agricultores e dos mineiros dá á população de 190.000 habitantes o tom europeu, requintado ainda pelas tradições de antigas familias da colonia, que conservam o patriciado sem titulos, sem brazões, mas com a altaneria de raça e o exclusivismo que a democracia, inherente á Constituição, lhes perdôa, pela sua provada dedicação á causa publica e pelas suas riquezas.

Os edificios da cidade provam a riqueza dos habitantes e a solicitude centralisadora da administração.

Os palacios particulares correspondem e ás vezes excedem os edificios publicos, que são em geral excellentes. O palacio do Congresso, onde se acham reunidos o Senado e a Camara dos deputados, é esplendido. Na sobria sumptuosidade das salas das sessões, nas dependencias, em tudo, é superior á Camara dos deputados do Brasil, que funcciona por cima de uma casa de penhores, á rua do Areial.

A casa do governo, onde se dá o despacho presidencial e onde se acham todos os Ministerios, o Thesouro e a Casa da Moeda, sendo por isso chamada *La Moneda*, — é uma velha casa, grande e feia, legado hespanhol, e, si não fosse o relativo asseio que se encontra nas salas, a gente se julgava numa das velhas repartições do Brasil.

Ha uma douradissima sala vermelha, chamada do governo, destinada

ás recepções diplomaticas e a alguns outros actos solemnes, em que o presidente se senta debaixo de um docel, num incommodo e rico throno, quero dizer: numa rica e incommoda cadeira.

Ha, além das enumeradas, a Universidade, que terá mais minuciosa noticia; a cathedral, que dizem ser a primeira da America do Sul, tal qual como a de Buenos-Aires, e o palacio archiepiscopal, que é esplendido por fóra e foi construido de maneira a mostrar que o clero e o governo deste paiz são todos gente muito pratica e positiva.

Foi o caso que o clero, uma vez, poz-se a pensar e percebeu que o arcebispo não tinha um palacio...

— Venha de lá um palacio, disse o clero.

E o governo ia já tartamudear a celebre resposta de todos os governos so-

bre a falta de verba, quando os trezentos e quarenta clerigos de Santiago bateram os seiscentos e oitenta pés, dizendo que não queriam palavrorio, mas, sim, palacio, — *res, non verba.* E, como aos governos, em geral, não lhes custa muito cumprimentar com o chapéo dos contribuintes, lá tirou o chapéo deante dos barretes e solidéos.

Mas o governo do Chile é escrupuloso, queria contentar a todos, e, como estava com o chapéo na mão, poz-se a coçar a cabeça. O clero de todos os paizes é pouco amigo de construir palacios á sua custa; não é lá porque tenham amor ao dinheiro, oh, não! Mas, que querem? E' uma scisma propria delles...

— Si nós arranjassemos a cousa cá em familia?... aventurou o governo.

— A vêr, a vêr, disse o clero.

— Eu pago o palacio... *bene, bene* luxuoso... *optimé,* com columnas de marmore...

— Apoiadissimo!

— ... mas os tempos não andam bons...

— Hein?

— Não se assuste, reverendissimo; pago, pago... sim, senhor. Vamos fazer o palacio e, depois de feito, alugamos; quando os alugueis tiverem amortisado o dinheiro, fica s. revma. com o palacio.

— Pois está feito, concluiu o clero.

Terminado o palacio, foi subdividido, e as modistas, os ourives, barbeiros, agentes de cambio, advogados, perfumistas, confeiteiros e familias foram invadindo a casa, que iam sublocando, por sua vez, por partes e com contratos em regra.

A medida que os contratos vão terminando, a egreja vai extendendo

os seus dominios com a expulsão dos mercadores que profanaram e pagaram o templo.

Hoje, com a retirada de uma modista e de um barbeiro, a secretaria do arcebispado já funcciona em parte do palacio, que ora ouve o ranger das pennas dos amanuenses, em vez do ruido das tesouras e das machinas de costura. Na sala do barbeiro, a collecção dos retratos dos arcebispos substituiu umas lithographias representando moças com passarinhos nos dedos e odaliscas... E assim terá, em breve, o arcebispo de Santiago um palacio. Por ora, não o tem, e nem Santiago tem arcebispo.

A substituição de monsenhor Valdevieso, o illustre arcebispo fallecido ha quatro annos, é um dos pontos mais delicados e uma das novas phases da questão religiosa neste paiz.

Adoptaram o regimen da união da Egreja e do Estado; os governos do

Chile adoptaram, para a defesa do Estado, a instituição hespanhola do padroado, identica á que compete ao governo brasileiro.

Os bispos atravessam muitos annos, acceitando tacita e continuamente esta instituição, legitimada pela Santa Sé, e recebendo os candidatos ao episcopado propostos pelo governo.

Ha alguns annos, os bispos começaram a trabalhar contra o governo, contestando a existencia do padroado, e, sustentados por um clero numeroso, illustrado e prestigioso por sua virtude e riqueza, firmados na maioria da população, têm trazido ao governo sérias difficuldades.

Ainda ha dias, houve com o bispo de La Serena um conflicto, porque pretendia este retirar-se do paiz sem licença; o governo fez-lhe saber que impediria pela força a sua sahida, e esta resolução de muito contestavel legali-

dade, não solveu a questão: adiou-a, irritando os partidos.

A posição do clero é muito especial neste paiz. A aristocracia chilena, respeitavel pelo patriotismo, não é uma simples classe dirigente, cuja necessidade é imprescindivel para a bôa organisação de uma sociedade que se não deixa seduzir pela concepção metaphysica do que seja a democracia, classe dirigente, que deve ser composta dos que mais sabem e dos que mais podem. Uma parte muito pequena desta aristocracia merece o nome de dirigente; a outra é uma classe dirigente, mas que é apenas dirigida pelo clero.

Esta classe dirigida constitue o partido conservador, impropriamente chamado tal, porque é reaccionario. E' admissivel abster-se o partido conservador de reformas progressistas, mas de nenhum modo tem este par-

tido a missão de destruir reformas já realisadas e acceitas, para volver atrás. O retrocesso não é conservação, e o partido conservador do Chile quer retroceder. Todavia, parece crescer a classe dirigente, civil e autonomica, que constitue o partido liberal.

Não é com certeza a força do actual governo pertencente a este partido e ora no poder, onde se sustenta por si mesmo e pelo prestigio das victorias alcançadas sobre o Perú, não é isto que fará crescer este partido.

A permanencia no poder não dará ao partido liberal bastante força sem o desarmamento do clero, que é hoje o sustentador, o guarda de preconceitos oligarchicos, antinomicos, da organisação republicana, e que não é um perigo para a liberdade. De facto, o poder civil do clero é enorme; seus meios de despotismo não são os dos cleros de outros paizes: elle é

oligarchia, elle mesmo é o sustentaculo da oligarchia leiga, de que é director.

Os beneficios ecclesiasticos só vão parar ás mãos dos clerigos ricos e de familias antigas que, antes de serem clerigos, são aristocratas.

Quem visitar o Seminario de Santiago se convencerá de que a oligarchia reaccionaria tem no clero um fomentador incançavel. Visitando este grande estabelecimento, que abrange sete enormes pateos ajardinados, chegamos a um delles, e o padre que nos conduzia disse-nos que era o pateo dos Damianos. Vendo imminente uma interrogação, disse-nos que os alumnos de familias obscuras, pobres, não pertencentes á bôa sociedade, estão separados dos outros naquelle pateo; têm brinquedos, sala de jantar, dormitorio, estudo, aulas e até capella separados dos alumnos da bôa

sociedade, que a direcção do Seminario não quer deshonrar, fazendo rezar junto de um simples condiscipulo plebeu. — «E, disse-nos o padre, como S. Pedro Damião era de origem muito humilde, escolhemol-o para padroeiro destes meninos, que por isso são chamados dos Damianos».

A nossa resposta foi uma interrogação:

— Porque não escolheram Jesus Christo, que era filho de carpinteiro?

As communicações entre o Chile e o Perú não se estabelecem sómente por meio de notas diplomaticas, transportes de guerra, cargas de cavallaria e balas de 400 *libras*, como aconteceu nos momentos que precederam a guerra e durante ella.

Encarrega-se da communicação a *Pacific Steam Navigation Company*,

poderosa empresa, que tem uma flotilha de grandes vapores sahindo duas vezes por mez de Liverpool, com escala pelo Brasil, e que, ha annos atrás, tinha vapores semanaes. Outros vapores menores fazem o commercio para Callao, e outros ainda, da mesma companhia, vão até Panamá, onde termina a exclusiva dominação do commercio inglez, substituida pela influencia decisiva dos Estados-Unidos, cuja proximidade se revela pela bandeira estrellada dos navios e pelas physionomias *yankees*, formando a maioria da população commercial dos portos e mercados.

A Companhia do Pacifico, organisada a custo, em 1840, pelos esforços de um inglez, mr. Wheebright, (o que lhe valeu com outros serviços uma estatua em Valparaiso) é hoje senhora absoluta daquellas costas, onde impõe os seus fretes, tendo vencido a concorrencia franceza e não se incom-

modando muito, ao que parece, com as fracas e recentes competencias de uma companhia allemã e de uma chilena, que se limita, esta ultima, á navegação costeira.

E', pois, ella que se encarrega, por bom preço, de fazer gratis o que não têm conseguido os bons officios da diplomacia — ligar o Chile ao Perú.

O *Ayacucho*, um dos vapores bisemanaes da linha entre Valparaiso e Callao, é como os demais: pequeno, regularmente asseiado. Por nunca sahir da zona hespanhola, tem perdido muito na rapidez britannica e ganhado uns certos aspectos hespanhóes, revelados nos copos de duvidosa limpidez, nos pratos rachados, no manchado das toalhas e nos metaes embaçados. O numero de passageiros, consideravel á sahida, vai diminuindo pelos desembarques nos portos que medeiam entre os extremos da navegação. E ha

portos a valer: Coquimbo, Peña Blanca, Huasco, Carrizal, Chañaral, Taltal, Papozo, Antofagasta, Caldera, Pisagua, Junin, Iquique, Arica e Pisco, não tendo o paquete, por muito favor, tocado em Islay, Cobija, Mejillones e outros portos.

Realisa-se, por esta fórma, a viagem em dez dias, e torna-se variada pelo desembarque em alguns destes innumeraveis portos.

Coquimbo é uma cidadezinha regular. A oéste da povoação, ha uns serros de fórmas extravagantes, que, como toda a paizagem, têm por attractivo a mais desesperante aridez. Num e noutro ponto fumegam chaminés de fundições de cobre, formando pennachos brancos, que se elevam de todos os pontos desta costa.

Um ferro-carril proporciona ao viajante occasião de ir até La Serena, capital da provincia, e de volta, a bordo,

ao comparar o que viu e o que ha numa obra descriptiva do paiz — *Chile Illustrado*, de que pasmo retroactivo não fica possuida a gente, pelas bellezas que, a julgar pelo livro, pullulam em La Serena?! Provavelmente, a municipalidade, zelosa como deve ser, tem os pontos de vista, os aspectos pittorescos, os monumentos interessantes guardados debaixo de chave, e elles só apparecem nos dias festivos.

De Coquimbo por deante, segue-se, ora em planicies arenosas, ora em vislumbre de verdura. Logo fronteia o vapor o deserto de Atacama, pequeno Sahara americano, desolada terra de horror e de miseria. Ahi, annos e annos se passam, sem que caia uma gotta d'agua, e, junto ao mar, a condensação da agua evaporada nem siquer humedece os grãos superficiaes das camadas de areia e as aréstas e escabrosidades das rochas cinzentas e

amarelladas. A mais sobria das plantas, o cacto, a mais selvagem, o lichen, a mais facil de viver na aridez, o animal mais rude, não apparecem em todo aquelle territorio. Ha umas abertas entre os serros, que, em certas épocas do anno, apresentam poças de agua, ás vezes ligadas entre si, tentativa timida de um regato, cuja humidade nem sempre é sufficiente para que a vegetação se anime a apparecer.

Os viajantes, os sabios têm estudado a razão da ausencia das chuvas nestas regiões, e a mais racional parece a claramente expendida pelo sabio italiano Raimondi. Este illustre homem de sciencia, ha muitissimos annos, reside no Perú, cuja natureza estudou profundamente, para o que encontrou todo o auxilio por parte dos differentes governos. O resultado dos seus trabalhos está nos seus mappas

e seus outros estudos, que formam um riquissimo cabedal scientifico em tudo quanto se relaciona com o Perú.

Os governos de Lima seguiram neste ponto o do Chile e o da Republica Argentina, que não têm economisado no que se refere ao conhecimento scientifico do paiz.

E' este um contraste com o do Brasil, onde o professor Hartt foi perseguido e onde todos acham disparate o menor dispendio nestes assumptos.

Em compensação, o Chile, a Republica Argentina e o Perú têm as suas cartas definitivas, as suas producções conhecidas, preparos que ninguem tratará como indifferentes para as forças naturaes destes paizes.

Segundo o opinião do sr. Raimondi, a ausencia das chuvas em certa parte da costa occidental da America do Sul tem sua causa principal na direcção dos ventos; mas pensa ainda o

mesmo sabio não ser este o unico factor do phenomeno, que muito se relaciona com a formação do terreno sobre o qual passa o vento. Sendo o mar a principal fonte dos vapores de agua espalhados na atmosphera, estas evaporações da superficie erguem-se até a um ponto em que, sendo mais baixa a temperatura, se reunem, se combinam, se condensam e se tornam visiveis sob a fórma de nuvens.

Os vapores de agua que ha pela atmosphera, quer os invisiveis, quer os visiveis, condensados em nuvens, permaneceriam immoveis sem os ventos produzidos pela desegualdade de temperatura das differentes regiões. Disto resulta não só que os ventos são os meios de transporte dos vapores d'agua para o interior dos continentes, como o conhecimento de que qualquer vento é tanto mais carregado de vapor de agua, quanto maior fôr a superficie

do oceano por elle percorrida. Mas, para que os ventos transportem para o interior uma grande quantidade de vapores, é necessario seguirem elles uma linha que, vinda do oceano, córte a terra. Um olhar sobre o mappa mostra que a fórma geral do continente sul-americano é a de um triangulo, cujo lado occidental, com pequenas differenças, corre todo de sul a norte. Ora, observando-se que a direcção do vento que prevalece nesta costa da America é a de sul a norte, e, por isso, seguindo os ventos uma linha parallela á da costa, apenas a tocam, sem penetrar no interior das terras.

A immensa extensão de areia que se extende nas costas é tambem causa da ausencia de chuvas, porque, sendo a areia um bom conductor de calorico, sob a influencia dos raios solares, evapora a corrente de ar quente, impedindo a condensação dos vapores aquo-

sos. No inverno, estando a atmosphera mais fria e sendo a areia melhor conductora de calor que a agua do mar, torna-se mais fria que esta, e deste abaixamento de temperatura resulta a condensação de vapores, produzindo as neblinas tão frequentes nesta costa.

Esta explicação é a mesma que tem cabimento no que diz respeito á falta de chuvas no Egypto e costa oriental da Africa.

A explicação do sr. Raimondi sobre a ausencia das chuvas nesta costa da America não é uma tautologia, como aquella em que se tem intricado muita gente falando do córte e da conservação das florestas, quando diz que ha florestas, porque chove, e chove, porque ha florestas. Ella tem todos os requisitos para satisfazer.

Esta costa deserta, ou quasi deserta, parte chilena, parte boliviana

e parte peruana, estas terras, embora pareçam á primeira vista votadas á miseria, poderiam chamar-se aterros de milhões. Alli, o ouro, a prata, o cobre extendem seus veios, que, immergindo na terra, como immergem as raizes das plantas — horizontaes, umas, inclinadas, outras — mergulham no sólo. Ha veios colossaes, raizes de robles e cedros, outros menores, insignificantes, radiculas de gramineas, sufficientes para fazer um millionario. De espaço a espaço, sobrenadam, como circulo de azeite sobre a agua, desdobrando-se em grossos lençóes occultos sob camadas de terra espessa, os grandes campos de nitrato de soda. Este producto, pouco conhecido em outros tempos e de limitada applicação, é hoje a riqueza principal destes paizes, e foi por desintelligencias internacionaes na sua exploração que rebentou a guerra do Pacifico.

Todos conhecem a importancia que tem para os paizes do antigo continente e para alguns do novo, exgottados pela cultura secular, o pouco esclarecido problema da fertilisação artificial do sólo. Prolongada serie de estudos e a experiencia têm demonstrado que muito util é para esse fim o nitrato de soda.

Alguns annos ha que a Europa e os Estados-Unidos, principalmente em partes como a Virginia, que tem o seu sólo exgottado pelo prolongado plantio do tabaco, entraram decididamente na empresa da forte fertilisação do sólo, e, dahi, o augmento crescente da producção do nitrato de soda, vulgarmente conhecido por salitre. Deante da procura, que cresce, estas regiões do Pacifico conservam o monopolio natural, que lhes provém de ahi estarem as unicas jazidas fertilisantes conhecidas, e por isso tem essa arida

região o singular destino de dar fertilidade a outras terras.

E diga-se, depois, que ninguem póde dar o que não tem!

A formação do salitre explica-se variadamente. A que se attribue á evaporação de aguas do mar trazidas ao interior, ou ahi conservadas, depois de um levantamento vulcanico repentino, ou gradual, da terra, tem encontrado sérias objecções. A mais acceita é a que attribue a formação destes mantos de materia fertilisante á decomposição de rochas feldspathicas, sob a acção de fontes thermaes, e a conservação do salitre, que, apenas extrahido, se deforma, desaggregando-se, derretendo-se antes da refinação, é devida á natureza especial do terreno e á condição hygrometrica daquella região, intensamente secca. O salitre não encontra no guano um concorrente, embora seja este producto muito mais ener-

gico; por isso mesmo, a sua applicação só muito discretamente póde ser feita a differentes classes de terra. Além disso, exgottadas as jazidas de guano, muito mais vantajoso é o preço do salitre, que é aconselhado como sendo utilissimo, quando applicado em combinação proporcional com o guano.

O facto de estarem hoje exgottadas as jazidas de guano não impedirá que os consideraveis *stocks* que ha na Europa suppram por algum tempo os mercados, e, depois, ainda restará a tarefa da falsificação, que, embora pareça difficil neste producto, tem apparecido já em alta escala.

Pela sua abundancia, pela consequente superioridade do seu preço e, mesmo, pela sua natureza, o salitre não offerece incentivo, nem facilidade aos falsificadores.

O territorio em que é encontrado está debaixo de um dominio intricado

e difficil de discriminar: é um territorio chileno-bolivio-peruviano. A população dizem que é na maioria chilena, chilenos, os capitaes e os estabelecimentos. Este predominio real do Chile ficou provado, por occasião da guerra, quando um inepto decreto de seus adversarios expulsou dos territorios do Perú e da Bolivia os habitantes chilenos. Muitos milhares de pessôas se viram reduzidas a subita desesperação e muitas dellas voltaram como soldados, que, affeitos ás rudes condições da vida dos desertos, foram para o Chile os mais uteis.

Antes do rompimento que precedeu a isto, o Chile chegou a um accôrdo com a parte boliviana, estabelecendo um dominio mixto, originando-se delle uma egual divisão do producto da alfandega e de outros impostos. Jámais viu o governo de Santiago a côr de um centavo boliviano, pois a Boli-

via era o gerente da sociedade; quanto ao Perú, este adjudicou ao Estado todas as salitreiras de Tarapacá, a troco de um pagamento que nunca se realisou.

Os actos do governo boliviano foram de clamorosa injustiça; a serie dos vexames e impostos aos industriaes que em Antofagasta tinham fundições de prata e refinaria de salitre ia terminar pelo remate em praça destes estabelecimentos, quando as tropas chilenas, desembarcando no porto, puzeram efficaz embargo á vexatoria execução. Hoje, todo o territorio está em poder dos chilenos, ha tres annos, e suspensas as duvidas dos salitreiros, que agora só ambicionam uma solução que lhes garanta respeito ás suas propriedades, e quanto a isto de governo peruano e boliviano, a experiencia é bem triste.

O dominio chileno completo e reconhecido teria sempre por si a con-

veniencia da população, ainda que não tivesse o decisivo argumento do facto consummado.

A superficie do territorio salitreiro é muito extensa, e este parece inexgottavel; hoje, porém, tem diminuido a sua producção por um forte imposto lançado pelo Chile, imposto quasi prohibitivo.

Quaesquer que tenham sido os fundamentos do imposto, fossem as urgencias de guerra, fosse o intuito de impedir a baixa do preço, ou a idéa de que o monopolio natural que o paiz tinha do producto o tornava imposto de exportação, pago em realidade pelo consumidor extrangeiro, e não pelo productor nacional, em todo caso, tem este imposto por origem uma necessidade, ou um erro, egualmente lastimaveis. Apesar de nada ser este preço, pelo qual compravam os salitreiros as garantias do governo

chileno, comparado á instabilidade arbitraria em que o tinham os fiscaes do Perú e da Bolivia, o imposto fere demasiado a industria. As suas reclamações parecem estar em via de ser attendidas; então, abolida a taxa exaggerada, crescerá a producção do salitre, sobre cuja extracção alguns dados são interessantes.

Bem simples é o processo: um operario—o *barretero*, depois de cavar o sólo, pratica uma mina, alçando a camada nitrosa, e a explosão põe a descoberto a jazida. Extrahido o salitre, é elle conduzido até ás refinarias, das quaes a principal é a de Antofagasta; segundo o logar em que ellas estão estabelecidas, a conducção se faz a costas de mulas, ou em *tramways*, ou ferro-carris. No grande estabelecimento a que nos referimos é onde uma visita de algumas horas nos faz vêr e seguir todo o processo

do preparo do salitre. Separado da areia, das pedras e reduzido a pedaços menores, ou grandes blócos, duas correntes sem fim munidas de uma serie de caixas de zinco recebem o salitre embaixo, elevam-n-o a uma altura de 65 metros e despejam-n-o em duas caldeiras enormes, onde a ebullição separa as materias insoluveis e leva a agua saturada de nitro a um tanque, onde se depositam os saes extranhos.

Dahi, bombas repartem a agua pelos crystallisadores, que consistem em caixões quadrados, de ferro e de pouca profundidade, os quaes apresentam grande superficie ao sol e ao vento, — agentes de evaporação. Concluida esta, fica nos caixões a camada de sal, já terminada a sua elaboração. O liquido dos caixões tem a côr amarello vivo, alaranjada, esverdeada, ou pardacenta, com diversos tons, segundo o adeantamento da evaporação, a maior ou me-

nor concentração das materias côrantes, como o chloro e o iodo contidos nos saes.

Desde a entrada da vasta área do estabelecimento, onde montões enormes de salitre são excavados pelos operarios encarregados de desfazer os grandes torrões de salitre das caldeiras, que se attingem pelas escadarias de ferro, cheias todas de crystallisações salitrosas, e donde se enxergam, prolongando-se ao longe, extendendo-se em direcções oppostas, as quatro duplas ordens dos tanques de evaporação, até aos laboratorios, de que sáem purificados e manipulados os differentes productos chimicos encontrados no salitre,— sente-se a atmosphera impregnada de humidade salina, confundindo-se com as emanações do mar, que, sempre agitado em Antofagasta, a poucos passos, rebenta grandes ondas nos rochedos da praia.

Dominando o porto, do alto da camada do salitre, vêem-se os navios que alli chegam, e, abaixo, no labyrintho de tanques, de tubos torcidos em todos os sentidos, registros, torneiras, trincheiras altissimas de salitre, divisam-se a correr os *wagons* carregados, os jorros d'agua enchendo os reservatorios e a multidão de operarios que se cruzam e se recruzam.

O interior das terras apresenta um aspecto de pleno deserto. Fumegam as chaminés das fundições de prata, umas sahindo dos fornos, em que se emprega a via secca, — isto é, a depuração do minerio pelo fogo ; outras, das machinas a vapor empregadas para amalgamar, moer, remoer, empastar, revolver o barro contendo parcellas de prata, que então é extrahida por meio do processo conhecido por via humida.

A prata e o salitre resumem toda a grande actividade industrial da terra,

mas esta é tão lucrativa que, para ter os seus proveitos, mantém uma população no meio do deserto.

Os viveres vêm todos do Chile, e a Antofagasta, como a todos os portos desta região do Pacifico, se vem beber agua do mar distillada pelos condensadores de machinas a vapor apropriadas. Isto dá uma idéa do quanto é penosa a vida nestas alturas.

Durante a guerra, o exercito todo, aquartelado em Antofagasta, passou por alguns momentos de summa afflicção. Apparecera no porto o *Huascar*, o famigerado encouraçado peruano que tanto fez falar de si. As distillarias de agua do mar estão exactamente junto á praia. Algumas bombas do encouraçado seriam sufficientes para a historia registrar o facto de todo um exercito morrer lenta e horrorosamente a sêde. O commandante Grau limitou-se a atirar contra o estabelecimento da refi-

nação de salitres duas bombas, que nenhum mal causaram.

Attribuem uns ao commandante do *Huascar* sentimento humanitario: repugnava ao militar o anniquilamento barbaro e covarde, talvez, mas decisivo, do adversario.

Sempre consola mais esta versão, do que a de que Grau não quiz arriscar o seu encouraçado, demorando-se num porto a que podiam chegar a todo momento os vasos de guerra do Chile.

O patriotismo não terá muito que agradecer, então, a Grau; derrotas do Perú fizeram, com certeza, os seus compatriotas lamentar este rasgo de generosidade, si é verdadeiro.

Uma cousa ha, porém, que vale muito mais que o Perú, como vale muito mais que todas as patrias, a qual Grau respeitou e de quem elle bem mereceu — a humanidade.

SEGUNDA PARTE

Diario de viagem á volta do mundo

DIARIO DE VIAGEM

DE PARIS A NOVA-YORK

3 de agosto de 1886 — Jantou commigo o Lopes Trovão. Paranhos assistiu ao jantar, acompanhando-me aquelle á estação do Norte.

Desejaram-me ambos bôa viagem.

A's 6 horas da manhã, desembarcava em *Cannon Street* e tomava, em seguida, um carro para *Euston*.

Depois de refazer minha *toilette* nesta estação e após o almoço, parti, ás sete e meia, para Liverpool, gastando cinco horas no trajecto.

A paizagem, no trecho percorrido, compunha-se de campos de trigo já

cortado, poucas arvores, bonito céo, verdes variados, carneiros immoveis, vaccas, estações e cidades onde se viam chaminés. Depois, a ponte de Rancorn, chegando a Liverpool, onde almocei e escrevi algumas cartas, no *Great North Western Hotel*. A tarde, que esteve esplendida, foi por mim observada e gosada, depois de installação melhor, no *City of Rome*, quarto 87. A's 11 horas da noite, parti para Queenstown.

5 de agosto — O cançaço dos dias antecedentes deu-me somno, tendo-me surprehendido de manhã ao achar-me a bordo, onde tomei o primeiro banho de chuva. Depois, escrevi a correspondencia e ao barão do Penedo, agradecendo as cartas de recommendação achadas a bordo, assim como uma carta do A. Fialho.

Esta manhã, encontrei o seguinte telegramma, que hontem me escapou

no meio de outros expostos no salão de jantar:

« *Paris. Eduardo Prado, passenger on board (Liverpool) the steamer leaving to-day for New-York. — Non licet omnibus adire Peking. Salve, viator; amici te salutant — Amenhotpú.* »

Amenhotpú é o Paranhos. Respondi de Queenstown: « *Gratias tibi. Au revoir — Psametico* ».

Ficamos parados algum tempo em frente a Queenstown. Vieram a bordo uns *camelots*, vendendo objectos esculpidos de madeira pintada de preto, corujas, harpas symbolicas da Irlanda, cachimbos, bengalas espinhosas; outros, enormes cacetes, arsenal restante das ultimas eleições, alfinetes, broches com ornatos de trevos, ogivas, rendas etc. Comecei a executar o meu programma: não comprei nenhuma das taes bugigangas, na disposição em que estava de não carregal-as commigo á

roda do mundo. Acabei de lêr um livro que hontem havia começado — *Souvenirs de 1848*, de Maxime du Camp: — ferino e magnifico. Nos dias que me restam, vou devorar os outros volumes que trago commigo.

São 5 horas e meia, e estamos em movimento, ha mais de uma hora. Vejo agora bem de perto a pedra que fórma uma montanha, onde as ondas arrebentam na base, e que no alto tem a torre branca e vermelha de um pharol. Os mastros de signaes que se vêem perto parecem ser os de um navio transportado para o alto do morro.

Que imprudencia! Um menino, passageiro de segunda classe, sentado sobre a amurada do vapor e debruçado numa corda, parece dormir. Uf! Vem um marinheiro e, agarrando-o, desce-o do poleiro.

A terra da Irlanda, ultima da Europa que avistamos, afasta-se de nós,

frouxamente illuminada por um sol fraco e frio.

— Bam! bam! bam! bam! E' o primeiro signal do jantar; provavelmente, quando se acabar a refeição, já não se avistará terra. O horario de bordo é inflexivel: fica assim supprimido o momento psychologico da —*ultima terra desapparecendo nas brumas do horizonte!*

6 de agosto — Mais um dia de immenso bocejo! A pequena bibliotheca, o logar mais agradavel de bordo, está insupportavel, graças ás crianças; as pedras dos *xadrezes* e dos jogos de *damas* rolam pelo chão, tudo no meio de gritos e sapateados intoleraveis.

Li, de um jacto, nas ultimas 24 horas, a *Delphine*, de mme. de Staël. As viagens de mar, sobretudo nas condições actuaes, de um isolamento completo, servem para a gente lêr

esses livros, de que todos falam e que poucos lêem. Como me seria difficil em terra chegar ao fim das 500 paginas de typo meúdo de um 8.° grande, cujo interesse é entrecortado por uma centena de cartas, escriptas todas no mesmo estylo, como si todos os personagens fossem os mesmos, e tudo com muito delambidos requintes e com o eterno estribilho do *Sêr Supremo*, figura muito em moda no tempo, mas hoje insupportavel! Deus perde muito, posto em rhetorica.

Muitas das cartas de Léonce e de Delphine trazem confusamente o tratamento de *vous* e de *toi*. Descuido do auctor? artificio para pintar o desalinho de linguagem, traduzindo o exaltamento de paixão? O que não é descuido é dizer o auctor que Spinoza era italiano! Era um judeu hollandez, de origem portugueza. Demais, quanta phrase admiravel e a descripção do adulador,

que é deliciosa! Fecho este livro de notas até amanhã, esperando só poder registrar mais uma pagina de tedio. Em viagem, mais ainda do que em tudo na vida — *des malheurs evités le bonheur se compose.*

7, 8, 9 e 10 de agosto — São datas que se podem resumir em immenso abhorrecimento, apenas disfarçado pela leitura devoradora de uma porção de volumes, entremeada de pessimas, porém repetidas refeições. Uma tinturazinha de anglomania foi sempre cousa de meu agrado; a mesa do *City of Rome*, porém, excede toda a medida de minha valentia. Que môlhos! Que combinações! Uns assucarados ardentes, uns amargos que apertam a bocca, tudo numa confusão pantagruelica e infernal!

No domingo, houve serviço religioso; infelizmente, a voz dos cantores me impediu, durante todo o tempo,

de ouvir o orgam. A' noite, repetiu-se o serviço, precedido de uma conferencia feita por uma senhora loura e já adeantada em edade, que se annunciou como miss Finkelstein. Essas *misses* que andam correndo o mundo á procura de ouvintes para as suas *lectures* não podem deixar escapar a vasa, num vapor onde, a não ser que se atirem ao mar, os passageiros não têm outro remedio sinão ouvil-as. Miss Finkelstein começou dizendo que nasceu em Jerusalém, assim como todos os seus irmãos, em numero de doze, como os apostolos e os filhos de Jacob. Disse, no exordio, que seus paes estavam estabelecidos em Jerusalém, como negociantes, havia 45 annos, em 1877. Portanto, alli chegaram em 1832. Ora, como miss Finkelstein se declarou a filha mais moça e teve 11 irmãos, dado que os ares de Jerusalém fertilisassem excepcionalmente

mrs. Finkelstein, o mais que podia fazer era ter um filho por anno — 1832 a 1846 — anno este em que poderia ter nascido a oradora, que assim teve a petulancia de se attribuir só 40 annos, o que desmentia a cara.

Miss Finkelstein falou sobre a Terra Santa, disse algumas phrases arabes, com o que maravilhou a assistencia, e passou a metter as botas em mr. Ingersoll e mr. Bradlangh, dous idiotas que andam fazendo medo ás inglezas velhas, repetindo as pilherias de Voltaire contra a religião, pilherias rançosas de velhas e que é de pessimo gosto repetir.

No dia seguinte, um conego irlandez, que, parece, não poude dormir, já pela muita barriga e pelo calor, já pelos louros oratorios de miss Finkelstein, annunciou leitura sobre as industrias da Irlanda. Teve muito caro-

ço, contou umas anecdotas chulas; mas o principal da conferencia foram umas tiradas a favor do *Home Rule* e contar que era interessado numa empresa de fabricação de manteiga e que ia a Nova-York tratar de negocios relativos a essa empresa. E, dahi, algarismos e algarismos sobre as manteigas e os queijos irlandezes e norte-americanos.

Céos! na noite seguinte, um concerto de amadores inglezes e norte-americanos. Imagine-se o effeito. Em memoria do caso, guardei o programma, que se vendeu por *shilling*. Que musica! Emfim, o sacrificio foi em favor de um asylo de orphams da marinha de Liverpool. Rendeu £ 34.

11 de agosto — Lembro-me de São Paulo e dos discursos que estão lá preparando, ou pronunciando os estudantes... Hoje, pela manhã, avistei um pequeno barco a vela. Trazia o piloto,

que assim vinha de Nova-York ao nosso encontro, a mais de duzentas milhas!

Os jornaes, até sete, estão cheios de pormenores sobre a questão mexico-americana.

Amanhã, ao meio dia, dizem os passageiros bem informados, devemos chegar a Nova-York. Veremos.

Publicou-se o *City of Rome Express,* uma cousa muito sem graça e com grandes pretenções a espirito. Guardo como lembrança da viagem o exemplar.

E' para mim questão muito séria a da hora da chegada do vapor a Nova-York. Receio que uma demora me occasione a perda do vapor em São Francisco.

Decididamente, não ha crianças mais intoleraveis do que as americanas: *cet âge est sans pitié!* Nos americanos começa cedo a má educação,

e, uma vez crescidos, não desmentem o que foram em pequenos.

Parece que apressamos a marcha; fecho, porém, o livro, sem esperança de que chegaremos amanhã ás horas marcadas.

DE NOVA-YORK A S. FRANCISCO

22 de agosto — Ha onze dias, deixei este livro sem tomar uma nota.

Chegamos, effectivamente, a Nova-York, no dia 12, á tarde; avistei os andaimes que cercam a estatua da Liberdade, hoje elevada até á altura dos joelhos, e distingui-lhe os pannejamentos gigantescos do bronze da tunica.

O calor foi horrivel e o soffrimento, sem egual, na desordem do desembarque e da alfandega. Finalmente, a custo de muito *dollar* e de muito suor, eis-me no *Fifth Avenue Hotel,* onde me deliciei com um banho.

Nova-York parece suja e feia para quem vem de Paris, sendo o calor insupportavel.

Dia 23 — Fiz as primeiras diligencias, sempre em meio de calor medonho: um dia horrivel e perdido.

Dia 24—Depois de tudo prompto, parti, pelo *Erie Railroad*, para Chicago, á noite. Foi uma viagem simplesmente infernal, que me causou um enjôo peior que o do mar.

Dia 25 — Todo o dia passei no carro-dormitorio. A' noite, cheguei a Chicago, hospedando-me no *Palmer House*, pandemonio de muitos andares, onde só consegui dormir depois de um prolongado banho quentissimo. Pela madrugada, senti o rumor de uma chuva, que refrescou um pouco o ar.

Toda a manhã permaneci no vestibulo do hotel, entre os fumadores de cachimbos e as cusparadas dos americanos, á espera da partida do trem.

Afinal, tomei o da *Burlington Quincy Railroad*. Li nos jornaes que a chuva de hontem foi uma tempestade horrivel, causadora de grandes

desastres, e cuja noticia, augmentada e correcta, vim lendo nos jornaes das cidades que atravessei, até aqui, São Francisco.

A *Burlington Quincy Railroad* tem um carro-restaurante. Isto de carro-restaurante é uma das maiores pêtas americanas. A empresa tem um carro que corre algumas milhas na linha, — eis tudo. O carro-restaurante deixou-nos na margem do Missouri.

Chegamos a Denver, onde houve demora na partida, por causa de um *washout*—desmoronamento de aterro, ou depressão do leito da estrada, graças á chuva —, cousa muito usada nos Estados-Unidos e que corresponde á nossa *quéda de barreira*. Travei conhecimento com duas velhas americanas, mrs. Allen e miss Clark, que vêm á California. Joguei um eterno *whist* com um morto. Em Denver, mudei de trem. A *Denver and Rio*

Grande Railroad é de bitola estreita, e os *wagons*, de muito contestavel conforto. E' estrada nova muito afamada pelo pittoresco da paizagem que atravessa. Lamentaram as duas senhoras americanas o passarmos á noite por um scelerado desfiladeiro-*cañon*, palavra hespanhola inglezada em *canon*. A's nove horas da noite, a poucas milhas de South Pueblo, houve subita parada, devido á noticia de um novo *washout*, cuja reparação demandaria talvez toda a noite. *Whist* com as velhas, para matar o tempo. O calor recrudesceu e intervieram energicamente os mosquitos. A' tarde, cada um procurou a sua cama. Quando despertei, andavamos já havia algum tempo. Nesse dia, transpuzemos de todo as montanhas. A sua passagem é audaciosa; nellas, longos tunneis de madeira protegem o trem contra as accumulações de neve no inverno, o que

constitue uma das particularidades das estradas de ferro americanas. Ha algumas que medem muitas milhas.

Estamos, finalmente, na planicie. De um e de outro lado, avista-se uma cordilheira, arida e pouco alta, de montanhas desoladas. E' a paizagem do Egypto sem o Nilo. O occaso é esplendido: as montanhas da direita tornam-se rosadas e, pouco a pouco, de um vermelho ardente, que lentamente empallidece. As montanhas, estereis, lembram as de Moab e as da vizinhança de Jerichó. Esta terra safara devia ser terra de prodigios e de prophetas. Ha um não sei quê de perfeitamente biblico na narrativa da chegada dos Mormons ao valle, que não tardaremos a attingir. Quem sabe si não ha nisso, ha tantos seculos de distancia, uma identidade da acção do meio produzindo resultados eguaes? A sobrexcitação mental, que toma o

nome de allucinação, ou de inspiração, segundo o ponto de vista, póde ser produzida pela contemplação de espectaculos eguaes. Os americanos, que se conhecem bem, recusam vêr em Joseph Smith um verdadeiro propheta; acham-n-o simplesmente especulador.

A planicie torna-se de uma aridez medonha. De tempos a tempos, apparece uma casa de madeira no meio de um pouco de verdura; dahi a pouco, passa o trem por entre algumas arvores fructiferas: são os primeiros specimens que ha da industria paciente e incançavel dos Mormons.

Chego, afinal, a Salt Lake City, visito o Tabernaculo, um templo em construcção e a casa da Assembléa. Curiosa, a construcção daquelle, que dispõe de uma acustica admiravel e possue grande orgam. Ahi, assisti a uma discussão theologica, em que

um porteiro levou vantagem a um cavalheiro de Boston.

Vou ao *Park Lake*, que offerece uma vista admiravel: montanhas, aguas, lagos com reflexos metallicos, innumeras crianças, luz electrica montada e estabelecimento de banho. Então, tive occasião de vêr uma viuva com suas duas filhas : estas e o *noivo* se foram de bote, emquanto a mãe ficou na praia... Tambem notei que as mulheres são horriveis... Será por isso que os Mormons querem supprir na quantidade o que lhes falta na qualidade?

2 de setembro — A bordo do vapor americano *Mariposa,* parti de São Francisco, no dia 28 de agosto, ás tres horas da tarde. Hoje, ao meio dia, achamo-nos a 817 milhas daquella cidade, por 29° de latitude norte e 144° de longitude oéste. A minha demora em São Francisco foi de seis dias, passados muito socegadamente

no *Palace Hotel*, incontestavelmente o melhor dos Estados-Unidos e, com certeza, o maior. As noticias do cholera no Japão confirmaram-se e aggravaram-se. Dahi, a minha resolução de deixar partir o *San Pablo*, no dia 25, guardando-me para o *Mariposa*.

Visitei, em São Francisco, a Casa da Moeda, a egreja de Santo Ignacio, appendice do grandissimo collegio dos Jesuitas, e a pequena e pobre egreja *Mission Dolores*, resto do mal assentado dominio hespanhol, junto a uma outra dos moldes e estylo francez modernissimo, de ornamentação interna bem differente dos santos dourados, empoeirados e meio mutilados da antiga egreja vizinha, representante da época hespanhola. Visitei, ainda, a *Cliff House*, interessante ponto de vista da costa, nas vizinhanças da cidade. Vê-se ahi, em dous rochedos não

muito afastados da praia, uma quantidade de leões marinhos, cujas pelles, lustrosas pela agua do mar, reluzem ao sol. Esses animaes fazem um perpetuo alarido.

Immoveis, como que fincados nos rochedos, quaes passaros empalhados nos taboleiros de um museu, notam-se centenas de pinguins. E, a proposito de museus, vem a pêlo mencionar aqui a visita que fiz ao *Mining Bureau*, onde se vêem classificadas amostras de todas as riquezas mineraes da California e das vizinhanças. Extraordinario, o colorido dos minerios. As minas são figuradas por umas laminas de vidro espaçadas e pintadas.

Junto do *Mining-Museum*, ha o *Pioneers Club*, muito interessante pela reunião de curiosidades que apresenta. Alli estão em ordem: armas, a primeira bandeira americana has-

teada na California, a casaca que o general Grant usou em Vicksburg, a bandeira de Walker na sua expedição pirataria a Nicaragua. Achei muito curioso o seguinte documento: uma carta escripta por uma alta auctoridade colonial hespanhola e datada do Mexico (1787), annunciando a partida, de Boston, de um navio americano pertencente ao general Washington, destinado á America Russa, e que, provavelmente, tocaria «no pobre e miseravel reducto» de São Francisco. A carta recommenda ao capitão do presidio de São Francisco que trate aos officiaes muito bem, mas que proceda com *tino e muita manha*. Imagina-se bem o que os hespanhóes e portuguezes ganharam na America com a tal politica caracteristica da *manha*...

Por um acaso, encontrei, em São Francisco, mr. J.J. Aubertin, que vinha para as ilhas Sandwich. E' um francez

original, e por mais de uma semana devo ter a sua companhia.

Esquecia-me de falar do *China Town*, um dos quarteirões de São Francisco, habitado, como o nome o indica, por 30 a 40 mil chinezes, e que é curioso, sob seu aspecto sombrio, sujo, contendo lojas, *sorobou*, casas de adoração, e onde se vêem velas perfumadas queimando-se deante dos idolos escondidos entre palmas de papel recortado.

DE S. FRANCISCO A HONOLULU

A sahida de São Francisco foi no meio de um nevoeiro espesso, que parece ser proprio do logar. Houve já poeta que o pintou como uma cortina extendida pelas fadas para esconder os thesouros californianos. Durou toda a noite, todo o dia, e o frio foi bem desagradavel. Nos seguintes dias, á medida que nos afastavamos da costa americana e que, pouco a pouco, nos inclinavamos para o sul, o frio foi diminuindo, o céo tornando-se menos sombrio. O dia de hoje quasi que foi quente, e, agora, á noite (oito horas e meia), apesar da chuva que acabamos de atravessar, póde dizer-se que faz bastante calor.

Um dos passageiros do *Mariposa* é mr. Carter, ministro do Hawaï, em Washington. Foi um dos signatarios

do tratado de reciprocidade dos Estados-Unidos com o Hawaï, tratado que poz o assucar do Brasil em tão má posição nos mercados norte-americanos. Mr. Carter celebrou tambem tratado do Hawaï com Portugal e, em virtude desse tratado, ha hoje estabelecidos nas ilhas 10.000 portuguezes da Madeira e dos Açôres. O governo paga o transporte dos immigrantes a 90 *dollars*, e o proprietario da plantação faz com o colono um contrato por tres annos, pelo qual se obriga a dar-lhe 11 *dollars* mensaes, casa e comida. O contrato encontra sua sancção na prisão do trabalhador que foge ao seu cumprimento. O preço do trabalho do portuguez não contratado é de 20 a 26 *dollars* mensaes, não lhe sendo, neste caso, fornecida a comida. Diz mr. Carter que a alimentação de um trabalhador não custa menos de 10 *shillings*, sendo

elle portuguez, e 8, sendo chim. Parece que a lei de locação de serviços na ilha provê muito bem ás emergencias possiveis na relação existente entre as duas partes, estatue disposições sobre a hygiene das habitações coloniaes, garante a liberdade do colono etc. Não posso fazer um juizo completo de tudo quanto me disse mr. Carter; pretendo, porém, amanhã, em Honolulu, procurar o consul portuguez e obter delle os documentos e informações que puder. Empregarei todo o dia de amanhã em percorrer Honolulu, descançando da horrivel comida do *Mariposa* e desenferrujando as pernas. Do que vir e me acontecer, traçarei um resumo.

DE HONOLULU A AUCKLAND

4 de setembro — Desembarquei hoje muito cedo e installei-me no *Hawaïan Hotel*, que é deleitoso. Por toda parte, vêem-se palmeiras, dracæneas, trepadeiras, emfim tudo quanto é dos tropicos. A cidade é encantadora no meio de tanta verdura. Saudei logo alguns nomes portuguezes nas taboletas das lojas. Não tardei a lêr com jubilo: *Guimarães & Bastos — Loja de Ferragens por atacado e a varejo! Pereira & Irmãos — Seccos e Molhados!* Esta ultima taboleta estava traduzida em hawaïano e em inglez.

Procurei o sr. Canavarro, consul de Portugal. Encontrei-o no edificio da Assembléa Legislativa, onde tive occasião de vêr abrir-se a sessão e onde era escuro o typo de todos os legisladores. No interior do edificio,

impressionam ao visitante as carantonhas pintadas na parede representando os reis e as rainhas do Hawaï. Lembrei-me, então, da Assembléa provincial do Pará. Das janellas abertas, admirei a luxuriante vegetação. Alli, orava-se ao abrir a sessão, a que assistiam raros espectadores, e d'entre estes, um chim curioso, a olhar, e um menino descalço, de olhos pretos, que ia para a escola. Fiz nesta cidade compra de curiosidades, tudo pela hora da morte.

Estou agora á espera do consul Canavarro, que me vai levar á presença do rei Kalakawa.

Aqui, todas as mulheres usam *peignoirs* e é muito grande o numero de raparigas a cavallo, sobretudo de americanas, que parecem dedicar-se com enthusiasmo a esse exercicio.

A's duas horas, o consul veiu buscar-me para a audiencia do rei. O

palacio é de uma construcção elegante e vasta. A' entrada do jardim, um soldado, de capacete á prussiana, monta guarda. A escadaria dá para um immenso salão completamente deserto. Dous vasos do Japão estão á entrada. Nuns nichos de madeira envernizada, ha uns falsos bronzes francezes. A' esquerda, uma pequena antecamara, onde está um lavatorio com todos os seus pertences. Depois, no rez do chão, um salão azul, onde se vê o retrato do rei. O da rainha, sentada numa alta cadeira gothica, representa uma bella mulher, de tez côr de ambar e de vestido decotado, tendo a tiracollo a faixa azul de uma ordem qualquer. Appareceu o mestre de ceremonias, ou *chamberlain* do rei; é um rapaz muito agradavel, risonho, tendo á lapella a roseta da Legião de Honra, e muito dado a etiquetas cortezãs, especialidade que de certo lhe valeu

o seu posto. Dahi a pouco, surgiu o ministro dos Negocios Extrangeiros, que nos veiu dizer que S. M., tendo de reunir o seu conselho privado, nos pedia o esperassemos alguns instantes. O ministro é um inglez muito habil, que, como o rei Kalakawa, tem viajado quasi todo o mundo. E' natural da Nova-Zelandia, onde foi membro do Parlamento colonial, na prospera ilha que, além dos seus carneiros, está agora exportando estadistas. O ministro levou-nos á grande sala de ceremonias, um immenso salão vermelho, tendo numa das extremidades um estrado com duas vistosas cadeiras douradas — os thronos do rei e da rainha. Pendentes das paredes, ha uns quadros ovaes, de vidros convexos, como os usados para cobrir pombas e lebres empalhadas, cousa muito commum nos *cabarets* europeus e nas casas mobiliadas. Em

vez destes animaes, vi cuidadosamente enrolados sob os vidros os fitões das ordens honorificas que o rei tem recebido de differentes paizes: São Jorge, de Inglaterra; Aguia Vermelha, da Russia; Conceição, de Portugal; Leopoldo, da Belgica; Leão Neerlandez, e umas vistosas fitas japonezas, venezuelanas, siamezas, persas etc. A mania das condecorações é uma das especialidades do phantasma de Monarchia existente no Hawaï. O rei tem muitas ordens honorificas, que distribue com liberalidade; a verba de compra de insignias e fabricação de fitas e cruzes figura copiosamente no orçamento.

O consul Canavarro é um antigo official da marinha portugueza; conheceu, nessa qualidade, o A. Silveira da Motta, o Luiz Philippe Saldanha da Gama e foi amigo muito intimo de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. Antes de jantar, demos uma volta

pela cidade e fomos de carro ao celebre passeio do *Pali*, que é um despenhadeiro temeroso, que se acha ao fim de umas oito milhas de caminho, através de uma paizagem tropical, e onde eu ia vendo, de vez em quando, alguma planta desconhecida e saudando outras communs no Brasil. O despenhadeiro apresenta-se subitamente, e o olhar surprehendido extende-se por uma planicie, onde se alastra o verde claro de um cannavial, fumega a chaminé de um engenho e destaca-se sobre a verdura, como um grande chrysanthemo, a roda branca de um móinho de vento. E a linha irregular da terra extende-se sobre o mar, que, apresentando côres varias, segundo a profundidade, fórma um arco espumante na curva da praia.

De volta para a casa do consul, que mora no bairro *Beretania*, passamos por um bairro de apparencia

arida, chamado *Punch Bowl*, devido á forma da montanha que o domina e que é propriamente o bairro portuguez. Os pobres ilhéos de Cabo Verde e da Madeira melhoraram realmente muito de posição. As casinhas de madeira, pobres, embora, têm uma apparencia de limpeza que os donos aprenderam já dos anglo-saxonios, com quem estão em contacto. Pequenas sebes de espinheiros rodeiam as casas, e, á hora em que percorri o *Punch Bowl*, 7 da noite, havia familias descançando nas pequenas varandas, onde apparecia alguma *chaise-longue* de junco, luxo com certeza ignorado nas ilhas lá da terra. Em Honolulu, ha perto de 500 portuguezes, entre homens, mulheres e crianças. Estes habitantes da cidade são colonos que, tendo terminado os seus contratos com os plantadores do interior, se acharam possuidores de um pequeno peculio, em-

pregando-o, depois, na compra de uma casinha com um pedaço de terra. Uns são cultivadores pobres, outros exercem na cidade pequenos commercios e mistéres lucrativos. Para dar uma idéa da situação economica em geral dos portuguezes no Hawaï, devo lembrar que os immigrantes dessa nacionalidade são pauperrimos e que, ha apenas 7 ou 8 annos, começaram a entrar no paiz; assim, pois, com os contratos triennaes, que lhes dão em geral 20 *dollars* por mez, conseguem muito. Ha na ilha apenas 11,000 portuguezes, e disse o consul que, o anno passado, elles passaram para as ilhas a quantia de 45 contos fortes, somma esta que não póde representar mais do que metade da economia realisada durante o anno. Assim sendo, temos que uma agglomeração de 11,000 individuos, dous terços dos quaes são mulheres e crianças, reali-

sou, durante um anno, economias no valor de 100 contos fortes.

Tomará incremento a immigração portugueza? O governo hawaïano, apesar das suas exterioridades de civilisação, é muito cioso dos extrangeiros.

Parece que começa agora a *prendre ombrage* dos portuguezes. Durante algum tempo, cessou-se de promover a vinda de mais portuguezes; mas, sendo grande a exigencia de braços, havendo fracassado uma tentativa de introducção de colonos scandinavos, que logo se mostraram incapazes para o que se lhes pedia, e, á imitação do que se fez nos Estados-Unidos, sendo prohibida a entrada de novos chins, excellentes trabalhadores, mas cujo numero extraordinario ameaçava vir dominar a ilha e, cruzando-se com a raça canaca, comprometter o futuro da civilisação insular, o governo pensou em introduzir colonos japonezes.

Um numero relativamente consideravel delles já chegou; parece, porém, que a opinião americana, a preponderante na ilha, lhes é adversa, e, por isso e por não ter tambem dado resultado favoravel o emprego de indigenas das ilhas do mar do Sul, vêem-se governo e plantadores obrigados a voltar-se para os portuguezes.

No dia de minha chegada, 4 de setembro, annunciou-se á vista um navio vindo das ilhas e trazendo novos immigrantes portuguezes. A respeito destas questões e da immigração portugueza, transcrevo o seguinte trecho da pag. 54 do *Hawaïn Almanac and Annual for 1885*:

«*The exceeding low prices realised for our articles of export have, naturally, been the main cause of the depression of trade. The production of sugar for the year has exceeded that of 1883, though, from the decline of*

the prices, therefore, which has been universal throughout the year reduced the income of hawaïan plantations so materially that little but actually necessary extensions have been undertaken. Retrenchment and economy are closely studied throughout, and demands have been made for cheaper labour as a necessity. Immigration from the Azores and Madeira have been continued again the past year, but this labour is found too expensive for general plantation work. The long mooted japanese immigration scheme promises inauguration within a few months, but even this is feared by many planters as being at figures beyond which the present rats of sugar will warrant them in paying. An application to the government to withdraw its restrictions on chinese immigration was made by the Planters Labour and Supply Company, *at their recent annual gathering*

to admit two thousand labourers as early as possible, for a relief to the threatening difficulties: but without effect, the government objections being in the main sound ones. Some further addition to the labour needs of the plantation have again been added from the South Sea Islands, but that class too becomes expensive from the lenght of time required for a trip and their return home on termination of their contracts, so that is hardly probable that any further effort will be made in that direction.»

Traslado tambem para aqui uma cópia do contrato celebrado entre um emigrante do Funchal e o representante da Junta de Immigração no Hawaï:

«A Junta obriga-se a dar ao immigrante *passagem gratuita* e, bem assim, á sua mulher, sendo casado, e filhos, si os tiver, para o Hawaï, a bordo

de tal vapor, ou navio. O immigrante obriga-se a executar e désempenhar cabalmente todo e qualquer genero de trabalho que seja considerado proprio e legal, pelo tempo de tres annos, a contar do dia em que começar o mesmo trabalho, depois de sua chegada á ilha. O trabalho se effectuará todos os dias não santificados, salvo si o serviço fôr domestico, pois, em tal caso, será elle desempenhado no que fôr usual e indispensavel. O serviço diario durará dez horas no campo, ou doze horas em engenho de assucar, não sendo seguidas, dando-se o tempo necessario para comer e descançar. As horas de trabalho são contadas desde que este principia. A Junta de Immigração obriga-se a pagar mensalmente ao immigrante, emquanto durar o contrato e no fim de cada mez de 26 dias de trabalho util, a quantia de 20 *dollars*. No caso do

immigrante ser casado e ter filhos, a Junta obriga-se a fornecer trabalhos nas condições acima mencionadas á mulher e filhos do immigrante no logar em que este se achar e no caso de assim o querer e lhe convir, sendo o salario mensal de:

Mulher e filhas de 18	annos	10 —	*shillings*
» » » » 15 a 18	»	9,40	»
» » » de 14 a 15	»	8 —	»
Filhos de 18	»	16 —	»
» de 15 a 18 . . .	»	12 —	»
» de 14 a 15 . . .	»	10,30	»

As mulheres empregadas em serviço domestico, quando trabalharem nos domingos e dias santificados, receberão mais um *dollar* por mez, sendo livres as crianças menores de 12 annos. O immigrante e sua familia, além dos salarios indicados, terão direito a casa, cama, combustivel e necessaria assistencia medica (medico e botica) e terão direito ao salario tambem, quando, por motivo de doença,

não possam trabalhar. Os filhos menores dos colonos terão direito á instrucção primaria gratuita nas escolas publicas. Os serviços contratados não podem ser transferidos, ou cedidos, a favor de outra pessôa. »

A respeito do estado da instrucção entre os portuguezes, disse-me o sr. Canavarro que o ultimo recenseamento deu 80 % de portuguezes analphabetos e 20 % de indigenas canacas analphabetos!

Assim, uns selvagens perdidos no Pacifico, que não são christãos, ha mais de 50 annos, apresentam tão grande superioridade sobre os portuguezes das ilhas!

Resumindo: foi-me muito agradavel a estada em Honolulu, principalmente graças á amabilidade do consul Canavarro, com quem jantei excellente arroz á portugueza. A casa tem um aspecto muito aconchegado. Mme.

Canavarro é uma americana de bom modelo, intelligente, amavel e simples. O criado é um chim rutilante de limpeza no seu trajo de fustão branco engommado ; a criada, japoneza, fazia passear uma criancinha sadia no jardim. Durante algumas horas, achamo-nos reunidos: o consul, nascido em Portugal; mme. Canavarro, filha do Mexico e creada na California; eu, oriundo da Consolação, na Paulicéa ; o chim, que sahiu Deus sabe d'onde ; a japoneza, e o pequerrucho, unico hawaïano.

Deixo ao sr. Canavarro toda a minha sympathica gratidão.

11 de setembro. — Sahimos de Honolulu, no dia 5, de manhã. Annuncia-se para amanhã a chegada a Tatuila, uma das pequenas ilhas Samôas, onde deixamos a mala e tambem o consul americano, que volta para o seu posto, naquelle porto. Este funccionario, mr. Greenebaum, tem vivido,

nas ilhas Samôas, a jogar as cristas com o consul inglez e, principalmente, com o consul allemão. A Allemanha anda agora com a mania de levantar a sua bandeira por toda a parte e, ha pouco tempo, fez tentativa egual nas Samôas. A guerra nas ilhas do Pacifico faz-se, presentemente, a metros de panno de côr: o consul Greenebaum hasteou tambem as estrellas e as listras norte-americanas e foi a Washington em busca de approvação e de força moral. Creio que não foi recebido no Departamento do Estado com muito enthusiasmo; volta, por isso, meio esquerdo e, para consolar-se, ataca devéras o *whisky*.

O capitão do *Mariposa* é muito agradavel e sympathico: é um americano do Massachusetts, moço energico e intelligente. Depois de Honolulu, fez-me tomar assento á sua mesa, e com isso melhorei muito de passa-

dio. Chama-se Hayward e é o melhor dos capitães de navio que tenho encontrado. O vapor segue moderadamente uma marcha de 300 a 320 milhas, em 24 horas. Hontem, porém, sahiu do sério e deitou 349. Passamos, ha dous dias, o Equador, com uma brisa fresca, mas tão forte, que ás vezes parecia fria. Com esta são quatro vezes que atravesso a linha, e tenho sempre encontrado a mesma temperatura na altura em que todos os viajantes falam das calmarias e dos calores abrazadores. Ha dias, foi inaugurado no convés um banho frio matinal, que é, devéras, excellente. A agua é contida num grande tanque de lona, e os passageiros, descalços, revestidos apenas da classica e tropical *pijama*, fazem prolongadas abluções no tal tanque, precedidas (assim faço eu) de uma grossa e forte ducha. Quão preferivel

é isto ao apertado banho, abafado, num quartinho junto á machina! Infelizmente, parece que daqui a poucos dias esses banhos confortaveis vão ser abolidos: sahiremos dos tropicos, a agua ficará mais fria e não haverá quem queira o tal banho. Por mim, não ponho duvida em continual-o até o fim da viagem, que será, segundo annuncio official, no dia 23 de setembro, em Sydney.

Ainda 11 dias de viagem! Digo *onze*, porque ao atravessarmos o meridiano 180.° de Greenwich, saltaremos um dia, que teremos ganho sobre o sol, em nossa marcha para o oéste.

12 de setembro. — Estamos mais de uma hora em Tutuila. O navio, ao aportar, foi logo invadido pelos vendedores de côcos, conchas etc. Tive tempo sómente para notar que são aqui bellos os typos dos selvagens, e imaginei perfeitamente, então, a che-

gada dos primitivos navegantes ás terras descobertas. A demora, que foi rapida, prejudicou a minha curiosidade, pois partimos logo.

17 de setembro — Sexta-feira. Hontem, não foi 16 de setembro, nem quinta-feira. Passamos, esta manhã, o tal 180.° meridiano e, por isso, demos um salto sobre o dia 16, para ganharmos o tempo de Auckland, onde, segundo as probabilidades, devemos chegar amanhã cedo. Estou resolvido a supprimir a viagem ao interior da Nova Zelandia. Sigo directamente para Sydney e de lá, talvez, volte cá a este paiz, que, por agora, é ainda muito frio. A viagem, desde as ilhas Samôas, onde tive occasião de admirar o typo estatuario dos selvagens, a quem comprei umas bugigangas, tem sido muito monotona. Tivemos ainda dous ou tres dias quentes; depois, baixou extraordinariamente a temperatura. Foi

mistér dar de mão ao delicioso banho frio ao ar livre. O mar tem-se encapellado e não sei como dar graças a Deus de não haver enjôado. A travessia do Pacifico está virtualmente concluida, e, de hoje em deante, a cada passo, approximo-me mais da Europa, o fim da minha viagem por agora. Desde que dalli parti, até o presente, já dei a volta á metade do mundo; mas ainda é tão grande a outra metade! Depois de amanhã, talvez amanhã mesmo, abrirei eu de novo este livro, para nelle registrar as minhas impressões, no primeiro dia em que pisar a terra nova e longinqua da Nova Zelandia.

DE AUCKLAND A SYDNEY

20 de setembro — Estivemos hontem todo o dia em Auckland, cidade que é das mais importantes da Nova Zelandia, com um porto vasto e de agua esverdeada, sob um céo claro-cinzento, como o da Inglaterra na primavera. O *Mariposa* atracou junto de um extenso mólhe, onde se achavam varios navios mercantes. Fumegava em aprestos de partida um vapor para as ilhas Fidji: na prôa, grandes carneiros tosados e marcados com tinta preta, ou vermelha, aconchegavam-se, timoratos, uns aos outros; pequenos cavallos pêludos e medrosos embarcavam com reluctancia.

Fiz um passeio em Auckland, que apresenta todo o aspecto de uma cidade do interior da Inglaterra. O povo é o mesmo: typos tirados do

Punch, ou das gravuras do *Graphic,* ou do *Illustrated London News;* os homens do povo, com as mesmas roupas ruças, botas acalcanhadas, cachimbos á bocca; as crianças são irreprehensivelmente louras, e mais de um velho *gentleman* gordo, de chapéo alto, soiças brancas, bigodes rapados e figura vermelha sahindo da golla alta de uma respeitavel sobrecasaca, vi eu durante a minha excursão.

A feição caracteristica de Queen Street, a rua principal de Auckland, é o numero extraordinario de bancos e de companhias de seguros.

Em frente ao escriptorio dos jornaes — e ha em Auckland folhas da importancia do *New Zeeland Morning Herald,* que, em typo miudo, tem doze paginas de impressão — grupos lêem as folhas diarias pregadas em grandes quadros negros. Nos escriptorios dos advogados, dos *at-*

torneys at laws, ou dos leiloeiros, vêem-se annunciadas terras á venda, pequenas propriedades agricolas, urbanas e pastoris, offertas e procuras dessas propriedades e de serviços.

As lojas são todas do typo inglez. Abundam as photographias, as lythographias das localidades pittorescas da Nova Zelandia e, com especialidade, dos celebres *hot lakes* e dos muito falados *terraces,* destruidos no dia 1 de junho de 1886 por uma erupção formidavel do monte Teraivera.

A construcção dos edificios é puramente ingleza: ha de todos os typos, até o branco, com peristylo jonico, do Correio, que tem um estylo que se póde chamar ogival inglez com idéas de gothico e em que o ponto de juncção das ogivas com as columnas dos angulos, ordinariamente assignalado por florões, pelas carrancas das chimeras, ou

pelas caras magras dos santos nas cathedraes — tem, em saliencia, duas cabeças de indigenas *mavris*, a cabeça vulgar da rainha Victoria, a do principe Alberto, de barba ingleza e de collarinhos altos, do principe de Galles e de um outro *gentleman!* Na rua, vi alguns *mavris* vestidos á moda phantasiada européa, que é tão burlesca e que é identica á dos indios que o passageiro dos trens transcontinentaes vê nas estações proximas, no Pacifico, no caminho de ferro de Nova York a São Francisco.

As curiosidades de Auckland são chifres, admiraveis de polido e brancura, dos *short-horns* afamados, dos *Hereford* e dos *Ayrshires,* e muito apreciados na colonia para cabides. Ha, depois, os artefactos de uma resina vegetal fossil, conhecida pelo nome de *káuri-gune*, a *green stone*, cujo nome scientifico ignoro, e as samambaias,

por que parecem morrer as inglezas que escrevem livros sobre o paiz, mas que não me parecem mais bonitas do que as da America do Sul e, muito menos, que as da California. Comprei varios livros sobre o paiz e, principalmente, referentes á acclimação e creação de novos animaes.

Estive com o secretario da *New Zeeland Stud Stock & Pedigrees Company,* que me prometteu todo o auxilio e muitos documentos a respeito. Vi umas bananas seccas vindas das ilhas Fidji e que me pareceram muito bôas. São arrumadas numa especie de bolas comprimidas e revestidas de varias camadas concentricas de folhas de banana, fortemente atadas com uma ligadura feita da casca da bananeira. Parece que estes fructos seccos são exportados com vantagem para a Europa.

Em Auckland, deixamos as quatro irmãs do Bom Pastor que vieram com-

nosco, desde São Francisco; são quatro irlandezas, que estiveram em França, em Anvers, onde a sua ordem tem a principal casa. Vêm para a Nova Zelandia fundar um convento, em Christ-Church, na costa occidental da Middle, ou South Island. Conversei com ellas algumas vezes. São muito patriotas, falam de sua ilha Esmeralda com grande amor e todas admiram muito mr. Gladstone. Uma dellas me disse que tem esperança de vêl-o convertido, antes de morrer, ao Catholicismo. Para esse fim, faz, assim como todo o clero e bons catholicos da Irlanda, orações ferventes e repetidas.

Pretendo escrever circumstanciadamente sobre Nova Zelandia, o que me será facil com os excellentes livros que comprei e com os documentos officiaes que espero obter ainda.

Estamos em caminho de Sydney, por um mar esplendido.

Esquecia-me de mencionar o *Cairu's Star Hotel*, de Auckland, como excellente. Tambem devia falar de uns peixinhos brancos e microscopicos, *white baits*, proprios da Nova Zelandia e que, fritos simplesmente, ou com ovos, são excellentes. Os colonos da Nova Zelandia gabam tambem muito as suas ostras. Não são más; porém pareceram-me muito inferiores ás da Inglaterra, ás de Arcachon e ás de Ostende, conhecidas, na Europa, por ostras da Zelandia.

Nisto, como em tudo mais, viva a Europa!

New South Walles Club, 26 de setembro. — No dia 22, após uma travessia magnifica, chegamos a Sydney. O mar é geralmente grosso e,

ás vezes, máu, entre a Nova Zelandia e a Australia, especialmente nesta época do anno, o equinoxio da primavera. Demos, portanto, graças a Deus pela bonança inesperada.

A grande attracção da chegada consistiu na contemplação do porto afamado, que, segundo os viajantes, rivalisa com o Rio de Janeiro, Napoles e Constantinopla. Estou, portanto, depois de vêr Sydney, com o meu curso completo de bahias e prompto para escrever uma dissertação; mas, segundo o meu vêr, si é possivel estabelecer uma graduação entre cousas dissimilhantes, a minha ordem é esta: 1.°, Napoles; 2.°, Rio de Janeiro; 3.°, Sydney, e 4.°, Constantinopla. É curiosissimo que a expedição do capitão Cook e a de La Perouse não tenham tomado conhecimento do admiravel porto Jackson e se deixassem maravilhar tanto ante Botany Bay.

O *Mariposa* atracou num dos muitos mólhes de uma das muitas reentrancias da bahia, que formam outros tantos portos, e muito socegadamente desembarquei. Tomando um magnifico *cab,* como os de Londres, partí para o *Royal Hotel*, pocilga muito ordinaria, em George Street. Deram-me um quarto pessimo, no quarto andar, pouco maior do que o meu beliche a bordo do *Mariposa.* O *Royal Hotel,* como todos os hoteis de Sydney, estava repleto de viajantes vindos do interior, de Melbourne e da Queenslandia, attrahidos pelas grandes corridas annuaes, época em que tive a infelicidade de chegar a Sydney.

O *Royal Hotel*, onde paguei por poucas horas, por um *lunch*, que não tive, porque havia acabado, e por um pessimo jantar, 12 *shillings* e 6 *pence*, estava tal qual o hotel *Giorelli,* quando cheio de paulistas.

A' noite, resolvi a todo preço mudar-me. O criado do hotel, allemão bebedo e suando em bicas, não me entendia, quando lhe dizia que descesse a bagagem; o dono do hotel, um inglez tambem bebedo, com ares de cavalheiro, um verdadeiro retrato do Viriato de Medeiros, tudo, tudo me enfurecia. Afinal, descobri por 9 *shillings* um bom quarto no primeiro andar de uma casa de pensão, á rua Margaret, n. 48. Mudei-me logo para alli, onde permaneci até hontem, quando me transferi para o *New South Walles Club,* de que fui feito membro honorario, graças a um pedido do amavel capitão Hayward.

A notavel ruindade dos hoteis, numa cidade de primeira ordem, como Sydney, explica-se pela existencia, em longa escala, da vida de club, que é aqui muito confortavel e que, realmente, na minha opinião, é o ideal do ho-

mem solteiro. O consul do Brasil, coronel Raymundo, um bom homem, mas que, infelizmente, está ás portas da morte com uma hydropisia, quiz ser muito attencioso para commigo e serviu-se para isso de um seu amigo, um corretor de nome Peebles, que é uma das creaturas mais estupidas que tenho encontrado. Hontem, apresentou-me a um australiano, de nome Smith, que é consul do Perú, de Portugal e do Hawaï e de mais não sei o que. E' um typo completo do *snob* antipodal, querendo dar-se ares de grande personagem.

Uma impertinente e brusca dôr de ouvido me impediu de visitar convenientemente Sydney. Por conselhos do estupido mr. Peebles, dei commigo em casa de um medico de nome Asheston, que sahiu um discipulo da homœopathia, feitiçaria muito popular aqui nas colonias. Além de uma aguazinha que

me deu, achei que o mais liquido que lucrei foi uma *guinéa* que me filou, dizendo-me que voltasse no dia seguinte. Ha de ficar á minha espera *per omnia secula seculorum.*

Assim, desprezando o medico e as suas mézinhas, tenho ido por deante com os meus remediosinhos e, hoje, julgo estar melhor. Amanhã, tomarei um banho turco para rematar o curativo.

Por ora, só vi de Sydney o museu, as ruas e a Botany Bay, aonde fui numa especie de bonde a vapor, que é a maior loucura e o maior perigo para a segurança publica que se póde imaginar. Não tem graça alguma a paizagem, até ao final da linha. Alli, tomei um *omnibus* e fui a *La Perouse*, a beira mar, um logar assim chamado, devido a um monumento que Bougainville levantou, em 1824, em memoria daquelle navegador. Ha tam-

bem, entre curraes, ao fundo dos quaes se vêem casas construidas, numa pequena eminencia que domina toda a Botany Bay, um tumulo do padre Receveur, physico da armada do dito La Perouse. O sitio é lindo e a agua tem tons verdes, que a tornam muito curiosa. Ha alli, mais, um forte recentemente construido.

Emquanto visitava eu o monumento de *La Perouse,* faziam exercicio de canhão contra um alvo, noutra banda da bahia. No caminho que percorri entre o extremo da linha férrea e *La Perouse*, vêem-se bellissimos exemplares da flora silvestre do paiz. E' o que resta da grande variedade que induziu o capitão Cook e sir Joseph Bank a darem ao sitio o nome de — Botany Bay.

Chama-se *Joseph Bank* um lindo e confortabilissimo hotel, no caminho de Botany, onde fiz o meu *lunch.*

Surgiu-me um francez muito prosa, creio que judeu, chamado Hirlofschen. Intelligente, viajou muito e falou-me do Rio de Janeiro e do Paraguay. Disse-me ser grande amigo do sr. Callado, cujo fim lamentou e já sabia. Revezes de fortuna obrigaram-n'o a vir estabelecer em Sydney uma fabrica de aguas gazosas, e accrescentou que, para agradar *á dona* Smith, do *Bank Hotel,* estava pintando-o a aguarella. Com effeito, tinha todo o apparato de um pintor de paizagem. Mrs. Smith é uma das suas freguezas de aguas gazosas. O rapaz sentou-se ao piano e com muito brio tocou alguns pedaços de musica. Decididamente, é um homem bem educado, que veiu encalhar aqui na Australia, em seguida sabe Deus a que tormentos. Mostrou-se muito descontente com o paiz e fez-me a critica de tudo com muito espirito.

Não ha duvida, o francez, e, principalmente, o parisiense, não vive noutro meio, a não ser em França e na corrupta e, aliás, tão agradavel estufa de Paris.

E qual será o homem de bom gosto que lhe atirará a primeira pedra?

Os edificios de Sydney são exteriormente apparatosos. Servem-se aqui os sydnenses, para a construcção, de uma pedra amarellada — *sandstone* — muito bonita e creio que de trabalho muito facil. O gosto, porém, de tudo é pessimo. Não vi obra decente, a não ser a cathedral, — *Church of England* — cujo padroeiro é Santo André. O Correio, com uma porção de figuras em trajes modernos, é horroroso; o museu, muito interessante; a parte mineralogica, curiosissima, e, d'entre os mineraes expostos, vimos, além dos modelos de grandes pepitas achadas nas minas de ouro, um,

o maior — *Welcome,* achado em Ballarat, Victoria, que foi vendido por 10,000 *libras;* vêm, depois, o *Viscount Canterbury, Viscountess Canterbury, Crescent Needful, Cake* etc. Ha alli tambem papagaios empalhados, kangurús e outros. Vi ainda uma figura da prôa do navio do capitão Cook, o compasso do mesmo, autographos do grande navegante, a Biblia allemã da familia do explorador Leichardt e seu diario, reliquias do explorador Kennedy e um curioso retrato do delphim Luiz XVII, com a placa do *Saint Esprit,* mas tendo uma indicação dizendo ser o retrato de Nelson aos dez annos de edade e ter pertencido ao rei Jorge III.

O Jardim Botanico de Sydney é precioso; crescem alli plantas de todos os climas e as araucarias são esplendidas. Dalli se nos descortina bellissima vista para a pequena enseada chamada Farm Core.

Desde o dia 26 de setembro que está este diario interrompido.

Passei mais alguns dias em Sydney. No domingo, um domingo perfeitamente inglez, tomei o *tramway* a vapor e fui á bahia Cogee, nas vizinhanças da cidade: pequena praia, col·linas arenosas, cobertas de flores silvestres em rochedos, de encontro aos quaes o mar, quebrando, espuma; pequenos hoteis, um delles perdido entre o arvoredo e com este nome: *Baden-Baden Hotel*. A classe caixeiral, endomingada, de Sydney, parece ter na Cogee Bay um dos seus *rendez-vous* privilegiados. Por todo o caminho só se vê cada um com a sua predilecta, pela praia, pelos rochedos e por entre a florida vegetação rasteira da região. A predilecta é uma caixeirinha, ou uma criada de servir, de cabello de um louro sujo e, sem ex-

cepção, pittorescamente sarapintada de sardas.

O' domingo de Sydney! O' divertimento! Decididamente, devo dar graças a Deus pela resistencia com que dotou as minhas articulações maxillares! Que bocejos, santo Deus!

E' preciso não esquecer que a Nova Galles do Sul é um paiz dotado pela natureza de bôas pastagens, minas de ouro e florestas, e, pelo homem, da liberdade parlamentar, representada em duas Camaras, uma alta e outra baixa, assim chamadas por euphemismo, porque o nivel intellectual e moral de ambas parece ser egualmente inferior. Tive uma carta de apresentação para um dos homens proeminentes do paiz, mr. Barton, presidente da Assembléa Legislativa. Antes de abrir-se a sessão, apresentei-me no edificio do Parlamento. O porteiro mostrou-m'o todo. E' um edificio muito

simples, porém dotado de conforto interior. Ha varios quartos, uma excellente livraria, salas de escrever com bôas pennas, tinta fluida e negra, bom papel, e em profusão, um serviço bem feito e um salão para o *lunch,* reservado aos legisladores, onde estes encontram magnificas refeições. Este salão quasi sempre se transforma em sala de almoço, de jantar e de cear, porque as sessões se prolongam ás vezes dias e dias e noites a fio, e os oradores e ouvintes necessitam dar tréguas ao patriotismo para se refazerem com aquellas differentes refeições. Apesar de ser gratuito o mandato, os legisladores pagam o que comem.

Uma das questões do paiz é a do salario dos representantes: Victoria dá 300 *libras* aos seus legisladores; Queensland tambem os remunera, mas a Nova Galles do Sul e a Tasmania conservam a pouco democratica

instituição da gratuidade. Parece que o resultado é os representantes se pagarem pelas proprias mãos, e nem este desencanto da gratuidade é efficaz para só se abrirem as portas do Parlamento a homens de independencia e alta educação. Os desaforos, os cachações e os murros são trocados ás vezes com enthusiasmo. O tom da linguagem, o porte e o aspecto da representação são muito baixos. Não ha muito tempo, um orador exclamou, em resposta a uma advertencia do presidente: — «*Damned the speaker!*»

E' preciso conhecer a lingua e a sociedade dos inglezes para bem avaliar o horror de tal expressão.

A Assembléa Legislativa é uma reducção, em tamanho e em dignidade, da Casa dos Communs. Não se vê a *maça dourada* sobre a mesa, em signal de estar aberta a sessão, mas o *speaker*, sentado numa cadeira ele-

vada, usa bacalhau rendado, cabelleira e uma béca, assim como os tres *clerks,* que, á cabeceira de uma longa mesa, sob os seus olhos, escrevem o que costumam escrever esses officiaes parlamentares de nomeação. Lá está tambem o *sergeant at arms* da Casa, de casaca bordada a retroz preto, trajando calção, com sapatos de entrada baixa e fivella de ouro, como aquelles, rodeado de muito mais importancia, e mais favorecido, quanto aos ordenados, do que os seus equivalentes no Brasil. O ordenado do *speaker* é de 1,500 *libras.*

Tal como na Camara dos Communs, quando estão reunidos os membros da Assembléa, aqui, o *speaker,* ao ser altamente annunciado pelo *sergeant at arms*, e quando entra, todos se levantam. Toma, então, assento e, sem leitura de actas, nem expedientes, annuncía a *question* (pergunta) que o

sr. A., ou o sr. B. vai fazer ao ministro de tal repartição. As perguntas, annunciadas de vespera, são rapidamente feitas e respondidas e, exgottada a lista dellas, entra a Casa no seu trabalho ordinario. A primeira pergunta que ouvi foi sobre as medidas adoptadas pelo governo para a extincção dos coelhos, que, multiplicados prodigiosamente na colonia, causam muito damno ás pastagens, assim como os kangurús. Dahi a pouco, o primeiro ministro, sir. Patrick Jennings, propõe que o presidente deixe a cadeira e que a Casa, *em commissão,* assistida do presidente da commissão de Caminhos e Rendas, trate da prorogação do orçamento! Que mal contaminador! Até na Australia!...

Obedecendo á proposta, retira-se o *speaker*. Afinal, depois de falarem uns contra, a favor, outros, é encerrada a discussão, volta aquelle e procede-se a votação.

É preciso notar que o presidente da commissão do Orçamento tem ordenado marcado em lei.

Os habitos parlamentares das colonias são, com certeza, inferiores aos da metropole. Sobretudo, parece que o Parlamento governa de mais. Herbert Spencer diz a respeito muitas cousas, e com muita observação. Talvez se fale tambem demais nos Parlamentos australianos. E' realmente difficil comprehender como um paiz de pouco mais de um milhão de habitantes tenha um Parlamento que viva em prorogações, convocado sempre extraordinariamente, que conserve os orçamentos atrasados na votação e que celebre diariamente sessões de 10 e 12 horas de duração. Com certeza, como os methodos expeditivos do Parlamento inglez estão no regimento (ha o *Standing Regulations* e o *Provisional,* votados no começo de

cada sessão annual), o caso só póde ser attribuido ao falar-se muito. Notei, na sessão a que assisti, que, embora constituida a Casa em commissão, todo o mundo, quer da opposição, quer do governo, queria dar a sua *piada*, como se diz em Portugal. Não eram só os chefes da opposição, os ministros e os respectivos *whips* que falavam. Um, depois outro, de ambos os lados, vinha dizer isto e aquillo, principalmente fazer pequenas denuncias de campanario: este, indignado, porque o mestre de escola de sua terra tem passe gratis nas estradas de ferro; aquelle, porque um funccionario municipal, contra a lei, é conservado em emprego de uma das estradas de ferro do governo, etc. etc.

Sir Henry Parke, um *self made man*, que parece muito orgulhoso e que é homem de talento, passa por ser o primeiro estadista da Australia.

Foi elle o campeão do livre commercio em Nova Galles do Sul. Está na opposição, de que parece ser um dos chefes. Esta attitude daquelle estadista australiano explica-se pelo facto de não ser, presentemente, primeiro ministro.

Mr. Barton, antes da ultima refórma eleitoral, era representante da Universidade de Sydney. A' maneira da Inglaterra, as corporações docentes tinham uma representação propria. A nova lei eleitoral supprimiu-a, cedendo a uma mal entendida democracia. A representação especial da Universidade era um preito á superioridade intellectual, um premio que se dava ao saber, como factor politico, naturalmente fraco num paiz novo e de *self made men*.

Por intermedio de mr. Barton, tive uma carta para mr. Scott, professor de humanidades da Universidade de Sy-

dney. Esta instituição está estabelecida num edificio gothico, no centro de um parque vulgar, donde a vista domina parte de Sydney. No edificio da Universidade, não moram estudantes, como acontece, ás vezes, na Inglaterra; os estudantes moram em collegios filiados á Universidade e vêm a esta assistir ás lições diarias e mais exercicios universitarios. A organisação é a das Universidades inglezas. O *cricket* e o *foot-ball* prevalecem, muita vez, sobre os livros; mas não ha que lamentar: ganham em vigor physico, que explica a superioridade da nação ingleza na historia de sua expansão por todo o mundo, comprehendidos os antipodas.

O museu é pobre; a bibliotheca, assim como o arranjo interno de toda a casa, é ainda mais pobre. No museu, vi um fragmento de rocha da parede de uma caverna, curioso pelo

seguinte: a pedra pareceu-me *sandstone* vulgar; tinha, porém, numa das faces, um tenue revestimento negro, cuja natureza, supponho, não é facil de explicar. E' ainda notavel, porque, num tom mais escuro, se vê a impressão de uma mão, a esquerda, mão pequena e que na pedra em questão coincidia exactamente, em tamanho e em fórma, com a minha mão. Vi, depois, em outro pequeno museu de uma secção da Universidade, uma outra pedra com impressão identica. Nenhuma explicação acompanhava estas impressões de mãos, que se encontram em muitas cavernas da Australia, algumas soterradas em épocas geologicas em que commummente não se suppunha, ou não se suppoz, a presença do homem. Por este lado, as taes pedras têm um grande valor. Creio que a camada negra provém da fuligem de fogos repetidos feitos por

seus habitantes. A natureza da pedra facilita a absorpção da parte gordurosa e negra da fuligem, que, pulverulenta a principio, recebe com facilidade a impressão de uma mão que se apoie sobre ella. A pressão dos dedos e da palma da mão comprime as moleculas carbonisadas, e em toda a superficie da parte comprimida o negro se torna mais intenso.

DE SYDNEY A MELBOURNE

Depois de alguns dias em Sydney, quando a permanencia não é alegrada pelo convivio social, o melhor que se póde fazer é sahir. Assim, apressei a minha partida, porque os *clerks*, da casa *Burns & Philipps*, muito impertinentes e malcreados, como em geral é toda a gente colonial, me declararam que não havia vapor para a Batavia, sinão a 2 de novembro, além do que devia partir de Brisbane no dia 5 de outubro. Não me restava, pois, sinão comprar o meu bilhete e apressar-me. Tomei passagem para Melbourne, na estrada de ferro. Foi-me impossivel conseguir um logar no unico carro-dormitorio do unico trem expresso que de Sydney vai a Melbourne todos os dias. Passei a noite inteira apertado num

wagon, que trazia a nota—*Não se fuma* — mas que os viajantes tornaram em breve infecto com a fumaça de seus detestaveis charutos. Devido ás bitolas das estradas de ferro de Nova Galles do Sul e de Victoria não serem eguaes, ha mudança de trem na fronteira, em Albury, logar onde dizem que ha vinhedos excellentes e onde o viajante encontra os guardas da alfandega victoriense inspeccionando as bagagens em nome da protecção, regimen financeiro predominante em Victoria. A marcha dos trens está na razão directa do rendimento das estradas de ferro: umas pelas outras, não dão ao governo mais que 2 a 3 por cento. Ha estradas de ferro por toda a parte em Nova Galles do Sul; em muitas dellas, a renda não dá para o custeio e parece que a politica e os interesses particulares interferem, muitas ve-

zes, na administração e direcção das estradas, com prejuizo do publico. Em todo caso, as construidas activam a circulação, dão incremento industrial ao paiz, e, si as colonias cruzassem os braços, á espera da tão decantada iniciativa individual, muitas de suas estradas não existiriam e, nas construidas pelas empresas particulares, soffreria o publico as consequencias de todo o monopolio mercantil, que, no caso vertente, seriam mau serviço e altas tarifas.

A Nova Galles do Sul tem uma divida de 40 milhões esterlinos, metade da do Brasil, apesar de só contar um milhão de habitantes. Embora seja verdade o principio de que a avaliação da divida de um paiz em relação á população não deve ser feita só se tendo em conta o numero de habitantes, e, sim, as circumstancias economicas destes, é fóra de duvida

que é enorme a divida daquelle, como a das outras colonias. Em todo caso, compare-se essa politica com a estreiteza de vistas politicas do governo brasileiro em relação ás estradas de ferro, confórme as disposições da funesta lei de outubro de 1875.

Não obstante, as colonias levantam facilmente em Londres os seus emprestimos a 4 %.

A paizagem entre Sydney e Melbourne nada tem de interessante. As florestas foram em geral devastadas, para o estabelecimento de pastagens; apenas nos segundos e terceiros planos, de um e de outro lado da estrada, extende-se o verde indeciso dos eucalyptos e da *string-bark tree*; mais perto, porém, não está de todo destruida a floresta. As arvores, excepto as de tamanho notavel, não são derrubadas; arrancam-lhes parte da casca e o exgottamento da seiva lhes traz, em consequencia, a

morte, e ellas, não dando mais sombra, deixam que a relva viceje em volta; além disso, as suas raizes mortas não sugam da terra a humidade, bastante preciosa num paiz onde as seccas constituem o mais temido dos flagellos. A apparencia das arvores mortas, brancas como esqueletos, contorcendo no ar os galhos seccos, como nos espasmos da agonia, é triste. O campo tem o mesmo aspecto deserto dos terrenos por que no Brasil passam as estradas de ferro. As estações são, ás vezes, mesquinhas, e, ás vezes, extravagantemente luxuosas. Existe uma estação de mediocre movimento, onde se fez uma sala de jantar que custou 15.000 *libras*. Consideram-n'a um primor e só abrem-n'a, parece, nas grandes occasiões. Quando o trem se deteve na tal estação, os passageiros correram, com a bruteza de maneiras que é preciso usar aqui para não ser

nem notado, nem logrado no designio de obter o que comer, para um *bar,* onde duas moças serviam com muito maus modos um chá requentado em chicaras rachadas.

Parte da viagem foi feita por mim em companhia de um gordo francez, antigo carpinteiro de navio, natural de Granville. O normando naufragara, segundo me contou, nas costas da Australia ; mas, neste continente, como na Europa, — *un normand se tire toujours d'affaire.* O meu companheiro está na Australia ha trinta annos e acha-se muito esquecido do francez. Aqui, o carpinteiro se arvorou em architecto e contratador de obras, e disse-me que tem um bom *magot.*

Neste paiz, todos têm a mania de contar ao extrangeiro a sua historia. Está claro que o céo, de um purissimo azul, o sol, o ar vivo, tudo actúa sobre a imaginação, e que o australiano

é um pouco provençal, para não dizer tarasconez. Quando houver litteratura australiana, um Daudet dos antipodas ha de esboçar-lhe os traços.

E' preciso dizer ainda que o gordo normando foi o architecto da sala de jantar de 15.000 *libras*...

Um joven judeu polaco tambem contou-me a sua historia.

Notei mais de um caixeiro viajante allemão, que é sempre judeu. E' incrivel o incremento que toma em todo o mundo o allemão. Na Australia, como em toda a parte, parece querer dominar.

Que será da civilisação latina?

Afinal, chegamos a Melbourne. Conta esta cidade ruas largas e é dotada de um plano optimo para a monotonia, onde o sol castiga, a poeira maltrata, agitada pelo vento, e os carros são pessimos.

O Hotel Menzie, onde estive, é o que se póde chamar ruim.

A minha primeira visita foi para o Jardim Zoologico, que é interessante e onde vi os infalliveis kangurús e tambem um ornithorinco, que é peixe, passaro e quadrupede. Havia morrido nesse mesmo dia. Vi-lhe as patas palmipedes ainda flexiveis e o chato bico cornudo. Dizem uns que esse animal é commum da Australia, outros, porém, affirmam que está quasi extincto nos seus rios e lagos.

Em seguida, visitei o Jardim Botanico e a Galeria de Artes, de Melbourne.

O jardim é muito vasto, tratado com cuidado admiravel, sendo todas as plantas perfeitamente classificadas, e a verdura e a gramma, mantidas pela irrigação, encantam quem vem das ruas poeirentas da cidade. O barão Müller, o botanico, é o guarda do

jardim. O rio Yarra-Yarra rega-o e o aspecto de suas margens é encantador.

O museu está no pavimento terreo de um bello edificio, chamado *Public Library*, que, no primeiro andar, tem uma bibliotheca livre, aberta até ás 10 horas da noite e muito frequentada, ao que parece. Tem aquelle edificio um caracter pratico proprio da terra. Vêem-se alli grandes amostras de mineraes de todas as côres e aspectos, peças de aço, ou de ferro fundido, ou de forja, das grandes fabricas européas, ahi deixadas depois da exposição internacional que houve em Melbourne, á imitação da que se deu em Sydney. Aqui se observam, porém, muito poucas cousas australianas. Uma pobre collecção de utensilios e armas dos indigenas da Australasia, modelos de grandes pepitas auriferas encontradas em differentes minerações; no mais, exemplares de productos industriaes

europeus etc. etc. Ha quatro estatuas de bello marmore, representando a rainha Victoria, o principe Alberto, o principe de Galles e a princeza de Galles. A rainha é representada na estatua como uma bellissima mulher! Na bibliotheca, vêem-se, como nas bibliothecas canadenses, na casa do Parlamento, em Sydney, e na Universidade, os livros soporiferos e vulgares escriptos pela rainha Victoria a respeito de sua vida intima e das virtudes e talentos do defuncto e já por demais falado principe consorte, contendo a dedicatoria autographa.

DE MELBOURNE A BALLARAT

Tive de partir, afinal, para Ballarat, onde encontrei mil difficuldades para tomar um quarto no *Craigs Hotel*, indicado como o melhor da terra, vendo-me obrigado, por isso, a sujeitar-me aos imprevistos do *Lester Hotel*. A mesma surpresa experimentada em Melbourne: ruas largas, poeirentas. Vizinhas ás casas, construcções de madeira em fórma de móinho — são os elevadores das minas de ouro, tirado de quartzos. Vi, mais, uns montões de terra lavada e triturada, onde se diz que os chins ainda conseguem achar ouro, empregando os primitivos processos!

Fiz, como ordenava a minha curiosidade, uma visita á officina de trituração e lavagem do quartzo aurifero. Lá estão as filas de pilões esmagando

o quartzo, que, depois de lavado, passa para uma caixa de cobre, onde as particulas de ouro se combinam com o mercurio; a agua barrenta, amarella ou avermelhada, segundo é o quartzo lavado da superficie, ou extrahido de grandes profundidades, corre em planos inclinados, por cima de cobertores de lã, frequentemente renovados e lavados para a extracção, do tecido, das particulas auriferas que se não combinaram com o mercurio. O aspecto da fabrica é de riqueza, porém a limpeza parece cousa alli desprezada.

E pensar-se que daquella sujidade se tira tudo neste mundo e que com o residuo daquella lama liquida se têm, na terra, poder, conforto, consideração, amor, tudo, tudo!

Depois desta inspecção, tive de descer a uma mina, a 500 pés de profundidade. Servi-me, para isso, de

uma prancha quadrada, tendo uma barra horizontal passada ao meio.

Revestido de roupas de oleado e de muito bôa vontade e algum receio, agarrei-me á tal barra. Em seguida, ouvi um apito, e começou a descida no escuro, sem trepidação. As paredes do poço têm a côr cinzenta, e dellas a agua gotteja. A' luz das velas, divisei longas estrias nas paredes. *Pum!* choque em baixo. E num espaço de 200 metros, fui obrigado a andar agachado. Já ao fim, distingui um regato lamacento, alargando-se, então, ahi, a galeria.

Um mineiro corta o granito ha seis mezes, esperando encontrar um veio.

Dahi, passei a visitar uma outra galeria, onde ha um veio em exploração. O aspecto do quartzo é brilhante e o veio, como um intersticio, cheio de uma substancia arenosa, quebradiça e pardacenta. E' o ouro. Vejo os fra-

gmentos de quartzo com o ouro especular, tendo examinado a direcção do veio, que segue sempre para o norte. Afinal, eis a subida e a agradabilissima sensação de uma viração suave e o desafogo no respirar, tranquillamente, a plenos pulmões.

ção e responsabilidade de um *serang*, sujeito de cordão de prata ao pescoço. Para servir á mesa, revestem-se de grandes aventaes brancos e de uns turbantes muito pittorescos. Todos os criados falam inglez, e um inglez que, naturalmente, não é perfeito. Creio que alguns dos termos de que elles se servem a bordo são portuguezes, especialmente os termos nauticos, aprendidos, ha tres seculos, com os primeiros navegantes portuguezes. Em Brisbane, ouvi-lhes distinctamente, quando içavam rapidamente um bote, o termo — *Iça! Iça!*

Neste momento em que escrevo, estamos ao norte da entrada do rio Fitzroy. Seguimos a nossa derrota e prometto a mim mesmo ser de ora em deante mais fiel no cumprimento do dever, isto é — diariamente escrever alguma linha neste livro, que, de outro modo, não se poderá chamar um diario.

8 de outubro. — Chegamos de madrugada á enseada de Mackay, onde estivemos algumas horas da manhã e onde recebeu o vapor carregamento de assucar.

Mackay é muito importante, dizem, como centro assucareiro. O porão do navio exhala o cheiro agradavel de assucar fresco, e, agora, com maior carga, parece elle mais firme. O aspecto da bahia é um pouco tropical; ainda não vi palmeiras, embora estejamos perto de algumas ilhas cobertas de vegetação frondosa. Mackay está na margem sul do rio Pioneer, um insignificante rio. O porto seguinte é Bowen.

Esta tarde, passamos pelo estreito conhecido pelo nome de Whitsunday Passage, viajando por um mar verde, pontuado de ilhas cobertas de vege-

tação, nas quaes se viam eucalyptos e araucarias. Depois, Moreton Bay Pine, com suas praias de areia branca e rochedos, sob um céo de turqueza clara.

9 de outubro. — Hoje, estivemos, desde manhã muito cedo, em Townsville. O vapor deteve-se a umas oito milhas de terra ; no fim de hora e meia de travessia, deixou-nos num *warf,* resguardado por um longo e duplo quebra-mar de pedras soltas. Townsville é constituida de uma porção de casas de apparencia meio campestre, meio tropical, espalhadas entre as rochas de uma montanha e parte de uma praia. Tem ruas calçadas, com passeios de madeira, e possue lojas, casas de fructas, hoteis e até os *bars* com as infalliveis criadas todas pintadas. A maior parte das casas tem

varandas; as dos hoteis são cheias de plantas tropicaes, crotons, calladiums, hibiscos, yucas em vasos, entre grandes conchas da *Tridacna gigas*. A cidade tem tambem bancos e companhias de seguros, e, sulcando as ruas arenosas, puxados por uns animaes felpudos, alguns cabriolés antediluvianos. Townsville pretende ser a capital da futura colonia da Queenslandia septentrional, que alguns querem venha a chamar-se Albertlandia, snobicamente. Ha tambem chins em abundancia e, a cada passo, se vêem lojas chinezas.

Começa a agitar-se aqui, como na California, a questão chineza, contando-se já ligas contra o trabalho asiatico; parece, porém, que estas ligas não chegaram ainda ao grau de actividade observado naquelle ultimo paiz. Muito se me tem dito sobre esta questão de trabalho. Nas plantações

de assucar, empregam-se aqui os naturaes das ilhas do mar do Sul—canacas, por meio de contratos triennaes, sanccionados pela prisão: ha pouca differença entre este estado e a escravidão. O trabalho do chim é mais caro, porém melhor, e o do javanez, ultimamente empregado em pequena escala, tem dado mau resultado: este, diz-se, é um fraco trabalhador.

Vou agora deixar algumas linhas para enchel-as com as informações que me forneceu um rapaz que vai a bordo, a respeito dos salarios e de outras questões do assucar. Em todo caso, devo dizer que estas informações não são officiaes.

E ellas são: que os brancos não fazem o trabalho de desbravar a terra; são inconstantes e exigentes, emquanto que os chinezes, mais baratos e seguros, são muito constantes; a causa da pouca perseverança dos bran-

cos é o ouro das minas; o trabalho vai barateando na proporção da crescente immigração; uma touceira de canna dura 6 annos, em Mackay, e 12 e 14, para o norte, notando-se, porém, por aqui, poucos engenhos centraes, etc. etc.

9 de outubro — Em Townsville, ficaram dous bons companheiros de viagem: sir Wollop, filho de lord Portsmouth, que por cinco annos foi secretario do governador da Tasmania, e mr. Le Roy Lewis, joven inglez, que, por seu talento, sua instrucção variadissima, fortuna e posição de familia, virá ainda a figurar na politica ingleza. De ambos e, especialmente, de Le Roy Lewis, guardo uma lembrança cheia de sympathia.

Hoje, fui a Townsville visitar o Jardim Botanico. Pareceu-me ser um

jardim do Brasil, tal o numero de plantas minhas conhecidas de lá. Na casa do jardineiro, comprei sementes de um maracujá gigante, que nunca vi no Brasil e que é magnifico — *Passiflora quadrangularis*. Vi bellas goiabeiras e goiabas muito bonitas.

E de Townsville, um dos derradeiros pontos da grande ilha, é tudo quanto guardo.

DE TOWNSVILLE A THURSDAY

10 de outubro — Parti, afinal, de Townsville. Após duas longas horas abhorrecidas, numa lancha muito incommoda, tive eu grande prazer em chegar a bordo. Findo o jantar, fiz um ensaio de pescaria da pôpa do vapor; apesar da maré não ser favoravel, apanhei cinco peixinhos, que me pareceram ser pouco differentes do que chamamos pescada. Um dos passageiros fisgou um pequeno tubarão, que não chegou a medir dous palmos. Dous dias antes, um outro, em Mackay, tinha sido apanhado por meio de um anzolzinho. O mar aqui parece povoado dos taes tubarões.

A's oito e meia da manhã, deixamos o porto, por um tempo um pouco fresco. Embora não fizesse calor, começou a funccionar o *punka* á mesa

do almoço. Em Townsville, observei 89° *Fahr.*, á sombra, e a minima foi de 75°. Agora, meio dia, marca o thermometro 79°, isto é, 26° centigrados.

11 de outubro — Esta madrugada, chegamos a Port Douglas, pequena e nova povoação, occulta para nós detrás de uma ilha verdejante. Uma cadeia de montanhas, creio que os picos conhecidos pelos nomes de Bellender Ker, apresenta um aspecto severo, proveniente do azul escuro da apparencia e das nuvens, que parecem pender-lhes dos flancos, como que agarradas ás arvores.

O céo ennevoado, o calor, a côr sombria das montanhas dão ao logar uma certa similhança com os arredores de Santos.

Embarcaram-se cêrca de 40 toneladas de carga e muitos saquinhos contendo estanho em minerio.

Falou-se em ir á terra, mas, felizmente, foi curta a demora e a excursão gorou.

Pequenos tubarões nadando em circulo appareceram na superficie calma do mar, esta manhã, emquanto estivemos ancorados. Falharam as tentativas de *tubaronicidio*, por meio de tiros, ou de anzol iscado com grandes pedaços de carne. Mais modestamente, fisguei um similhante ao que havia pescado em Townsville.

Acabei a leitura do 1.° volume das viagens de Trollope á Australasia.

A's seis horas da tarde, devemos chegar, hoje, a Cooktown. Seguimos agora lentamente a costa, que apresenta o mesmo aspecto que Port Douglas.

Ao meio dia, o barometro marcava 29,7, e o thermometro, 79° *Fahr.*, correspondendo a 26° centigrados.

13 de outubro — Dia de Santo Eduardo! *Hélas!*

No dia 11, á tarde, chegamos, effectivamente, a Cooktown. Não desembarquei. A' noite, tentei pescar, cahindo-me no anzol um insignificante peixe roncador. No dia seguinte, estivemos, até ás 5 horas e meia da tarde, á espera do *Alexandra,* vapor que vinha de Brisbane com as ultimas malas que deviamos receber. Ancorou durante o dia o *Northern,* vapor da linha da China, e entrou um navio allemão, todo sarapintado de branco, azul e vermelho — o *Ottilie* — que faz, disseram-me, o serviço entre a colonia allemã da Nova Guiné e os portos norte-australianos. Renovei inutilmente as tentativas de pesca. Resolvi, afinal, ir á terra num pessimo bote do vapor. Lá, o calor estava

insupportavel, exhalando Cooktown todos os cheiros incommodos que um homem póde imaginar. Que vi? Muitos chins, hoteis e *bars* e umas favas grandes, que comprei. São conhecidas por *Queensland beans.*

O aspecto de Cooktown é miseravel, havendo nas ruas pouco movimento: alguns aborigenes, sordidos, esqualidos, todos com grandes gaforinas, onde devem pullular milhares de piolhos.

Vi muitas conchas da *Tridacna gigas.*

Um vapor de guerra allemão, o *Adler,* estava ancorado junto a um dos mólhes. Tive grande prazer em voltar para bordo, onde achei dous novos passageiros: uma *lady,* typo anglo-indiano, e um *gentleman,* typo caixeiro de modas: marido e mulher?

Afinal, appareceu o *Alexandra.* As malas foram promptamente rece-

bidas, algumas toneladas de cartas, em saccos grandes ou pequenos, cerrados, rotulados e lacrados — a mala da Queenslandia!

Partimos muito contentes por deixar o insipidissimo Cooktown.

Dizem que, amanhã, chegaremos, cedo, a Thursday Island. Assim seja.

O thermometro marca 82°, *Fahr.* e 28° ½ centigrados; o barometro, 30. Subiu, de hontem para hoje.

Esqueci-me de mencionar a pesca feita por um joven inglez, mr. Toms, de um peixe muito curioso, o qual no dorso tem uma especie de ventosa com que, dizem, se apega aos tubarões e ás baleias. O nome, segundo me lembro, é *remora.* Tenho idéa de que se encontra este peixe no Mediterraneo e que Plinio, ou Aristoteles, diz que o tal peixe é capaz de, apegando-se a um navio, detel-o no mar! Fiz um mau desenho delle. Medía 0,41 de comprido.

Disse-me um marinheiro que sua denominação hindostanica é *kaangaor*. Os inglezes não lhe sabiam o nome: *sucker*, como lhe chamam, deverá ser o seu nome.

21 de outubro — Uma semana sem uma linha neste diario!

No dia 14, chegamos a Thursday Island, uma das ilhas do pequeno grupo Principe de Galles, que comprehende, além desta, Tuesday Island, Wednesday, Friday e a maior, Prince of Walles, todas no estreito de Torres, não longe da peninsula em que termina ao norte o continente australiano.

Thursday Island terá no futuro grande importancia estrategica. Conjuntamente com King Georges Sound, na Australia do Oéste, será um grande porto militar, para o que tem todas as condições.

O calor é suffocante, razão por que ninguem desembarcou.

Quanto ao pittoresco da paizagem, nem por isso.

Assistimos a pescarias de perolas; depois, ao embarque de lã e de caixas de madreperola e de mais um passageiro.

A' noite, partimos.

DE THURSDAY A JAVA

Tres dias sem avistarmos terra, viajando pelo mar de Arafora! Afinal, Timor, primeira terra que Camões menciona:

> «*Alli tambem Timor, que o lenho manda,*
> *Sandalo salutifero e cheiroso*».

Depois, a ilha de Savu e a pequena ilha de Daua, tendo antes passado ao sul de Rotti. Em seguida, avistamos Sumba, ou a ilha de Sandalo. Esta noite, atravessamos o estreito de Bali, entre Bali e Java. Paramos um momento em Bandjouvanghi, porque o capitão tinha de mandar um telegramma a Batavia sobre cargas etc. Entendi não me levantar ás $2^1/_2$ da manhã para vêr a noite escura; ás $6^1/_2$, passamos pelo cabo Sedano. Esplendida, a vista da montanha deste nome.

A's 9 da manhã, estavamos em frente a Sapudi. O calor, misturado á humidade, é bastante desagradavel neste ponto. Tivemos de atravessar o estreito de Sapudi, entre a ilha deste nome e Madura. As outras ilhas apparecem ante nossos olhos, lembrando estes versos do poeta:

> *«Eis apparecem logo em companhia*
> *Uns pequenos bateis, que vêm daquella*
> *Que mais chegada á terra parecia,*
> *Cortando o longo mar co'a larga véla.»*

As ilhas têm uma vegetação rareada, destacando-se, d'entre esta, grandes arvores. As terras são baixas, e as suas extremidades, corroidas pelo mar, que apresenta uma côr verde claro. No céo, nuvens negras, aqui e alli, prenunciando chuvas tropicaes, ou, antes, equatoriaes. O mar, muito escuro em alguns pontos, claro noutros, numerosas vélas brancas, alguns barcos que se approximam, cujas vélas

têm uma listra preta, tudo nos offerece uma bella surpresa.

Depois de amanhã, dia 23, chegaremos cedo a Batavia, segundo annunciam o capitão e os officiaes.

Veremos, como dizia o cégo.

22 de outubro — Amanhã, eis o dia da chegada. E' curioso: Java parece tão pequena no mappa, mas ha dous dias navegamos 11 milhas por hora, desde a sua extremidade oriental, e só amanhã, cinco horas da manhã, chegaremos a Batavia, que ainda não está no fim da ilha! O calor é intensissimo e humido, á hora de meio dia. O thermometro marca 86° *Fahr.* sob a tolda.

JAVA — BATAVIA A BUITENZORG

27 de outubro — Buitenzorg. No dia 23, cedo, estava o *Almora*, como fôra promettido, em *Tang Jong Priok*, logar onde descarregam os vapores e que para os navios de certo calado serve de porto a Batavia, um longuissimo quebra-mar, uma dóca importante, que me disseram ter sido feita com trabalho dos *convicts*.

A população amarella, pouco vestida com roupa de muitas côres, agita-se sob as palmeiras de uma margem do porto, entre montões de carvão, sobre umas pauperrimas pontes de bambús, por onde é levado este para ser embarcado. O fundo do panorama é uma alta montanha, que tem a fórma de um vulcão.

Ao desembarque, surge a grande difficuldade de entendermos os carregadores, que só falam o malaio.

Apparece, a passear pelo cáes, uma especie de orangotango, disfarçado em *gendarme*, de sabre ao lado, pés nús e de chapéo.

Na Alfandega, que se não póde dizer seja incommoda, tivemos uma desavença, logo ao desembarque, a proposito da espingarda que mr. Loder trazia: as armas de fogo só podem ser importadas mediante licença do residente. Quanto á viação férrea, é lenta por demais. Contornando o canal, vêem-se ahi innumeraveis palmeiras, jaqueiras, mangueiras, em meio de cabanas de palha escondidas entre essas arvores.

No canal, barcaças, puxadas a corda por javanezes nús, emquanto crianças, á porta das cabanas, pasmam a olhar. A Batavia! E' o aspecto de suas casas o mesmo de algumas velhas casas de Pernambuco, e de gosto horrivel. No mais, *tramways* a vapor,. *poneys*

puxando carrinhos desgraciosos, dous a dous. No quarteirão chinez, ferem a vista do passeante as lettras pretas, ou douradas, das taboletas, e, a cada passo, se acotovelam os trabalhadores, em numero consideravel.

No hotel *Der Neederlander*, cujo dono tem uma apparencia de *grand seigneur*, tomei parte num *lunch*, com dezenas de pratinhos, iniciando-me assim na phantastica cozinha hollando-javaneza: pimenta, gallinha, arroz, môlho coruscante e rutilante.

Um canal recto e sujo corta toda a cidade. Durante o dia, os javanezes lavam na agua avermelhada os corpos sujos e a roupa não menos limpa. Uma especie de Veneza. Um casarão sem arte, nem harmonia, é o do *Harmonie Club*, feito de marmore branco. Nos hoteis, o *free gin* é o aperitivo e, ahi, os vestuarios e as caras femininas se casam bem com a antipathia dos hol-

landezes, cuja theoria é a de que todos devem falar inglez e francez.

Abhorreceram-me ainda as difficuldades eternas com o cocheiro, devido ao troco. Sahi conhecendo o valor do *guilder*, do *florim* e da *rupia*, tres moedas e uma só ladroeira verdadeira.

Sempre, os chins, de mistura a malaios! Porque diria Camões «namorados malaios»? A tudo isto devo ajuntar nestas notas as casas de commercio, os inglezes e francezes de Batavia, as cabelleiras das senhoras e, para remate, o consul, mr. Jourlain, e ainda o Callado e, mais, os pianos destemperados, a imprensa miseravel e a necessidade e difficuldade das cartas de apresentação.

Ufa! Daqui, de Buitenzorg, donde escrevo estas linhas, estou livre da

Batavia, felizmente. Parti para Buitenzorg, por uma estrada pessima, apesar de dizer-me mr. van Berg, que é homem competente, — pois é escriptor e presidente do Banco de Java — que as tarifas são horriveis.

Entre a vegetação, vêem-se a cada passo plantações de arroz em tanques, cujas paredes são de barro amassado com hervas seccas. Em caminho, choveu, continuando a chuva até chegar a Buitenzorg, com o seu *Hotel Bellevue*, onde assisti a uma briga, a proposito de uma lampada, e onde, ainda, conheci o dr. Treub, de par com moscas, mosquitos e mariposas, em quantidade pasmosa. Influencia do naturalista allemão?

Dia 28 — Cedo, fiz uma visita ao admiravel e celebre Jardim Botanico, acompanhado pelo jardineiro em chefe, tendo eu occasião de vêr reunidos a noz moscada, o craveiro, as

celebres especiarias das Indias, a strychnina, o páu-teck, de largas e bellas folhas, a *Albizzia* molluccana, arvore usada em Java para proteger os caféeiros contra os ardores do sol e de crescimento tanto ou mais espantoso quanto o *eucaliptus globulus;* a admirabilissima arvore *Amherstia nobilis*, da Birmania, de cachos vermelhos pendentes e adoraveis. Foi-me impossivel obter a semente; e como leval-a de outro modo? Notei, ainda: a *Kegelia pinnata*, da Abyssinia, que dá uns fructos pendentes em fórma de um dente de elephante, o que faz ser chamada pelos inglezes — *Elephant tree;* a *Aristolochia barbata*, que tem uma trompa externa revestida de pêlos, dispostos de modo a permittir a entrada de insectos, que operam a fecundação da flôr dentro de uma especie de bolsa. Fecundada esta, cáem os pêlos e os insectos adquirem a sua liberdade. Vi

mais: a *Chloreontea officinalis*, cujas sementes, similhantes a uns crystaesinhos brancos, são empregadas na China para dar perfume ao chá; uma linda variedade de lotos côr de rosa; as palmeiras, que são de inimaginavel altura, palmeiras imperiaes, de fructos verdes, amarellos, vermelhos, grandes, pequenos, e cuja folhagem espalmada, em fórma de baldaquim, é recortada, espinhosa, revolta, luzente e de disposição regular, trincada nas extremidades; bambús communs e bambús grandes da India, de Sião, pequenos ornamentos do Japão, da China; *bambusia* de tronco vermelho; uma adoravel ilha de palmeiras; *Kethjapi,* de fructo do genero do abio e muito bom; castanhas, arvores grandes e pequenas, e tambem arvores do Brasil, e, d'entre essas, admiraveis exemplares do *Guapiruvú,* do *Crescentio cuneifolio,* de que, segundo creio, se fazem cuias no Pará;

a *Parmentiera cereifera*, ou arvore de vélas; a esplendida *Eucharis amasonica* e admiraveis exemplares da *Victoria régia !* Das orchideas é melhor não falar: devo aqui apenas observar que são as aéreas pregadas em arvores de jasmim-manga — *Plumeria* —, variedade de tronco amarello e que nunca vi no Brasil e pela primeira vez encontrei em Honolulu. Os javanezes plantam-n'as no cemiterio. Não vi a afamada *Rofflesia*, a flôr gigante; vi, porém, a arvore em cujas raizes de vez em quando ella brota. Por ultimo, dei com um pé de café Liberia! Ora, vir a Java para vêr café de Liberia! No emtanto, é hoje o leão do dia, nesta caféeira ilha. A *hemiléa vastatrix* destruiu todo o café da parte central de Java, a zona que tem como porto Samarang. A proposito da *hemiléa vastatrix*, *adhuc sub judice lis est.* Degenerescencia da planta? enfraque-

cimento da terra? Talvez as duas cousas, dizem alguns avisados no assumpto. O café de Liberia (parece que neste ponto estão todos de accôrdo) é inferior em qualidade ao café antigo de Java; a planta, porém, é muito mais robusta: floresce menos que o café nativo, mas as suas grandes bagas e as folhas espessas são mais resistentes do que as outras. O governo, que aqui corresponde ao Club da Lavoura, no Brasil, faz grande propaganda do café de Liberia. Em Batavia, houve enthusiastas que até me affirmaram ser esse café isento da molestia; porém o jardineiro em chefe de Buitenzorg tomou uma das grandes folhas do caféeiro e mostrou-m'a toda manchada de uns pontinhos pretos aureolados de amarello. Era a bicha! Quasi todas as folhas estavam atacadas; o café tinha poucas bagas, bem desenvolvidas, não obstante. Os

plantadores que aqui em Java não abandonaram o café, a exemplo dos seus collegas de Ceylão, têm no café Liberia a sua ultima esperança. A parte oriental da ilha ainda nada soffreu; e a occidental, muito pouco. Uns pretendem que o flagello não attinge certa altura, mas tudo isto é supposição, é incerteza. Amanhã cedo, irei visitar uma plantação annexa ao jardim e o dr. Treub me acompanhará.

Não devo esquecer-me do jardim de Buitenzorg, com suas bellas perspectivas, suas avenidas de palmeiras e as figueiras, assim como a palmeira *Licuala*, que, ao cabo de 25 a 30 annos, quando attinge todo o seu desenvolvimento, dá um admiravel pennacho de flores, que se resolvem numas 3.000 sementes, concluindo assim a sua missão na terra.

O jardineiro chama-se Vergmain. Elle e o dr. Treub apreciam alta-

mente o dr. Glazion. Ultimamente, mandaram sementes a um horticultor do Rio de Janeiro, chamado Litz, ou Litch.

Amanhã, depois do passeio com o dr. Treub, irei á casa do sr. Bergma, secretario geral do governo, que ás dez horas me concederá uma audiencia. Não passa, segundo parece, de um verdadeiro *snob*.

Mudei-me do hotel *Bellevue* para o hotel *Chemin de Fer*, que, excepção feita da vista, lhe é em tudo superior. Está, porém, infestado por um pianista, e neste momento em que escrevo, á fresca, em *pijama,* poucos minutos antes do jantar, o pianista, que, justiça lhe seja feita, não é dos peiores, atormenta um pobre piano velho, rheumatico e enferrujado, que neste clima humido e quentissimo parece ter ganho, e muito bem, direito ao socego proprio e... alheio.

De passagem, leio no numero do *Phare de la Loire,* de 23 de setembro de 1886, uma correspondencia daqui enviada e datada de 31 de agosto, a respeito do café, de que faço este extracto:

«*Os lotes apresentados até aqui no mercado são de bôa qualidade; estão longe, porém, de ser abundantes. A molestia do caféeiro continúa a fazer destroços. Nossos plantadores vêem suas colheitas diminuir todos os annos e mostram-se algum tanto desanimados. Si não se tomarem cuidados serios, esta planta, que outr'ora constituia a fortuna do paiz, desapparecerá completamente. A exportação, que se elevava, em 1883 a 1884, a 578.000 e 600.000 kilos, baixou, em 1885, a 240.000! A de 1886 será tambem reduzida, si não fôr a ultima...*»

*
* *

29 de outubro — Estou de carro á porta, no pateo, fazendo horas para a audiencia do secretario geral de Java. Esta manhã, estive duas horas na dependencia do Jardim Botanico, que devia visitar em companhia do dr. Treub, mas que, por molestia deste senhor, visitei apenas em companhia de um seu subordinado, de nome Massinck. Em caminho da tal dependencia, vi uma *Amherstia nobilis*. Queria, principalmente, conversar a respeito do café, mas o homem, aliás bem amavel, pareceu-me entender pouco, ou occupar-se pouco do assumpto, e só sabia exclamar, a cada pergunta minha: O', café Liberia!... café Liberia!...

As informações, não obstante, obtive-as. A *hemiléa vastatrix* ataca os caféeiros, apresentando-se em grãosinhos amarellos, pulverulentos, no reverso das folhas. Tanto o café Maragogipe, como o Murta e o café Jambo, são

por ella atacados; o Liberia é o que soffre menos. Os pés de café que vi são muito ordinarios; o mais bello dos caféeiros Liberia não presta para nada. Buitenzorg não é bastante alto para o café; as encostas do Salakah, do Gedeh e do Hamelum, que daqui se vêem, parecem mais apropriadas para essa cultura. Vi muitas variedades de arvores da borracha e gutta-percha; o *Manioc Glazionii*, plantações da *Bœhmeria* da China, planta textil do mais alto valor industrial; a *Norinda citrifolia,* de cujas raizes se extráe uma substancia colorante amarella muito empregada pelos indigenas para colorir os seus afamados *sarongs;* o *Eucaliptus alba,* de Timor; o *Eulaius quineensis,* admiravel palmeira, que dá um corymbo de fructos negros e luzentes, de que se extráe um excellente oleo; a *Delenia,* arvore ornamental, que dá uma admiravel flôr

amarella, substituida depois por um calice vermelho desabrochado, que é como outra flôr, todo pontuado de sementes de um vermelho ainda mais vivo. Vi canelleiras da China e das Moluccas e a variedade de Ceylão, magnificas *Albizzias* e admiraveis arvores de nóz-moscada das Moluccas.

A noz-moscada madura é um fructo do tamanho de um pecego pequeno, ou, antes, de um damasco; é pardacento claro; abre-se ao meio, tendo a parte externa carnuda, que reveste uma noz preta e luzente, como envernizada, cheia de depressões, que assimilham um desenho phantasista. Essa noz está dentro de uma especie de flôr, que a recobre como um véo rendádo e é vermelha, carnuda, perfumada e com todo o sabor da noz-moscada. A arvore é de tamanho regular; os galhos, pendentes, e as folhas, um pouco compridas e estreitas.

O tronco é liso e esbelto. Ha tambem no jardim uma grande plantação de *Coca*, do Perú. Ao voltar do jardim, detive-me numa especie de mercado indigena, onde havia jacas á venda, uma especie de favas, muito grandes, chamadas *djenko* e que são muito apreciadas pelos indigenas. Para comel-as é preciso enterral-as na terra e depois de quatro dias, quando a germinação está adeantada, extrahil-as. Assim fazem os indigenas. Vi algumas favas depois desta exhumação, as quaes exhalavam um forte cheiro de couve de Bruxellas. Mr. Massinck, hollandez comedor de alhos, cebollas e salchichas cozidas em cerveja, disse-me ser a tal comida muito indigesta e, no seu francez macarronico, exprimiu-me a sua repugnancia pelo manjar javanez nestas curtas palavras: — *C'est très affreux !*

Quando falei das informações sobre o café e a *hemiléa,* omitti uma.

E' preciso não se confundir com a *hemiléa vastatrix* um insecto que pontua de amarello as folhas do caféeiro; conjuntamente com a *hemiléa*, encontra-se esse insecto, cuja acção não tem o caracter funesto da sua companheira; ignoro, porém, o seu nome.

Notei, na minha visita com mr. Massinck, que os canteiros de varias arvores, cafés, *Maniocs Glazionii* etc. estão cobertos de uma vegetação de talvez doze a quinze centimetros, que os indigenas cortam, servindo-se para isso de grandes foices. Disse-me mr. Massinck que este córte se faz duas vezes por semana e que 15 dias são bastantes para se revestir a terra de tal vegetação! As ruas do jardim estão cheias de sensitivas — *Mimosa pudica*. Informou-me o meu componheiro que esta planta, hoje considerada damninha, foi importada do Brasil ha uns 50 annos.

O orvalho aqui é abundante e os javanezes, quasi nús, são os trabalhadores.

Chega, afinal, o momento de apresentar-me em casa do secretario, para a recepção das 10 horas, confórme o estabelecido. Na occasião em que entrei em sua sala de trabalho, um empregado javanez, de joelhos, extendia-lhe um papel para assignar. E' elle um homem de longa barba e de ar bastante commum. Estava soffrendo de não sei que no pé, que extendeu numa cadeira perto da minha. Fez-me um interrogatorio inquisitorial e um pouco impertinente, a respeito do que eu vinha fazer a Java, vêr o que etc. etc. Falou-me logo no *permis de séjour* para todo extrangeiro na colonia, no imposto que eu devia pagar e disse-me que me daria uma circular geral de recommendação a todos os residentes da colonia, accrescentando que

eu devia pagar todas as minhas despesas, ao que respondi que era esse o meu costume. Como começasse a fazer difficuldades sobre a minha viagem, perguntei-lhe si van Delden Laërne tinha encontrado no Brasil as mesmas difficuldades. O homem córou um pouco e amaciou. No mais, pareceu-me um tolo; enchia a bocca com o *gouverneur generaal* e quiz deslumbrar-me, dando-se uns ares majestaticos. Creio não ficou muito satisfeito commigo, porque não me mostrei impressionado pela grandeza burocratica do secretario de S. E. o G. N. I.

A' tarde, recebi o meu *permis de séjour,* assim como um documento em hollandez, que supponho ser a tal recommendação aos residentes.

Mr. Garreon, o dono do hotel, mostrou-me uma *folha-mosca:* é uma curiosissima variedade de louva-deus verde e que se parece muito — côr,

tamanho, fórma, nervuras etc., com a folha de uma planta de que se alimenta. Examinei de perto o ramo da planta e, apesar de ser o animal de tamanho regular, não pude, de repente, descobril-o. Passei todo o dia restante em casa, devido a ter cahido uma grande pancada de agua, ou, antes, varias, o que refrescou muito o ar. Enviei um telegramma a mr. Loder, em Bandong, aconselhando-o a que voltasse para a Batavia commigo.

Transcrevo aqui o *permis de séjour* e a carta-circular de apresentação, que me custou de sello 1 $^1/_2$ *guilder:* — « *Extract nit het Register der Beslniten van den Gouverneur-Generaal van Nederlandsch. Indië. N.° $^1/_c$ — Buitenzorg den 28.^{em} october 1886.—Is goedgevoden en verstaan: Aan den Herr E. Prado voor den tijd van drie maanden vergunning te verleenen tot reizen over Java vergeteld van*

een Europeaschen bediende op den vost van Staatsblad 1872 n. 38 zooals dat gewijhigd is bij Staatsblad 1881 n. 226 etc. etc.»

DE BUITENZORG A TOSARI

3 de novembro — Escrevo de Djocjakarta. No dia 29, á tarde, tomei, em Buitenzorg, o trem para Batavia. Encontrei a noticia, que depois soube ser falsa, de que não havia logar a bordo do *Governeur Generaal Yacot*, vapor em que devia partir, no dia seguinte, para Samarang. Para verificar o caso, fui com mr. Jourlain á casa de mr. Schröder, hollandez, rico, que mora numa vivenda confortavel. Disse-nos o preço de tudo e quiz por força que nos extasiassemos deante de uma pessima aguarella, porque ella lhe havia custado 100 *florins*.

No dia 30, bem cedo, dei com os ossos em *Tand Yong Priok*, onde me reservaram um beliche. Parti á noite, e, á uma hora da madrugada, chegava a Tjeribon, onde se achava mr.

Loder, que tinha vindo de carro desde Bandong, embarcando ahi. Estava a bordo mr. van den Berg, que me deu muitas informações uteis sobre Java. Paramos em Tegal e noutro porto, Pekalongan. Chegamos a Samarang e desembarcamos no dia 1.°, sem nenhum dos perigos e inconvenientes que tinha eu lido em varios livros de viagem e nas narrações oraes que me fizeram em Batavia. Ahi, tomamos o trem para Djocjakarta. A paizagem pareceu-nos insignificante. Mr. Loder diz que a vegetação entre Bandong e Tjeribon é superior, pois ahi se encontram anil, arroz, em tanques irregulares, verdes claros, ou amarellados, milho, tabaco, cannaviaes etc.

Chegamos a Solo, abreviatura de Sodjakarta, como Sockio, ou Djocja, é abreviatura do nome sonoro de Djocjakarta. Tomamos um carro e fomos, ás pressas, almoçar num hotel

da cidade o eterno arroz com a eterna gallinha. Depois, voltamos e retomamos o trem em direcção ao Sul, até Brambanan, onde paramos para ir vêr uns templos buddhistas muito arruinados. Arvores frondosas emergem das ruinas do primeiro templo; numa especie de cella, cuja abobada está muito derrocada, um buddha sereno e gigantesco sorri enigmaticamente. O incenso, offerta do mysterioso adepto não convertido ao triumphante mahometismo dos conquistadores malaios, nem ao christianismo hollandez, queima, perfumando o ambiente, num prato de porcellana, ao pé do Deus. Como fizesse muito calor, depois de uma mimica desenfreiada, um javanez comprehendeu que tinhamos sêde e procuravamos agua; subiu a uma palmeira altissima e do tope atirou ao chão dous grandes côcos; em seguida, desceu e, servindo-se de uma especie de

pequena foice cortante, num fechar d'olhos, desbastou as duas extremidades das bolas verdes e oblongas e, com a ponta da foice, abriu-lhes dous buracos. Sedentos, empunhamos aquelles odres naturaes e, a grandes goles, sorvemos a agua do côco, fresca e perfumada. Perto, um novilho estava amarrado junto a um pedaço de ruina; o cabresto passava por uma incisão feita no nariz de uma chiméra, que era de certo uma *gouttière* do templo antigo: a chiméra parecia exactamente uma caricatura do barão de Cotegipe.

Continuamos a andar. Adeante, vimos a ruina insignificante de um segundo templo, e, ao fim de um caminho sombreado de bambús, chegamos a uma grande ruina de um vasto templo quadrangular: á sombra de duas arvores, duas figuras gigantescas de uma pedra negra, deuses ou guer-

reiros, tinham grandes bigodes, uma cabelleira farta e ennovellada, ventre proeminente e ar satisfeito e bonachão, digno de vêr. Demos volta ao templo e regressamos ainda muito a tempo de tomar o trem para Djocjakarta, onde chegamos ao anoitecer. Escrevemos ao residente, mandando-lhe as nossas *bulas governamentaes* e os nossos cartões, pedindo-lhe para hoje, si possivel fosse, uma introducção para o sultão javanez de Djocjakarta, o manequim por cujo intermedio os hollandezes governam parte de Java. Em Sodjokarta, ha um imperador. Tratamos, depois de arranjar conducção, da visita ao afamado templo de *Boro Buddha*, excursão que nos devia tomar, como com effeito tomou, todo o dia de hontem. Custou o carro 30 *florins!* A *Boro Buddha*,—que é um templo buddhista construido no setimo ou oitavo seculo, segundo uns, quarto,

ou quinto, segundo outros, — a viagem de carro durou quatro horas, com variadas mudanças dos quatro *poneys*, que a galope puxavam o vehiculo phantastico e incommodo. Um cocheiro malaio o conduz, sentado á nossa frente. Um *kriss* formidavel, especie de facão, cáe-lhe da cinta; um menino vai em pé, atrás do carro, entre dous feixes de capim destinado á alimentação dos *poneys*, nas paradas ou mudas. A estrada em todo o seu percurso formiga de gente, que vai e vem. Java é, seguramente, o paiz do mundo mais povoado, depois da Belgica.

A estatistica é, de certo, deficiente, porque os potentados javanezes têm interesse em diminuir o numero dos subditos, no papel, para pagarem menos impostos aos hollandezes. Em cinco minutos, marcados a relogio, num ponto menos apinhado de gente, contamos 200 passantes, e nas vastas

aldeias que atravessamos, vimos um formigueiro de gente.

O aspecto de toda essa multidão não é desagradavel: são elles, em geral, muito limpos, relativamente á classe que na Europa lhes é equivalente em fortuna; as roupas azues, graças á facilidade do anil, que cultivam em quantidade na região, são as predominantes. O numero das crianças é infinito, e bellissimas, as cabelleiras negras das mulheres. E toda esta gente trabalha: cestos carregados daqui; dalli, feixes de canna; além, potes, pilhas de chapéos de bambú, pintados de côres variadas, e tudo conduzido por meio de uma balança, que faz todo o peso sobre um dos hombros, á maneira da que usam os vendedores de peixe. Em algumas aldeias, era hora, ou dia de mercado. Quando passavamos nas estradas, os moços não davam attenção aos europeus, mas os velhos tiravam

Aqui, javanezes banham-se no rio, ou recebem o chuveiro de uma bica.

Subimos uma ladeira e, dahi a pouco, nos achamos na volta do caminho, deante da ruina pyramidal do templo de *Boro Bouddha*, a mais admiravel, a mais brilhante manifestação, póde dizer-se, do genio buddhico nesta grande ilha.

« *In the interior of Java there are monuments who in size and beauty dwarf the pyramids* ». Isto diz sir Stamford Roffles, referindo-se ao templo de *Boro Bouddha*. Mr. Bousquet equipara-o ao *Parthenon!*

A primeira impressão, ao chegar-se ao pé do outeiro corôado pelo templo, é, para servir-me de uma phrase ingleza, — *rather disappointing*. A vista é incomparavel: palmeiras ondeantes, plantações de arroz a perder de vista. As combinações da linha curva e da linha recta são infinitas;

os relevos, perfeitissimos; a expressão e o numero das figuras excedem tudo quanto se póde imaginar: — adorações de deuses, procissões, elephantes, macacos, guerreiros disparando tiros de flecha, em attitudes, alguns, comicas; nenhuma, porém, frisa a indecencia. A ruina — pois ruina é mistér chamal-a, — está bem tratada; algumas figuras foram destacadas e dispostas — buddhas, leões, guerreiros etc. — até uma casa onde existiu um hotel, cujo dono havia sido assassinado pouco tempo antes da nossa visita. E' um conjuncto grandioso este; as suas differentes partes se destacam em outros edificios gigantescos, onde quinhentos e tantos nichos abrigam estatuas de buddhas de tamanho natural e onde, em 1.500 grupos, em baixo relevo, se contam mais de vinte mil personagens!

No vasto alpendre daquella casa, havia uma esteira, sobre a qual vimos uma duzia de javanezes assentados hieraticamente, como as figuras dos deuses dos relevos do velho templo, que se avistava a poucos passos. Os javanezes estavam voltados para uma mesa, junto á qual vimos tres hollandezes vestidos de branco, presidindo um destes, emquanto os dous outros, entre chicaras de chá vazias, escreviam. O presidente dava á lingua com os javanezes. Era uma audiencia, que se interrompeu com a nossa chegada. — Disse-nos o juiz, o presidente, que aquella ceremonia era um inquerito criminal sobre a morte do hoteleiro. O magistrado accrescentou que não havia pessôa alguma na casa para fazer o almoço. Um paravento separava-nos da audiencia, e logo o estourar da agua de *Seltz* mostrou á magistratura hollandeza e aos naturaes o appetite dos recemchegados.

A volta fez-se em bôas condições.

A poucas milhas de Djocjakarta, visitamos uma fabrica de assucar, que é manufacturado por um systema antiquado. A canna pareceu-me de apparencia pobre: fina e nodosa. Vi cestos de guano, o que me indicou o exgottamento da terra. O proprietario disse-me que pagava 30 *centimos* de *florins* por dia aos javanezes. O assucar é ensaccado em jacás muito bem tecidos, que valem trinta *centimos*, e isto porque no mercado de Amsterdam não querem saccos de algodão, ou de pita, que seriam mais baratos. Resultado: a fabrica toda não parece lá muito prospera.

A' noite, fomos visitar o residente de Djocjakarta, que nos recebeu menos mal; chama-se van Baak e é cunhado de van Delden Laërne. Disse-me que a molestia do café provém da *demasiada* cultura. No jardim, ha bellissimos idolos brahmanicos e buddhi-

cos e a casa é um palacio luxuoso, tendo eu bebido alli excellente vinho do Porto.

No dia seguinte, recebemos communicação de que S. A. o Sultão nos receberia ás 10 horas da manhã e que o trajo de casaca era de rigor. Ora, tinhamos casaca, e, por isso, sem mais aquella, partimos no mesmo dia para Madioen, depois de fazer algumas compras insignificantes no mercado de Djocjakarta.

O caminho, depois de Solo, onde mudamos de trem, é sempre a planicie equatorial, onde se vêem grandes plantações de arroz e onde avistei duas figueiras adoraveis e majestosas, de longa cabelleira pendente. No dia seguinte, viajamos cedo para Panoeran, ou Panoravan, onde chegamos á uma hora da tarde e de onde deviamos partir para Tosari, no outro dia. Demos um esplendido passeio de carro, á tar-

de, nos arredores de Panoeran. O residente estava doente, ou dizia-se tal, pelo que fomos recebidos pelo secretario Vallette, amabilissimo, e que nos deu muito bôas informações, assim como uma carta para o *wedono* de Paserpan, onde deixamos o carro, que no dia seguinte nos transportou, e onde, depois de uma discussão com o dito *wedono,* em mimica expressiva, em presença do escrivão — *tjouroutolis,* — combinamos que o preço dos cavallos seria de 5 *florins,* cada um, e 2,50, o das bagagens.

Partimos, e, dahi a pouco, começamos a subir. A vegetação ia empobrecendo, á proporção que adeantavamos; bambús e samambaias constituiam, depois, a vestimenta da terra. Subimos, subimos, sentindo o ar cada vez mais fresco. Subimos ainda. A's vezes, paravamos, para lançar um olhar á planicie, onde viamos os ricinos

luxuosos e as samambaias arboreas. Subimos mais, até que, numa cêrca, vimos um pecegueiro. O caminho apertou-se, então, e de ambos os lados viam-se hortaliças, uma ou outra bananeira muito triste, mantida a custa de trato. Penetramos numa nuvem e distinguimos mais pecegueiros, chrysanthemos, geranios. Passamos algumas casas forradas de papel, cujas portas se fechavam hermeticamente e cujas paredes de taboa de juntas bem unidas nos indicavam a necessidade que o indigena tem de precaver-se contra o frio, em logar tão alto. Afinal, demos com uma escada de bambús enterrados numa ladeira e chegamos a um terreiro de uma casa maior que as outras — era o hotel, inclinado sobre uma crista da montanha e envolto nos floccos de uma nuvem. Crianças, algumas vestidas de lã, corriam e brincavam no pateo, com uma animação que

as extenuaria no fim de cinco minutos, si estivessem no clima da planicie. O hotelzinho é habitado por alguns doentes, que vêm a Tosari reconfortar-se na fresca temperatura, que relativamente é glacial. Quasi que tiritamos com 65.° *Fahr.*, isto é, a temperatura de um bello dia de maio em Londres, ou em Paris. A nuvem que nos envolvia persistiu por todo o resto do dia, fazendo lembrar-me Rigi.

No dia seguinte, muito cedo, partimos para a visita ao vulcão Bromo, pertencente ao grupo Tinger e uma das mais faladas maravilhas de Java. Os nossos *poneys* seguiram por muito tempo, nas subidas e descidas, os trilhos estreitos á borda de precipicios. Um mar de nuvens encobria em parte a planicie; algumas culturas apegavam-se á fralda abrupta da montanha. A casuarina, triste arvore sem folhas, era o unico ornamento do caminho; ge-

mia melancholica ao sopro do vento, que levantava a poeira da estrada.

Chegamos, finalmente, a um pequeno abrigo, a uma altura de 7.100 pés. Logo que deixamos Tosari, detonações espaçadas e seguidas de uma estrondosa repercussão chegaram aos nossos ouvidos: era o Bromo, que ha mais de um anno recomeçou a fazer-se ouvir, depois de um silencio prolongado.

Durante o caminho, á medida que avançavamos, as detonações se tornavam de mais a mais temerosas. Do logar onde paramos e onde existe o abrigo de que falo atrás, descobrimos, a mil pés abaixo de nós, uma especie de largo rio de areia encrespado e do qual o vento levantava nuvens, que de longe avançavam ennovelladas. Este rio secco volteia ao redor de um pico, um cone perfeito, enrugado de alto a baixo, bocca de fogo antiga, que emerge quasi do centro da velha e

formidavel cratéra, hoje entupida pelo que chamam o mar de areia.

Descemos, ou, antes, nos precipitamos do ponto em que nos achavamos até esse areial, onde tornamos a montar a cavallo, avançando a galope contra as ondas de areia levantadas ante nós pelo vento.

Ao cabo de $^1/_4$ de hora, chegamos a um rancho. Vimos dahi a cratéra actual, de fórma achatada. As detonações tornaram-se medonhas e eram seguidas da apparição, nas bordas da cratéra, de uma nuvem avermelhada, que o vento desfazia. Atravessamos a pé o resto da planicie e logo começamos a subir o cone vulcanico; a areia cedia sob os pés e a ascensão tornou-se fatigante em extremo. A vegetação, tenaz, persiste em luctar contra a areia; afinal, desapparece de todo. O ultimo representante da flora que vimos foi ainda uma casuarina, meio submergida

na areia, reduzida ás proporções de um arbusto.

Emfim ! Terminou a subida e, na borda da cratéra, abriu-se a nossos pés um circulo immenso, um funil gigantesco ! Toda descripção é inutil. De repente, uma detonação, de cuja força não se póde dar idéa, abala o ar e as paredes da cratéra e, do fundo do abysmo, um jacto, um tiro de pedras gigantescas, vermelhas, eleva-se ao ar; a areia das paredes corre para o fundo, uma grande esphera de fumaça sóbe, majestosa, e repercutem nos alicerces da terra os roucos estampidos de um echo medonho, que sôa como as rajadas de um duello subterraneo, entre raios e trovões formidaveis, e o silencio que se lhes segue é a mais sublime expressão de terror que o homem póde imaginar. As repercussões nas cavernas da terra lembram Meyerbeer, no *Robert le Diable*.

A' 1 hora da tarde, estavamos em Tosari.

A' noite, conversei com mr. Voorhoëser, superintendente de umas plantações de certa firma hollandeza no districto de Malang. Mostrou-me diversos especimens de differentes plantações. A de *Ambel Gading*, em Malang, tem 400.000 pés; o terreno é dividido por uma medida agraria chamada *bown*. Cada *bown* contém 1.250 pés. A média de cada *bown* é de 10 *piculs*, isto é, 600 kilos. *Ambel Gading*, com 400.000 pés, deu, em 1884, 4.000 *piculs*, medida esta que equivale a 61 kilos $^{76}/_{100}$, e em 1885, devido á *hemiléa*, 160. Nos terreiros, usa-se muito do *rail-back*. Mr. de Quay disse-me, depois, que é cousa muito cara, e mr. Simmonard, que é preciso muito espaço. Para obviar a este ultimo inconveniente, póde fazer-se a chamada *telescopagem*, graduando as alturas e as bitolas entre os trilhos.

Os plantadores pagam pesados impostos — 5 *guilders* por *bown* de café, direito de exportação, — 1,30 *guilder* por *picul*, 5 *guilders* por trabalhador empregado no estabelecimento, ou plantação, e 3/4 % do valor da colheita, confórme avaliação feita pelo governo. Não ha impostos de transmissão; as despesas de sello, escripturas etc., para uma grande propriedade, não sobem a mais de 300 *guilders*. Os fretes são exorbitantes. Um plantador, a 90 milhas de Soerabaya, disse-me que lhe custa o transporte de cada *picul* para este porto a quantia de 1,75 *guilder*. A conservação das arvores, que exige quatro limpas por anno, orça por 50 *guilders* por *bown*, ou 30 *cents*. por 100 arvores. O arar de 100 arvores custa de 35 *cents*. a um *guilder*. Na plantação de canna em planicies onde a população é mais densa, o preço do salario é de 30 *cents*. diarios. Na mon-

tanha, o preço é mais alto, 40, para os homens; as mulheres recebem 25. A *hemiléa* não sóbe a 2.800 pés acima do nivel do mar.

DE TOSARI A MALANG

7 de novembro — Partimos, hoje, muito cedo, a cavallo, para um logar não longe de Malang, chamado Toempang, onde deviamos encontrar um carro vindo de Malang e onde tinhamos de falar com o fiscal das culturas do districto, a quem o secretario Valette devia, segundo sua promessa, haver escripto. Logo á sahida de Tosari, causou-nos surpresa que os guias nos levassem para os lados do Bromo. As reclamações surgiram; mas como nos fazer entender? Caminhamos, caminhamos, e, afinal, nos achamos outra vez no mar de areia! Atravessamol-o, ouvimos de novo as detonações do Bromo, vimos a fumaça da cratéra actual, subimos o lado opposto, uma ladeira por demais ingreme, e, depois, andamos por uns caminhos de cabra, na

arésta das montanhas, entre precipicios, onde os cavallos tropeçavam e cahiam. Mr. Loder perdeu o seu animal. Depois de o procurarmos por muito tempo, sem encontral-o, tornando-se o caminho de mais a mais impraticavel, desistimos, e guiamo-nos só por uma bussola. Cahimos, afinal, numa esplendida floresta equatorial, onde vimos em profusão samambaias, bromelias e orchideas, e, por um caminho estreito, *angustus*, palavra latina de que se originou a expressão *angustia*, que foi por algumas horas a nossa sensação dominante, sahimos, afinal, na planicie habitada, cortada por uma larga estrada, através das grandes e numerosas plantações de café do governo. Depois de muito andar ainda, encontramos uma aldeia, onde vimos alguns côcos, que obtivemos dos indigenas por meio de signaes e mostrando dinheiro. Os naturaes cortaram-

n'os e nós os sorvemos com deleite. Chegamos, finalmente, a Toempang, ao anoitecer; ahi, estava o carro á nossa espera. O fiscal tinha ido a Malang, a uma reunião mensal dos fiscaes do districto. Mettemo-nos no carro, uma verdadeira carcassa ante-diluviana, puxada por quatro *poneys*, que partiram a todo o galope. Ao mesmo tempo, cahiu uma chuva formidavel, que durou quasi duas horas, todo o tempo da viagem até Malang. Não sei como dar graças a Deus de havermos escapado á tal chuva torrencial. Em Malang, o hotel pareceu-me muito bom.

O proprietario é tal e qual a figura do *Punch*. Fomos procurar mr. de Quay, cunhado de mr. Woorhoëser, que é interessado e entendido em negocios de café.

No dia seguinte, partimos muito cedo com elle, de carro, para Sambock, perto da estação de *Singosari:* ha ahi

uma grande plantação, pertencente a mr. Simmonard, joven parisiense, casado com uma senhora hollandeza. E' engenheiro de minas e esteve na Colombia e em Bornéo; nesta ultima ilha, occupou-se na mineração de diamantes. E' um homem muito sympathico. Levou-nos a visitar as machinas, que me pareceram mediocres; só vi de interessante o seccador, do systema *Van Mannen*. Este systema de seccar café é muito simples, mas necessita de muito cuidado. São precisos dous homens revolvendo continuamente a camada de café extendida sobre as chapas perfuradas, para a operação fazer-se regularmente. Entretanto, disse mr. Simmonard, e repetiram-m'o em Soerabaya, em casa dos negociantes Fraser & Eaton, — o café não deve ser inteiramente secco no *Van Mannen*. Este apparelho é excellente para fazer metade da operação. Para que o café

adquira uma côr que lhe dê grande valor no mercado, é preciso que acabe de seccar lentamente ao sol. Sómente estando já meio secco, a operação se faz muito mais rapidamente no terreiro — *back* —, que póde ser muito menor. Mr. Simmonard convidou-me para passar dous ou tres dias na sua propriedade, ao que accedi com muito prazer.

Parti, no mesmo dia, para Soerabaya, onde cheguei á tarde, indo para o hotel *Wyndfeldt.* Soerabaya é uma cidade de grande importancia commercial. Por aqui se faz toda a exportação do oriente de Java. E' pittoresca, como toda cidade javaneza.

10 de novembro — O meu plano é voltar, hoje, para Malang, amanhã seguir para Kediri, visitar a plantação de *Ambel Gading,* voltar a Malang,

no dia 13, passar o dia 14 em casa de mr. Simmonard e, no dia 15, tomar o trem para Samarang, onde pretendo embarcar, no dia 17, para Batavia. Mr. Loder deixou-me hoje, partindo para Batavia, a bordo do *Bromo*, e lá tomará o vapor, no dia 18, para Singapura.

*
* *

13 de novembro — No dia 11, cedo, metti-me numa especie de carreta javaneza, puxada por dous *poneys*, a qual me levou até Dampit, logar para onde mr. Lotichins, administrador da plantação de *Ambel Gading*, havia mandado os cavallos. No fim de tres horas e meia de carreta, achei-me no tal Dampit.

Montei a cavallo e, através da costumada paizagem javaneza, andei até entrar nuns cafesaes, que me pareceram bem superiores a tudo quanto no genero havia eu visto até então.

As arvores não tinham mais de 4 a 5 pés de altura e os ramos, pouco carregados de fructos ainda novos, pareceram-me viçosos. Os cafeseiros estavam, porém, muito sujos.

Eram, na realidade, uma floresta regular de umas arvores que, a principio, tomei pela *Albizzia moluccana*, mas que, depois, soube ser uma arvore chamada *Dadap* e cujo nome scientifico pretendo perguntar, em Buitenzorg, ao dr. Treub. Avistei, afinal, um *guddam*, ou casa de guardar café. O tecto é de ferro cannellado e de longo rebordo, e a casa, de madeira alcatroada, assenta sobre uns pilares de dous a tres pés de altura. Um longo encanamento, vindo de longe e passando através do cafesal, traz, num tubo rectangular, aberto na face superior, de ferro estanhado na parte interna e pintado de vermelho na parte externa, a agua destinada aos

despolpadores e aos terreiros que vi logo junto ao *guddam*, entre este e o *kampong*, casa, ou casas onde vivem os javanezes.

O administrador, mr. Lotichins, felizmente, falava francez. Recebeu-me muito bem. Depois da mesa de arroz e da sésta, fez-me visitar parte do estabelecimento. Começamos pela casa de recepção de café, que se compõe de uma sala aberta, a alguma altura do sólo, communicando com este por uma escada. Sobre ella ha fixado um apparelho, que tem a capacidade de $^1/_{10}$ de *picul*. Na época da colheita, as mulheres empregadas nesse trabalho trazem em cestos o café-cereja e o despejam nesse apparelho; deste cáe em um cano, onde encontra a agua, que o leva ao despolpador *Walker*. As mulheres que fazem a colheita recebem, usualmente, 40 ou 50 *cents*. por decimo de *picul*. Embora este seja uma

medida de peso, neste caso é avaliado no *takkerbak*, que é o apparelho de que falamos, por meio de sua capacidade. Do despolpador *Walker* procurarei uma descripção apropriada, escrevendo a mr. Walker em Londres, ou indagando em Kandy, Ceylão. Por ora, só digo que cada despolpador (*Ambel Gading* tem 6 delles) custa 500 *florins* e é movido a vapor por uma machina da casa Barcock & Wilcox, de Glasglow e de Nova York. Póde despolpar 3 *piculs*, ou 186 kilos por hora. A sua durabilidade parece consideravel e não é elle de difficil conservação, devendo apenas ter-se cuidado em trazer em bom ponto de aperto as duas chapas, o que, parece-me, não é difficil, porquanto um só javanez, em *Ambel Gading*, dá conta do serviço. Está claro que é preciso não deitar ao despolpador café verde, cujo grão tem uma consistencia que o torna impro-

prio para o apparelho; é preciso ainda haver cuidado em que a agua não carregue terra, seixos, ou pedaços de madeira, que podem arrebentar as chapas. Consegue-se isto tendo no canal conductor da agua uma ou mais chapas perfuradas, através das quaes deve passar a agua antes de chegar ao despolpador. Este despeja o café despolpado em tanques de cimento, que ahi fica a fermentar por 36 horas. Essa questão do tempo da fermentação divide os plantadores. E' claro que só a experiencia de cada um póde servir de guia, porque, segundo a temperatura da occasião, ou do logar, a fermentação é mais ou menos lenta. Neste terreiro, ou *back,* que eu chamarei de preferencia tanque, faz-se a lavagem e, por meio de regos convenientemente inclinados, a agua espalha-se pelos outros terreiros adjacentes, que medem cada um 15 m.

75 c. de comprimento e 7 m. de largura. Cada terreiro, sendo o tempo propicio, sécca em dous dias 30 *piculs*. Os terreiros, as pequenas paredes lateraes e o fundo são feitos de cimento. Em geral, este cimento é coberto de alcatrão, devido ao conhecimento de que a côr preta concentra melhor os raios solares e apressa a operação de seccar o café. Causou-me surpresa o alcatrão não communicar ao precioso grão nenhum cheiro desagradavel.

Dos 32 terreiros de *Ambel Gading*, 21 são providos de cobertas moveis, conhecidas em Java pelo nome de *rail-back*. Consiste este apparelho numa armação de madeira, exactamente da estructura da metade de um tecto e com a inclinação de 45°.

Chapéos de zinco cannellado cobrem-n'o, constituindo o telhado, e a largura e o comprimento são eguaes

aos dos terreiros a que servem. O custo de cada um desses *rail-backs,* em *Ambel Gading*, onde o transporte é caro e difficil, é de 700 *florins*.

Numa plantação vizinha de *Ambel Gading*, *Petong Omboh,* vi outros *rail-backs,* que, embora mais custosos, ou talvez por essa mesma razão, me pareceram inferiores aos primeiros. São mais pesados e, por isso, menos faceis para ser rapidamente removidos; a sua construcção, complicada, deve ser consideravelmente mais cara; exige maior quantidade de zinco, que na cumieira deve ser soldado, ou recoberto, na juncção das folhas, de uma especie de telha, tambem de zinco. Vi, em *Petong Omboh,* um seccador *Van Mannen,* do mesmo systema empregado na plantação de mr. Simmonard, porém em proporções muito maiores: póde seccar 500 *piculs* em 36 horas e custou 12,000 *florins*.

Ambel Gading pertence a uma companhia de responsabilidade limitada, cuja directoria tem a sua séde em Rotterdam; o presidente da companhia é um mr. Scöffer, desta ultima cidade.

Na mesma situação, acham-se muitas plantações javanezas e parece-me vantajoso esse arranjo. Si os proprietarios da plantação são os vendedores na Europa, acha-se praticamente supprimida para elles a chusma insaciavel dos intermediarios que ha no commercio do café brasileiro; quanto á exploração das plantações de café por meio de sociedades limitadas, até ultimamente tinha ella dado bons resultados. No tempo em que a cultura do café era largamente remuneradora, esta industria, que é totalmente impraticavel com o regimen da pequena propriedade e, por consequencia, do capital tambem pequeno, tornou-se accessivel, por meio

da associação, ao capitalista modesto, que de outra fórma nunca teria opportunidade de participar dos lucros da prospera cultura. Chegaram, porém, os annos duros e o regimen mostrou o seu defeito. Um particular á testa de uma cultura de café, que nunca póde deixar de ter certa importancia, normal e racionalmente não esbanja os lucros dos bons annos. No caso de uma falha, póde fazer face á emergencia, com maior ou menor sacrificio, porque na plantação tem, em regra, todo o seu capital. O mesmo não acontece com os accionistas de uma companhia; não póde cada um isoladamente ter accumulado economias tiradas dos seus dividendos. E' para obviar a estas faltas de dividendos que a maioria das sociedades anonymas tem um fundo de reserva. A avidez dos accionistas de *Ambel Gading* os dissuadiu dessa sábia precaução, e hoje, com a doença

do café, estão, ha dous annos, privados do menor dividendo, sem meios de supprimento a qualquer necessidade urgente que a plantação porventura tenha. Quanto ao levantamento de capital, dizem-n'o todos aqui, é empresa impossivel. *Ambel Gading* é, como toda plantação particular em Java, arrendada pelo governo por 75 annos. A taxa do arrendamento de cada parcella de terra concedida pelo governo não é sujeita a outra regra, no momento de ser fixado para toda a duração dos 75 annos, além da apreciação e vontade do governo. *Ambel Gading* foi a primeira plantação, iniciada ha cousa de 12 annos, nas fraldas do Smiro, vulcão activo e a mais alta montanha de Java. A taxa annual da concessão é de 2 *florins* 60, por *bawn* (72,000 pés, ou 500 metros quadrados). A' medida que se foi reconhecendo a bondade das terras do

Smiro, o governo se foi tornando mais e mais exigente. Ha hoje plantadores que pagam de arrendamento 21 *florins* por *bawn! Ambel Gading* tem perto de 500 *bawns* e mais de 300 cultivadores, tendo cada *bawn* de 700 a 1.500 pés de café.

Os annos mais prosperos para esta plantação foram os de 1882 e 1884, em que produziu 4,000 *piculs*. Em 1885, appareceu a *hemiléa*, e a producção de 4,000 *piculs* desceu a 160! Era a ruina completa. Nada de dividendo. Mr. Lotichins fez cortar ao meio todas as arvores doentes, a maior parte; novos ramos brotaram e a producção chegou a 1,700 *piculs*. Hoje, porém, com as suas meias-arvores, embora não haja a *hemiléa* visivel, mr. Lotichins está desanimado. O flagello póde reapparecer de um momento para outro. Depois, ao contrario do que se me tem dito aqui, o

trabalho não é tão abundante. O governo, com as reparações das estradas, plantação do seu café, por meio dos naturaes — *wedonos*, *auritant wedonos*, *tjouroutolis* etc., distráe o javanez, que se não demora muito tempo no *kampong*, nome pelos naturaes dado, ás vezes, á casa, outras vezes, á reunião de choças de palha em que elles vivem na plantação. O javanez não gosta da cultura do café; prefere viver na planicie quente e humida, onde ha a canna, o tabaco e, especialmente, o arroz, cultura que prefere muito mais á do café. A paga é sempre de 40 *cents.*, para os homens, e de 25 a 30, para as mulheres. O imposto de exportação do café, que é feita em saccos de aniagem da India e do custo de 40 *cents.*, era de 3 *florins* por 100 kilos; mas agora desceu a 1 *florim*.

O governo, com o systema introduzido em Batú, logar que pouco dista

de Malang, melhorou a plantação alli, e as deste logar e de Ngnan-Tang são as unicas soffriveis que possue.

Transportei-me de novo facilmente de *Ambel Gading* a Malang. No caminho, entrei numa especie de café-concerto de palha, á beira da estrada, onde havia uma orchestra. Formados em roda, sentados em esteiras, uns 20 javanezes, muito entretidos, jogavam cartas. Uma mulher esfregava, deante de um espelho, a cara de pó de arroz; outra dormitava.

A dançarina espreguiçou-se, bocejou, dobrou uma faixa, a companheira ajudou-a a enrolar-se nella muito elegantemente, apertou-lhe um cinto dourado, passou-lhe uns braceletes e a rapariga, com outra faixa escarlate, cobriu metade do rosto e guinchou *uéééé! uééé ééé!* num tom só. Come-

çou a dança, dança propria para um paiz em que o menor movimento é causa de uma transpiração abundantissima. E foi um dançar desenfreiado de olhos, de dedos, de pescoço e até um pouco de pés.

Ufa! cousas do Oriente. Lembrei-me da *Josephine vendue par ses sœurs,* quando uma das sultanas no serralho lhe propoz cantar á bandolina.

Depois de apreciar essa exhibição choreographica de nova especie, retomei o caminho de Malang.

DE MALANG A BATAVIA

14 de novembro — Passei todo o dia de domingo, sem sahir da varanda de meu quarto. A' tarde, cahiu uma tremenda pancada d'agua; quando cessou a chuva, uma banda de musica militar veiu dar umas gaitadas na praça vizinha. De repente, escureceu completamente e a chuva cahiu de novo um pouco e a noite ficou escurissima.

Ao redor da minha lampada, voltejam dezenas de insectos de diversas ordens. Amanhã, bem cedo, partirei para Solo. Será todo um dia de caminho de ferro. Felizmente, vai ser um dos ultimos em Java. No dia seguinte, partirei de Solo para Samarang. Provavelmente, antes de lá chegar, não tornarei a abrir este livro.

17 de novembro — Escrevo de bordo do *Amboyna*, vapor que vai de Samarang a Batavia. No dia 15, cheguei muito cançado a Solo, ás 6 horas da tarde, havendo partido de Malang ás 6 da manhã do mesmo dia. Dormi no hotel *Shers* e segui caminho de Samarang, onde cheguei hontem, e descancei. Hoje, ás 7 horas, tomei uma lancha a vapor, que me trouxe a bordo do *Amboyna*. Contava ter 48 horas de viagem até *Tand Yong Priok*. Acontece, felizmente, que este vapor não toca nos portos Pekalongan, Tegal, Tjeribon e assim, amanhã, 18, chegarei a Batavia.

Faz um tempo esplendido. O mar não póde estar mais tranquillo; o que não é agradavel é a companhia. Agora, que perdi a mala franceza do dia 18 para Singapura, devo resignar-me a to-

mar outro vapor hollandez até áquelle ponto. Serão mais dous ou tres dias abhorrecidos; mas tenho-os tido tantos dessa natureza, que mais um ou dous não fazem differença. O *Amboyna* vai marchando vagarosamente e do mesmo modo vão os ponteiros do meu relogio; falta um quarto para meio dia, e não vejo signaes da *mesa de arroz*.

20 de novembro — Cheguei a Batavia no dia 18, ao meio dia. No correio, achei cartas de meu pae e do Rodrigues. O vapor parte no dia 24 para Singapura. Tomei bilhete, arrangei algumas ultimas cousas e hontem, 19, vim á tarde para Buitenzorg descançar e esperar o vapor. Partirei daqui, depois d'amanhã, á noite, ou no dia seguinte, cedo. Nesta cidade, encontrei-me com um naturalista francez. Irei, mais tarde, procurar o secre-

tario geral, para entregar-lhe a carta de mr. de Bylandt ao governador geral.

Talvez S. E. me receba; si não fôr muito majestoso, estimarei vêr o sr. van Rees, rei destas paragens.

Aproveito a opportunidade, e passo para este diario umas notas que hontem tirei do consulado de França.

Eil-as:

« O mau estar economico da colonia *provém* do augmento da despesa publica e decrescimento da renda!

« O *augmento da despesa* é causado pela guerra interminavel do Atjeh, que dura ha 13 annos, e pelo augmento do funccionalismo.

« A diminuição da renda provém: 1.°, da doença da canna e do café; 2.°, da baixa do preço desses productos; 3.°, da baixa do preço do pau-teck e outras madeiras. Para fazer

dinheiro ás pressas, foi enorme a quantidade cortada, o mercado resentiu-se, e dahi, a baixa. 4.°, baixa de 50 °/₀ do preço do arroz. O *picul*, que valia 6 *florins*, vale agora 3. O anil e o tabaco, especialmente o tabaco de Sumatra, sustentam-se em bôa posição. A pimenta, as especiarias, a gutta-percha etc., não influem, pelo seu valor e pela sua qualidade, no estado geral da economia das colonias neerlandezas. O estanho de Banka dá bons resultados. A diminuição da exportação trouxe a da importação; — as compras decresceram, houve paralysação do commercio e o consequente *deficit* para o Thesouro colonial. O rendimento dos direitos de entrada e de sahida diminuiu de $^1/_3$. O governo mantém e aggrava estas cousas decretando impostos, que são exorbitantes. O sub-sólo, muito rico, é improductivo, em razão da prohibição de exploração.

« A guerra do Atjeh era indispensavel; mas faltaram energia e resolução no principio. Procedeu-se mal mandando pequenos contingentes. Toda a ambição do governo era fazer a guerra com os meios do orçamento annual ordinario. 100.000.000 de *florins* seriam sufficientes para iniciar vigorosamente a campanha e dominar o paiz, e esses 100 milhões poderiam ter sido levantados por um emprestimo. Desde 1881 que, por amor da economia, os hollandezes passaram da offensiva para a defensiva. Occupam elles alguns pontos do littoral, fortes destacados, eis tudo. Estes fortes são antes trincheiras, cuja construcção custa milhares de vidas. E' sabido quão mortifero é o trabalho de revolver a terra num paiz humido e equatorial. Tem havido semanas em que a mortalidade causada entre as tropas pelas febres palustres, errada-

mente cognominadas *beribéri*, é de 300 homens por semana! O engajamento de soldados europeus é agora carissimo, quasi impossivel. No papel, o exercito é de 30 mil homens, mas o numero effectivo não chega a 6.000. Os atjiis, todos musulmanos, agitam-se mais vivamente, depois da noticia das façanhas dos seus correligionarios no Sudão. A noticia das vantagens obtidas, da quéda de Kartum, morte de Gordon etc., trazida e amplificada pelos peregrinos de Mecca, tornou-os cada vez mais audazes. Os ataques contra as organisações hollandezas são frequentes: uma sentinella isolada e uma patrulha são frequentemente victimas do *kriss* dos rebeldes. Ha poucas semanas, ceiavam tranquillamente os officiaes da guarnição de um forte, quando alguns atjiis penetraram no logar, trucidaram os officiaes, e, no meio do terror geral, fugiram, logo de-

pois do crime. O atjii fanatico chega a tal estado de exacerbação mental, chamada — *havock* —, isto é, o voluntario sacrificio da vida pela religião, que não ha audacia que o intimide. A noticia dos seus feitos não é propria para inspirar aos javanezes submissos augmento de temor aos hollandezes.

« E' immensa a quantidade de naturaes em Java e de jovens creoulos de meio sangue. Estes ultimos são de nullo valor moral, ou intellectual, mas, pelas suas relações com as familias indigenas e pelo seu avultado numero, deve o governo ter em grande conta esses meio-sangue. O trabalho agricola, mesmo o da simples inspecção, repugna a estes homens, que os negociantes europeus não querem empregar, pela sua falta de probidade. O que elles desejam é o titulo de *ambetenaar*, empregado publico, que lhes satisfaça a vaidade e a preguiça. O governo,

para sustentar essa gente, creou grande numero de empregos publicos inferiores, o que na despesa do pessôal administrativo trouxe um augmento de 25 %.

« Os principaes representantes do commercio e da industria em Java apresentaram ao rei uma petição desesperada; chegaram a pedir até a volta ao oppressivo systema de cultura *Van Bosch*, o que é absurdo. Só a liberdade de industria e de cultura póde trazer remedio á situação. O regimen actual e as exigencias fiscaes oneram a cultura e a fabricação — o preço da compra apenas eguala ao da venda e, ás vezes, nem chega a isso. »

Além das notas acima, resumo mais estas, exaradas sob o titulo — *Regimen da propriedade*, e que se seguem, afim de dar idéa da posição do indigena e extrangeiros e da exigencia do governo hollandez.

O aforamento territorial é feito por um prazo maximo de 75 annos e o pagamento annual é de uma taxa de $^3/_4$ $^0/_0$ do valor da propriedade, no momento do aforamento, renovado de dous em dous annos. As taxas variam segundo esses prazos renovados. Naturalmente, são com facilidade augmentadas, duplicadas e, mesmo, triplicadas; mas, quando se trata de diminuil-as, o caso é outro. Assim, os plantadores de assucar clamam durante annos. Os cafézistas da média Java poderiam salvar-se, si houvessem a tempo obtido as reducções de taxas; estas foram mantidas e, devido ao flagello da *hemiléa,* o abandono das plantações foi sua consequencia.

O defeituoso e antiquado regimen do credito agricola soffre com esta variabilidade: as taxas, podendo, a olho, pelo capricho de um fiscal, ser augmentadas, triplicadas, de dous em dous

annos, a condição do plantador não é estavel; os banqueiros intimidam-se e o cultivador não encontra dinheiro para fazer valer convenientemente a sua propriedade. O regimen legal das aguas é muito mau, trazendo difficuldade para a irrigação. Toda fonte, toda agua é regulada por empregados subalternos, que negam, ou concedem a capricho o uso da agua indispensavel em abundancia para a primeira cultura alimentaria do paiz — o arroz. Dahi, conflictos e queixas frequentes.

Existe uma prohibição absoluta da exploração do subsólo. Temem-se os capitaes inglezes e o contacto do indigena com o extrangeiro. Ultimamente, foi annunciada a adjudicação de uma mina de carvão em Sumatra, declarando-se que tal cousa não se faria nunca em Java. E mesmo a de Sumatra não parece ser cousa séria; tardiamente o governo quer incluir

nas obrigações da empresa a construcção de um caminho de ferro: a empresa recusa; dahi, adiamento e, talvez, nullificação de tudo.

Os indigenas estabelecidos em quaesquer terrenos concedidos pelo governo, ou comprados a antigos concessionarios, não podem ser expulsos, o que lhes dá uma situação melhor que a dos irlandezes, — e, segundo palavras textuaes do original, que transcrevo, « *ils doivent seulement aux con-*
« *cessionaires leur travail, pour lequel*
« *ils touchent* $^4/_5$ *du produit du terrain*
« *cultivé par eux, ce qui est enorme.*
« *S'ils ne travaillent pas et laissent*
« *leurs terrains en friche, de même, si*
« *les ouvriers indigènes employés sur*
« *les mêmes terres ne fournissent pas*
« *le travail fixé par jour, on ne peut*
« *obtenir contre eux la sanction de la*
« *loi — les journaliers émigrent et*
« *les indigènes, habitant la concession,*

« *attendent qu'on les expulse, ce que*
« *le propriétaire ne fait pas, crainte*
« *des frais de justice, et ce que le gou-*
« *vernement n'aide pas, crainte d'un*
« *soulèvement.* »

A lei não reconhece os adeantamentos feitos aos trabalhadores; dahi, grandes perdas para os proprietarios. Além disso, sem adeantamentos, muito difficilmente acham trabalhadores e, uma vez feitos, não ha meio de rehavel-os.

Os indigenas são, ás vezes, concessionarios de terrenos de extensão consideravel, que se acham encravados alguns nas plantações dos europeus, o que obriga estes, para sua tranquillidade, a comprar a todo preço os taes terrenos, que servem de couto para furtos de café etc.

A terra de assucar, além das taxas communs, paga, nos primeiros treze annos de cultivo, 25 *florins* por *bawn,* ou 0,7097 hectare. Os fretes são enor-

mes, e o mesmo póde dizer-se do imposto de exportação, havendo grande vexame na percepção dos impostos. A época desta percepção é escolhida para coincidir com a expiração dos orçamentos da colonia e da metropole, e não com o fim da colheita, como seria racional. Os indigenas são os que mais soffrem, exigindo-se-lhes impostos, quando a colheita é ainda fructo verde e pendente, de fórma a obrigal-os a venderem a futura colheita a vil preço e, ás vezes, toda a propriedade. E' um fisco sem entranhas. Imagina-se facilmente a situação, dizendo-se que, hoje, o governo hollandez para com o indigena é ao mesmo tempo fraco e desapiedado, isto é, provoca com a sua exacção uma reacção, que mostra não poder reprimir. E' preciso não se esquecer de que, em resposta a todas as queixas, o governo declarou não poder consentir noutra modificação do

estado actual de cousas, a não ser a reducção da taxa de exportação.

Mr. Jourlain, a respeito da situação politica, sob o n. 48, escreveu, no *Prémier Bureau de la Direction Politique du Quai d'Orsay,* em 31 de maio de 1885, um curioso relatorio. Nelle, insiste na diminuição do prestigio hollandez, e com razão.

Le respect s'en va; — nesta phrase resumo tudo quanto me disseram alguns hollandezes. Bem no interior de Java, ainda ha algum respeito; notei que os velhos sempre tiravam o chapéo na estrada, o que não acontecia com os moços, que, quando muito, se apeavam. Os hollandezes difficilmente podem occultar por mais tempo aos javanezes a sua fraqueza, como potencia européa. Embora as pouquissimas escolas existentes tenham cartas da Europa em que a Hollanda figura com o nome de Paizes Baixos, represen-

tada como o maior paiz da Europa, e, depois, um enorme *Blanda,* — nome malaio por que traduzem a palavra Hollanda; — não obstante, até ha pouco tempo, não consentirem que os consules extrangeiros arvorassem os seus respectivos pavilhões; muito embora tudo isso, a verdade transparece aos olhos do indigena. Actualmente, é grandissimo o descontentamento proveniente dos impostos vexatorios, das más colheitas, da crise geral do paiz e da influencia dos *hadjis,* peregrinos de Mecca, fanaticos, que exaltam os espiritos com as suas prédicas e os exemplos que adduzem das proezas dos musulmanos no Sudão e no Atjeh. Neste ultimo paiz, torna-se cada vez mais precaria a posição dos hollandezes. A attitude inteiramente defensiva destes foi interpretada, e com razão, como uma prova de fraqueza, não sem importancia como causa do

desprestigio dos hollandezes, que occupam apenas alguns pontos, fortificados com grande sacrificio por elles.

Muito recentemente, a colonia alarmou-se, devido ás depredações dos atjiis. No Djambi, os incendios têm-se repetido com frequencia: ora uma plantação, ora um deposito de carvão destruidos, trazendo grande prejuizo para o governo, ora um vapor deste capturado. Devastações idènticas se deram no Deli. A população européa em Java sobresaltou-se com estes acontecimentos.

No Preanger, uma regencia de grande importancia ao sul de Batavia, foi planeada, em setembro de 1885, uma grande revolta, que devia, segundo os planos assentados, rebentar por occasião das corridas de Bandong: os indigenas revoltados penetrariam na tribuna das corridas e assassinariam o governador geral e todos os europeus alli reunidos.

O governo teve noticia da cousa e preparou-se para, no dia do attentado, prender todos os conjurados. Infelizmente, o *Java Bode* publicou um artigo narrando tudo. Vendo-se os conjurados descobertos, puzeram-se ao fresco, e até hoje. O *Java Bode* foi suspenso, mas, depois, entrou nos seus eixos.

Tempos passados, foi atacada por indigenas armados a casa do fiscal de Madioen. Havia mais de um seculo que attentado deste genero não se dava na colonia. Afinal, no dia 19 de maio de 1886, rebentou uma revolta no Preanger: mais de 500 indigenas, entre homens, mulheres e crianças, reuniram-se numa pequena eminencia, que domina uma ponte sobre um riacho, e ahi arvoraram o estandarte negro e amarello da revolta e o estandarte verde do Islam, emquanto arrastavam na lama a bandeira

hollandeza, tudo isto aos gritos de *Prang sabil! Prang sabil!* — isto é, guerra santa! guerra santa! O *assistant resident* procurou acalmal-os, mas deu ás de villa diogo e voltou com tropa, que, depois das intimações usuaes, fez fogo, de que resultou a morte de 41 indigenas. Diz-se que, logo á primeira descarga, os indigenas dispersaram, mas que os soldados continuaram a fazer fogo sobre as mulheres e as crianças. O governo, para não reconhecer officialmente a gravidade da situação, recusou-se a vêr no movimento de maio, em Djambi, relação alguma com a conspiração abortada em setembro e, como alguns indigenas se queixassem de ser rudemente tratados por mr. de Sturler, proprietario de uma plantação chamada *Tjomas,* e alguns desses queixosos se achassem entre os revoltados, o governo fez cahir a responsabilidade de tudo sobre mr. de

Sturler, que foi expulso da Residencia de Batavia. Foi grande a sobreexcitação da população branca em Java e os indigenas tambem ficaram aterrados: abandonaram em grande numero as plantações, cujos proprietarios conservaram a esperança de que só a miseria obrigaria os desertores a voltarem ao trabalho.

DE BATAVIA A SINGAPURA

23 de novembro — No dia 20, em Buitenzorg, fui entregar ao governador geral a carta de mr. de Bylandt, sendo por elle bem recebido. Mr. van Rees é o mais simples de todos os funccionarios hollandezes que encontrei até hoje. Convidou-me para jantar no dia seguinte. Depois da visita a mr. van Rees, fiz um passeio no jardim com o dr. Treub, onde tive occasião de vêr as celebres arvores venenosas e a gutta-percha, que se tornou rara, devido á difficuldade de seu cultivo.

Ao outro dia, fui satisfazer o convite do dia antecedente, feito pelo governador geral. Fiquei arrependido: jantar pessimo, tendo por companheiras as filhas *poseuses* de mr. van Rees, mal educadas e feias. No dia 22, fiz ou-

tro passeio a uma fonte azul, no que empreguei muitas horas, e, afinal, decidi-me a voltar para a Batavia, hoje, 23, e embarcar amanhã.

*
* *

25 de novembro — Escrevo de manhã, no estreito de Banka, a bordo do *Amboina*. Hontem, passamos em frente ao estreito de Sunda,

> *... Sunda tão larga, que uma banda*
> *Esconde para o Sul difficultoso,*

e agora, á esquerda, vejo Sumatra, que costeamos, caminho do estreito de Malacca, tocando

> *...na ponta da terra Singapura*
> . . . .

em caminho de Malacca.

> . . . .
> *Malacca por emporio ennobrecido,*
> *Onde toda a provincia do mar grande*
> *Suas mercadorias ricas mande.*
> . . . .
> *Dizem que desta terra, co'as possantes*
> *Ondas o mar entrando, dividiu*

A nobre ilha Sumatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga viu:
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produziu,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

*
* *

27 de novembro — Ancoramos hoje em frente a Rhio, estabelecimento hollandez numa das ilhas do grupo deste nome, ao sul de Singapura, onde devemos chegar ás duas horas da tarde. Hontem, passamos a linha, entrando assim outra vez no hemispherio norte, que deixei no dia 9 de setembro, quando escrevi: — « *Passamos o equador com uma brisa fresca, tão forte que ás vezes até parecia fria. Com esta são quatro vezes que passo o Equador e sempre tenho encontrado a mesma temperatura na altura em que os viajantes falam sempre de calmarias e calores abrazadores* ».

Subscrevo de novo estas linhas; sómente, porém, em vez de — *quatro vezes*, digo — *cinco*.

Ante-hontem, atravessamos o estreito de Banka, entre Sumatra e Banka, ilha esta de onde os hollandezes, servindo-se dos chins, extráem consideravel quantidade de estanho. Muntok, porto onde nos detivemos, é a cidade importante de Banka.

Aqui, embarcou um padre catholico hollandez, que veiu a Rhio, onde apparece, disse-me, duas vezes por anno para administrar os sacramentos. Disse-me elle que, em Banka, ha uns quinhentos catholicos, na sua maior parte chins, contando-se tambem alguns europeus, para os quaes a grande difficuldade pastoral está na existencia do concubinato, a que se entregam, devido a não haver mulheres brancas, resultando dahi a regra geral das uniões illicitas com as in-

digenas. O governo hollandez não se esforça e parece, mesmo, adverso á conversão dos indigenas musulmanos.

Nas Indias hollandezas, ha um arcebispo catholico, o de Batavia, que recebe 1000 *florins* por mez, tendo cada padre destacado nos differentes pontos um ordenado de 300 *florins*.

O governo hollandez tem a mania de regular tudo, e, embora o calvinismo seja a religião do Estado, entendeu elle dever subvencionar o clero catholico, para ter sobre este a mesma influencia que quer ter sobre tudo. Informou-me, ainda, o padre que o clero catholico, nas Indias Neerlandezas, é exemplar, e que os ministros protestantes, embora zelozos, se acham em Java por demais secularisados: os interesses proprios, os da mulher e os dos filhos, a prohibição absoluta de qualquer proselytismo, reduzem-n'os em pouco tempo

ao papel de funccionarios de terceira ordem, que só cuidam de receber a tempo o seu ordenado. Assim, durante a penosa e interminavel campanha do Atjeh, os capellões protestantes não pensaram em ser heróes. Falou-me tambem do clima, que é terrivel, sendo as privações sem numero. Só houve um capellão condecorado com a cruz de cavalleiro do *Leão Neerlandez*, e este foi um padre catholico.

Rhio, ponto onde estamos neste momento, poderia ter alcançado uma grande importancia, si antes dos inglezes se estabelecerem em Singapura, no ponto actual, tivessem os hollandezes melhorado o porto, abolido os direitos, as alfandegas e os regulamentos, que são a peste da Hollanda colonial. Seria ella o que hoje é Singapura, uma riquissima cidade, emporio do mundo. Tarde, muito tarde,

aprenderam os hollandezes a lição: Rhio é hoje porto livre, mas ninguem se aproveita de tal liberdade; Singapura firmou-se já como a Liverpool do Oriente.

Dizem que chegaremos hoje, á tarde, a Singapura. A chegada foi-nos annunciada em Batavia para hontem, á noite! E vamos tendo navegação muito difficultosa aqui. Estivemos ancorados, hontem, toda a noite, á entrada do estreito de Rhio. Com a noite escura, foi impossivel passar-se.

Hoje, si chegarmos a Singapura, direi adeus á bandeira e aos usos neerlandezes. E fal-o-ei com grande prazer, pois que demoras, atrasos, preços horriveis, taes são os principaes caracteristicos de tudo quanto é hollandez em relação a transporte. E, depois, a liberdade, o espirito do individualismo, tão commodo para o extrangeiro e tão util para a socie-

dade, são cousas que só se encontram nos paizes inglezes. Este grande Imperio indico, ainda em mãos hollandezas, um pouco pela desidia e negligencia das grandes potencias européas, deve mudar de possuidor. A colonisação é impossivel em Java, em Sumatra e nas outras ilhas, emquanto dominar o espirito exclusivista e anti-progressista dos hollandezes. E o momento parece chegado, desde que a Allemanha surge agora como potencia colonial: a acquisição de metade da Nova-Guiné foi o primeiro signal das grandes mudanças que o futuro reserva para a Malasia.

A absorpção da Hollanda pela Allemanha entra nas vistas do pangermanismo, e, para o conquistador, a posse das colonias hollandezas será uma acquisição de valor immenso. A imprensa pouco esclarecida da Australia faz grande barulho a proposito

da França pretender apossar-se das Novas Hebridas e, cega, não vê o inimigo onde elle está.

As ultimas paginas deste livro consagral-as-ei a Singapura, onde comprarei um outro, dedicado só á India.

1 de dezembro — Estou a bordo do *steamer Cathay*, da *P. & O.*, no estreito de Malacca, horas antes de chegarmos a Pinang, caminho de Colombo.

No dia 27, á tarde, chegavamos a Singapura, ao mesmo tempo que um soberbo vaso de guerra, que trazia um pavilhão branco com uma grande esphera vermelha no centro. Era um vapor de guerra japonez, construido em França.

No vasto porto havia muitos vapores e navios. Que allivio! Chegar a

uma terra onde não ha alfandega, nem policia que exija passaportes!

Desembarquei muito facilmente e tomei uma especie de *char à bancs* fechado, de venezianas, que, por uma estrada conquistada sobre o mar com os destroços da montanha cortada a pico, me levou até ao *Hotel d'Europe*, de que é dono um allemão, que pretendeu vender-me por 6 *francos* um volume de Balzac, de custo, a varejo, em França, de 1 *franco!*

Quanta cousa para se vêr: o correio, os theatros, o elephante da visita do rei de Sião, o *Lawn-tennis Ground*, a vista de mar, *djijirinkes* puxados por chinezes, malabares, malaios, chins; inglezes, carruagens, crianças, egrejas etc. etc.!

Depois de feita uma *toilette* summaria, dirigi-me de carro á *Governement House*, afim de entregar ao secretario do governador sir Francis Weld

uma carta. Mr. Gerard Wollop, que assim se chama o secretario, é irmão de sir Wollop, que conheci na Queenslandia, filho de lord Portsmouth.

O caminho da casa do governador é bonito. O palacio, novo e elegante, está no tópe de uma elevação ajardinada e atapetada de relvas. Ahi, tive occasião de vêr algumas senhoras a jogar *lawn-tennis*, e de cada lado destas, um chim, encarregado de correr atrás da bola projectada longe demais e de trazel-a. Achei-as ridiculas, com as tranças agitadas, suarentas.

Mr. Wollop não estava. A' noite, recebi delle um convite para um *lunch* na segunda-feira, no *Singapura Club*.

Lembrei-me, então, de ir vêr um tal José de Almeida, macauense naturalisado inglez. E' consul do Brasil ha muitos annos. Mora longe. Convidou-me para jantar e eu, por mal dos meus peccados, acceitei.

A' noite do dia seguinte, havia um concerto de um rabequista hungaro, que estava de passagem em Singapura, onde falavam delle como de uma celebridade européa. Houve idiotas que me suggeriram a idéa de ir ouvil-o; claro está que não fui e que muito cedo me retirei para o meu quarto, afim de me vêr livre dos fumantes na sala de leitura e do abominavel ruido do *bar-room*.

O dia seguinte, um domingo, foi eterno de comprimento. Levantei-me tarde, ás oito horas, indo á egreja franceza: a missa era só dahi a meia hora. Dirigi-me á portugueza: mesma cousa. Fui á chineza: egreja atulhada, com ladainhas em chinez. Quiz vêr, então, o padre vestido á chineza e de rabicho. Depois, visitei o templo hindú, onde vi a vacca sagrada.

Após grandes incertezas, descobri que o mais conveniente, para evitar de-

longas, era tomar o vapor da *P. & O.*, que partia no dia 30 para Colombo. Logo que comprei bilhete, soube de um navio que estava prestes a seguir para Madras! No dia 29, antes de embarcar, *lunchei* no confortavel e mesmo elegante *Singapure Club*, em companhia de mr. Wollop e de mr. Dickson, secretario colonial, que foram todo amabilidades para commigo. Mr. Dickson convidou-me para tomar uma chicara de chá em sua casa e visitar, em seguida, o Jardim Botanico. Na manhã desse dia, havia já visitado o jardim chinez de Wam-Pó, que é realmente muito curioso, pelos pequenos arbustos conhecidos á nossa feição, mas sempre em estylo chinez, torres com campainhas de metal pendentes de angulos arrebicados nos tectos surperpostos. Além dos arbustos, vi muita cousa mais: javalis, leões, veados, com grandes olhos salientes de porcellana, kios-

ques, viveiros de peixes, e o *lotus nymphéa* e a *Victoria régia* etc. etc. A' noite, ao chá, mr. Dickson foi-me muito amavel. Possue uma bella casa em *Government Hill,* não longe da residencia do governador, adornada em extremo, segundo o gosto oriental, e com os competentes *bibelots* artisticamente arranjados. Quando iamos partir no *phaeton*, que estava á porta, para o Jardim Botanico, chegou uma visita, — uma senhora franceza, ou, antes, belga e feia, a qual, a convite de mr. Dickson, se incorporou a nós. Dei o cavaco: 1.°, porque, em vez de ir á frente, tive de ir sentado, de costas; 2.°, porque a conversação ficou estragada.

Mr. Dickson é um grande amador da horticultura, e, por isso, o Jardim Botanico deve muito aos seus esforços. E é realmente bello. As *pelouses gazonnées* arredondadas, avelludadas, augmentam a graciosidade da

perspectiva, com a projecção elegante das suas palmas recurvadas, e destacam-se aqui e alli esplendidos exemplares da *Amherstia nobilis*, coruscante nas suas pendentes gyrandolas de flôres incarnadas. As estufas, si estufas se podem chamar as construcções ligeiras, abertas de todos os lados, que abrigam as begonias e os fétos, são de todo o ponto admiraveis, quanto á disposição e ao viço luxuriante da folhagem variegada. Parte destas plantas está num pedaço do antigo *jungle* e, ahi, nas arvores e nas pedras, fazem talvez ainda maior effeito que nas estufas. Infelizmente, a tarde era humida e fria, como uma tarde de outubro na Inglaterra. A chuva gottejava das arvores e a senhora belga, guiada pelo ardor horticola do nosso amavel *cicerone*, pisava com repugnancia, hesitante mesmo, com as suas finas botas de Paris, as folhas humidas.

O meu jantar em casa do consul Almeida era para as 7 horas. Como morasse longe e longe tambem fosse o jardim, despedi-me dos meus companheiros e, a toda pressa, dirigi-me para o hotel, onde me encasaquei devidamente. Cheguei, felizmente, a tempo. Que horror! Tanto correr para um pessimo jantar, regado a vinhos atrozes e de que faziam parte mulheres as mais feias possiveis e homens os mais malcriados que se póde imaginar. Almeida é um meio costa de Macau, filho de um medico portuguez. E' um bom velho, muito melhor do que toda a sua insupportavel familia. Que desolação e que suprema fatalidade! que mixto de galleguismo rançoso com conserva ingleza de folha de Flandres!

O Almeida vive em Singapura ha 60 annos. Naturalisou-se inglez, e para elle tudo quanto é Portugal é mau, ridiculo. Os filhos, em vez de serem

brutamontes portuguezes, são brutamontes inglezes, para o que, a falar verdade, não vale a pena mudar de nacionalidade. Além disso, muito honrados por pertencerem á *Church of England*, como si a tal *Church of England* lhes désse a menor importancia. A mãe é filha de um padre protestante.

Para completar o quadro, devo accrescentar que, depois do jantar, houve cantoria.

Famélico, resfriado, com o estomago pouco satisfeito, sahi da tal casa, onde espero em Deus e na Virgem Santissima nunca tornarei a pôr os pés. Decepcionado tão cruamente e de pessimo humor, deitei-me.

DE SINGAPURA
A CAMINHO DA INDIA

No dia seguinte, 30, cedo, cheguei, num *djijirinke* puxado por um chim valente, até ao embarcadouro do *Cathay*, vapor da *P. & O.* (pronunciar *piano*, em francez), donde escrevo, hoje, 5 de dezembro, vespera de chegar a Colombo. No dia da partida de Singapura, passamos rente de Malacca.

Malacca! O que resta da terribil? Póde dizer-se que nem a gloria, porque hoje conhecer-lhe os feitos é objecto de erudição não pequena.

A 1.º de dezembro, cheguei a Pinang, prospera colonia ingleza. Ahi desembarquei, troquei dinheiro e só encontrei chins e mais chins.

Pela primeira vez, desde que comecei as minhas viagens, morre alguem

a bordo. Desta vez, foi uma rapariga americana, que vinha a Hong Kong, onde era uma *gay-girl*. Dizem-me que era bonita e muito nova; só a ouvi tossir atrozmente. Morreu de uma pneumonia. Lord Paulet, um joven inglez que vem a bordo, por pura caridade, tratou-a com grande devotamento. Dos tres ou quatro estafermos inglezes que viajam no vapor, nem um só, uma vez, ao menos, chegou ao camarote da coitada. A criada de bordo estava doente e a pobre rapariga foi soccorrida exclusivamente por lord Paulet e pelo doutor.

Vem tambem a bordo um missionario inglez muito cavalheiroso, fresco e limpo, bem conservado, que viveu largamente na China por alguns annos, graças aos subsidios das sociedades biblicas, e que os tolos dos contribuintes acreditam, talvez, tenha salvado grosas e grosas de chins da condem-

nação eterna, convencidos pelo terror do inferno. O tal missionario nem uma palavra de conforto foi dizer á desgraçada!... Desrespeitaveis e ruins pessôas! E a pobre foi posta num caixão, feito ás pressas pelo carpinteiro do vapor, com todo o pungente ceremonial, a que não faltou a bandeira ingleza.

Passei pela porta do camarote da morta. Na desordem, o doutor, assistido do bravo lord Paulet, fazia o inventario das joias e das sedas da pobrezinha!

Com este episodio triste termino este livro. Amanhã, em Colombo, começarei o outro, todo devotado á India.

Deo gratias.

DE SINGAPURA A CEYLÃO

5 de dezembro — Estou a bordo do *Cathay*,

Já nos mares da India......

Sim. Estou ainda *aquem da Taprobana*, mas vejo já bem de perto

« A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida e cheirosa. »

Ceylão ainda produz canella, mas não

« Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Colombo, dos proprios tão temida.»

Em Colombo, estarei amanhã, mas prosaicamente installado num hotel inglez. Hoje, diviso as terras altas e azues, obedecendo á ordem de Thetys, e

« Olho em Ceylão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa, ou a vista engana. »

Estréado assim poeticamente este livro, fechal-o-ei, em poucos dias, consignando nelle, já em terra, minhas notas apressadas. A temperatura vai ser agora mais clemente, e isto me permittirá maior regularidade.

11 de dezembro — Desde hontem que me acho em Kandy, onde aproveito o tempo para tomar estes apontamentos.

Cheguei á capital da ilha, ao porto de Colombo, no dia 6, entrando para dentro do quebra-mar e desembarcando, depois da sacramental alfandega. O aspecto da população é novo para mim, e a terra, vermelha. Um alto pharol no centro da cidade lembra a *alta torre,* de que fala Camões. Installei-me num hotel pretencioso, cuja sala de jantar é monumental e onde se come pessimamente. Confesso que fiquei com sau-

dades de Java. Tive occasião de vêr os negociantes de pedras brilhantes como estrellas, das quaes se destacavam as saphiras, de um colorido azul purissimo. Após uma ligeira leitura do *Ceylon Observer,* que é o jornal preferido da cidade, visitei o *Cinnamon Gardens*, o museu, em companhia do meu amigo Mikravemigo e do joven mr. Corbert, fiz compras de livros sobre Ceylão e os planos de Anuraddhapura e de Adams Peak. Visitei, em seguida, Arabi Pachá e, depois, fui á casa de loucos, onde vi uma pobre mulher com a filha, tambem louca. Passeei á borda dos lagos e apreciei a vida da cidade, e, ao deixal-a, tenho esta impressão: tudo tardissimo.

No dia 10, parti para Kandy, que tem um lago adoravel, — estabelecido, em 1807, devido á submersão de parte

da cidade, por ordem do crudelissimo rei Wikrama Raja Sinha, — e muitos mendigos. A' noite, assisti a uma ceremonia religiosa, sob um luar brando, no meio de flores e ao som de atambores. Na cidade, ha uma livraria, e um dos edificios que todo viajante é obrigado a vêr é o famoso templo *Dalada Maligawa,* em cujos muros estão numerosos nichos, onde se acham pinturas representativas dos diversos peccados capitaes e os castigos destes. Neste templo, está guardado o dente de Buddha, que o viajante só poderá vêr em determinados dias. Está encerrado num riquissimo cofre. E da cidade, incluindo a arvore sagrada e os *Dagoba,* monticulos que encobrem reliquias, eis tudo.

Dirigi-me, depois, para Dambulla. Em seguida a uma visita á grande plan-

tação de chá de mrs. Maria Wattee, visitei o palacio real de architraves, pilastras de pau-teck esculpido, com flôres de lotos pendentes, e tambem o Jardim Botanico de Peradenio, onde se vêem, aqui, lindos bambús, alli, as samambaias, a *Amherstia* e a *Tallipot*, palmeira que já conta 50 annos, conhecida pelo nome scientifico de *Coryphia umbraculifera*, commum no Ceylão e Malabar.

DE CEYLÃO A CALCUTTÁ

22 de dezembro — Eis-me em Calcuttá, já na India! Até aqui, a viagem correu sem incidentes.

Depois de ter visitado — em Ceylão — Colombo, Kandy e Dambulla, tomei passagem a bordo do *Tibre*, das *Messageries Maritimes*, juntamente com muitos missionarios. Fiz a viagem com um tempo que se apresentou sempre com bôa cara. Em Pondichéry, vi os monolithos, missionarios em penca e dous bispos de longas barbas brancas.

Depois, Madras, que é um horror, tendo, logo á entrada, falta do *breakwater*. Isto só no Brasil.

Ahi, passamos pelo *Clau Mac Arthur*, que estava encalhado: mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.

Desembarquei, finalmente, em Calcuttá e uma difficuldade logo surgiu: exigencia aduaneira sobre armas de fogo. Nesta cidade, aproveitei o tempo para passear, visitando o *Garden Reach*, o palacio archiepiscopal,o palacio vice-real, onde se destacam as fardas vistosas e os majestosos turbantes dos lanceiros do vice-rei; dirigi-me, depois, ao bellissimo *Eden Garden*, e, em seguida, ao museu, com suas esculpturas brahmanicas e buddhicas, das quaes as que se approximam da Persia e Afghanistan têm pannejamentos quasi gregos. Tendo visto já as luxuosas carruagens e apreciado o gosto dos afortunados desta cidade pelos cavallos, as librés do vice-rei, mr. Bonsard, o amigo do principe de Galles, o continuo grasnar dos corvos, o occaso, a floresta de navios surtos no porto, tomei logar num dos *wagons* da estrada de ferro, caminho de Darjeeling.

O caminho de ferro atravessou, á noite, o Ganges, em demanda de Sara, desta a Siliguri e, depois daquellas cidades, pelo *Darjeeling Railway,* que corre por uma paizagem estupenda, entre montanhas, onde os trilhos descrevem *S* e *8,* cheguei a Darjeeling, cidade saudavel por excellencia e onde a temperatura agora é baixa. Aboletei-me no *Wordlands Hotel,* donde se avista o Kanchinjanga. Nesta noite, houve geada. Não obstante, fui a cavallo até o Sinchal, na manhã seguinte, sob nevoas e um ar bastante frio, porém delicioso, nesse trecho montanhoso da região e donde se aprecia o azul das solidões geladas. Dahi, vi o monte Everest, e, depois de visitar os passeios que ao *touriste* se deparam, depois de vêr o templo bouddhista, as rodas de regar, o mercado,

a população, mescla de thibetanos, nepalezes, lepchas, afghans etc., as mulheres de Darjeeling, que lembram as camponezas da Italia, e depois da compra de *tan-tous,* feitos de craneos humanos e de tubas de tibias, originalidade do logar, disse o meu adeus ao Himalaya e retomei o caminho de Calcuttá.

DE CALCUTTÁ A BENARÉS

29 de dezembro — De Calcuttá, no trem do *East India Railway*, caminho de Benarés, encontrei-me com um dador de regras franco-anglo-americano-japonez, mr. Dubois.

A impressão que me causou o meu companheiro de viagem, mr. Fred. Lassonn, apesar de ser elle judeu, da riquissima familia Lassonn, da India, foi bôa.

O *East India Railway,* cujos *wagons* são commodos, com os seus vidros de côr, segura garantia contra o sol e contra a poeira, é uma bôa estrada de ferro.

Afinal, cheguei a Benarés, banhada por um sol ardente, depois de atravessar a ponte de barcas sobre o Ganges e a grande ponte do caminho de ferro em construcção.

A primeira cousa que se tem a fazer, cedo, nesta cidade, é tomar um carro e ir a um dos *ghat* que dão para o Ganges, por meio de immensas escadarias. No tope, ha umas grandes edificações: algumas são templos, outras, especies de hospitaes, destinados aos peregrinos da India, que vêm cumprir o dever de banhar-se na onda sagrada. Estes hospitaes são, em geral, construidos pelos rajahs dos differentes paizes: alguns são de bella architectura, e a grandeza das escadarias, alinhadas por mais de uma milha, imponente. A população toda e a de passagem vêm, nas primeiras horas da manhã, fazer as suas devotas abluções e dirigir-se aos deuses representados no sol, que, erguendo-se da margem opposta, rutila, fulgurante, no céo azul. E' um sóbe-e-desce movimentado. O vestuario é summario para os homens, mas a decencia é guar-

dada com o maior rigor. As mulheres e os homens, ás vezes, trazem potes de cobre polido, pequenos e grandes, que enchem da agua do Ganges, para as suas devoções do dia, ou para transportar ao longe. Aquellas usam uma multidão de braceletes e anneis nos braços, nos pés e nos seus vinte dedos. O sol faz brilhar todos os vasos de cobre, constellando de reverberações scintillantes a multidão. Os brahmas, quasi nús, distinguem-se pelo fio que trazem ao pescoço e de que nos fala Camões. As preces são feitas em voz baixa. Depois de uma muda adoração de mãos juntas para o sol, o crente apanha um pouco d'agua com a mão direita, restitue metade ao rio e passa o resto para a mão esquerda. Feita esta operação tres vezes, ergue a mão esquerda, como que offerecendo-a ao sol, e, em seguida, esfrega uma

contra outra, compassadamente, as palmas das mãos alevantadas e, religiosamente, com os dedos, humedece as palpebras, as narinas, os ouvidos e traça no flanco bronzeado uns signaes mysteriosos. Feito isto, entra na agua, mergulha-se quatro vezes, com o rosto voltado para os pontos cardeaes, e, erguendo-se, começa a sua *toilette*. Alguns usam escovas de dentes. No rio, boiam flores amarellas, no meio dos barcos tremulando com as ondulações que imprimem á agua os banhistas. Nas margens, um porco come avidamente as flôres alli depositadas. Nem um grito, nem o minimo ruido.

No *Burning-ghat*, o cadaver da mulher de um brahma esperava a hora da cremação, envolto num panno branco e incarnado, tendo pendente do pescoço um longo rosario de flôres. O viuvo fazia-se rapar, philosophicamente, a

cabeça por um barbeiro, em signal de lucto. Suas melenas cáem sobre a lage, em que, acororado, entrega a cabeça ao barbeiro hindú, que lhe vai limpando o casco com uma cortante navalha microscopica de cabo de cobre trabalhado. E o cadaver espera, meio mergulhado na água negra. Dous hindús amontôam a lenha, e, quando a pyra fica prompta, depositam sobre ella o cadaver. Completa a *toilette* do viuvo, que discorre risonho com os circumstantes, já todo rapado e mostrando no craneo uns signaes de brechas cicatrizadas, elle se approxima, afinal, da agua, faz as suas abluções costumadas e, pegando de um facho que lhe entregam, ateia fogo á pyra em que vai arder a sua cara metade, conservando a mesma physionomia indifferente. Quem sabe si accender o facho da viuvez não tem os seus encantos? Depois, o fumo!

Retirei-me, horrorisado.

Fui vêr, então, o templo *Nepanly* e admirar-lhe as esculpturas; depois, o templo do Ouro, o templo das Vaccas Sagradas e o poço sagrado, e o *Durga,* ou templo dos macacos, e os altares populares.

Continuando as visitas, fui ainda ao Observatorio, no *Mai Mandir Ghat,* onde os astronomos musulmanos do 17.° seculo estudavam o curso dos astros por meio de quadrantes e de arcos de circulos sobre pedras colossaes. Depois, ainda, a pintura sobre agua, os bazares, os cobres lavrados e os tecidos, nefastissima influencia da arte ingleza. Finalmente, satisfeito, disse adeus a Benarés.

DE BENARÉS A DELHI

4 de janeiro — Parti, em seguida, para Lucknow, no *Oude Roilkund Railway*, no meio de um frio intensissimo, que não temeram uns officiaes, pois vi-os irromperem no trem, de volta de uma caçada, donde trouxeram um pavão morto e uma *perúa* geral muito viva... E, assim, nesta companhia, cheguei a Lucknow, que vou começar a visitar de manhã. No trajecto de Benarés até aqui, nada de particular, a não serem os folgazões officiaes caçadores.

Installei-me no *Hill's Hotel* e, cedo, fui visitar o edificio arruinado da Residencia, em que sir Henry Lawrence se defendeu tão heroicamente contra os cipayos, em 1857. Ahi, vi o tumulo de sir Henry—*who tried to do his duty!* como diz o epitaphio por elle mesmo

composto. O tumulo do celebre major Hodson está isolado, á beira de uma estrada poeirenta. O *Imambahor* e outras construcções são de caracter grandioso e revelam ainda grande pujança artistica e monetaria do reino de Oude. Comparado o *Imambahor* com Mafra, por exemplo, o rei de Oude parece um monarcha de um paiz mais artistico, na época, do que o Portugal de D. João V. Ha muita cousa desfructavel no palacio de *Hassembahor,* obra de fancaria. Grotesco tambem é o palacio de *La Mortinière.* A especialidade de Lucknow, em materia de *bibelots*, é uma obra feita de zinco negro, marchetado de prata, ás vezes liso, isto é, os dous metaes no mesmo nivel, outras vezes a prata saliente. Ha tambem uns bonecos representando typos do paiz, bastante curiosos, no genero dos de Caldas, em Portugal. O bazar é tambem digno de vêr-se.

A' janella das casas, vêem-se mulheres de má conducta e pelas ruas poeirentas, camellos, elephantes, inglezes, mendigos e, logo que começa a anoitecer, extende-se sobre a cidade uma fumaça horrivel.

No outro dia, de manhã muito cedo, parti para Cawnpore, onde cheguei ás dez horas. Esta não seria digna de uma parada do *touriste,* si não se houvesse celebrisado, no tempo dos cipayos. A historia ahi está. Hoje, restam a memoria, os tumulos, sobre o poço fatal, e um monumento sem caracter, no centro de um jardim, e, quanto ao mais, quem morreu, morreu.

Mr. Lee, o dono do hotel, foi soldado do general Havelock, que entrou em Cawnpore, como é sabido, duas horas depois do massacre, como lord Wolsey chegou a Kartum 24 horas depois de morto Gordon.

E' muito curioso este mr. Lee: a força de contar aos viajantes o caso como foi, está hoje convencido de que, na tragedia de Cawnpore, foi elle o actor principal. Creio que, ás vezes, pergunta a si mesmo si foi elle, ou não, massacrado e atirado ao poço. A verdade é que mr. Lee achou meio de viver da mortandade alheia.

Deixei Cawnpore e, feitas algumas horas de caminho de ferro, achei-me em Agra.

Agra! Nesta cidade e vizinhanças, acham-se reunidos os mais bellos monumentos da arte musulmana que existem. E' Roma, é a perfeição! Tudo quanto li do *Taj Mahal* fica abaixo da realidade. E' a ultima palavra em belleza architectural. Todo o meu desejo seria transportar o *Taj Mahal* sobre o *Lycabetto* e, do Arco

de Adriano, comparal-o com o *Parthenon*, collocando *Notre Dame*, ou a cathedral de Milão, entre os dous. Qual excederia?

(A comparação é, ás vezes, nociva, mas é uma funcção fatal do espirito).

E as mesquitas lateraes? E as combinações da pedra vermelha com o marmore branco e preto, e no centro, purissimo, o *Taj*, resplendente, giganteo e feito uma joia? Um monumento que Miguel Angelo projectou nos ares e que Cellini cinzelara! E tudo isto para servir de tumulo a uma mulher adorada. O shah Jehan era um homem. O *Taj* é um monumento de coração. Que poderia inspirar tal perfeição? Tu, só tu; ó puro amor!...

E o grande forte de *sandstone* vermelho, com suas torres, fossos e ameias ogivaes? E os terraços, o pavilhão de marmore marchetado de agatha e lapislazuli, dando para o grande fosso

destinado aos combates de tigres e elephantes? E a Mesquita-Perola, e a pequena mesquita do harem, o terraço do julgamento, o throno de marmore negro, a sala de banho, com os espelhos e as fontes, os dourados, os esmaltes, e o shah Jehan, moribundo, contemplando o seu *Taj!?*

Depois, fui vêr Sekundra, o tumulo de Akbar, o logar onde esteve o Kuh-i-Nur, e a cidade abandonada de Eutterpe Sekrir, que é admirabilissima, e, além do Jumna, outra joia de marmore.

Deixo todas essas maravilhas, para partir caminho de Delhi, donde escrevo estas linhas, na manhã do dia 4 de janeiro.

DE DELHI A LAHORE

O dia está chuvoso e as ruas, lamacentas ; o melhor é não insistir.

*
* *

12 de janeiro — Segui para Lahore, reservando para depois a visita aos monumentos de Delhi. O trem levou-me vagarosamente, até á estação de *Saharampur,* onde cheguei ás seis e meia da tarde do dia 4. Devia proseguir, mas a humidade causou-me forte dôr de cabeça.

Deixei o trem no meio de uma grande algazarra de nativos, que carregavam trouxas e feixes de canna, numa alternativa de embarque e desembarque. Fui descançar no *Dah Bengalow*, onde uma bôa chicara de

chá me restaurou. Dormi toda a noite e passei socegadamente no hotel, até ao dia seguinte, ás seis e meia, quando retomei o trem.

No dia 7, achei-me em Amritsur, onde encontrei um tempo frio, mas bom, e um regular hotel. Neste achavam-se alguns empregados publicos.

A' mesa, a conversação entre elles e uma senhora consistiu em maldizer dos collegas e repetir os pequenos escandalos, desde Peschawar até Calcuttá.

A população de Amritsur é quasi que exclusivamente composta de sikhs. E' curioso o aspecto desta raça guerreira e mercenaria. Sir Charles Dilke compara-a aos hungaros, com os quaes têm elles a grande similhança das barbas marciaes e dos bigodes retorcidos.

A grande attracção de Amritsur resume-se no celebre Templo de Ouro, que é uma construcção indiana no cen-

tro de um lago artificial, verde e transparente, a cujas aguas attribue a religião dos sikhs propriedades maravilhosas, e dellas vem o proprio nome de Amritsur, que quer dizer — fonte da immortalidade. Para entrar no templo, é indispensavel tirar os sapatos. O proprio principe de Galles submetteu-se á ceremonia, o que muito lisonjeou os nativos. Conta-se que lord Lytton, por ignorancia, supposta, ou real, quiz transpôr os limites do recinto consagrado. Isso deu motivo a um quasi conflicto sério e desagradavel. Ao transpôr uma porta, segue-se o pavimento de marmore do cáes do lago. Um portico dá entrada a uma ponte de marmore, que liga a margem com o templo, cujas cupulas douradas e ligeiras, com uns enfolhamentos de alcachôfra, muito do estylo indiano, se elevam rutilantes. Um vai-vem de devotos se cruza na ponte. O templo

é de marmore branco, com os mesmos perfeitissimos embutidos de pedras preciosas que caracterisam os templos e os tumulos de Agra. E' um mosaico florentino engrandecido e admiravel. Sabe-se, com effeito, que, no tempo dos grão-mogóes, foi esta arte do mosaico introduzida no norte da India por artistas italianos. Sob a cupula, sobre uns tapetes preciosos, estão sentados uns sikhs barbudos, occupados na adoração do livro sagrado, que é um grosso volume de pergaminho, de manuscripto muito nitido e que me foi mostrado, por uma *rupia*. Aberto e envolto em sedas e em estofos bordados, o livro santo é muito mais adorado do que lido e, com certeza, tão embrulhado assim, não correrá o risco de apanhar frio... Uns missionarios, dia e noite, tantanam e rabequeiam no acompanhamento de uma melopéa, que é a

mesma semsaboria oriental, sempre egual, desde o Cairo e Constantinopla até Java e Singapura. Devotos dos dous sexos, ao som dessa musica, desfilam deante do livro e atiram sobre o tapete flores e uns caramujos, dos quaes 250 formam o valor de uma *paĩça*, ou quarto de *auna*! De vez em quando, cáe uma ou outra moeda de cobre.

Outra cousa importante de Amritsur é ser o melhor mercado de productos de Cachemira. Os chales afamados são vendidos ahi. O melhor chale, egual aos que são annualmente offerecidos á rainha Victoria como tributo do maharajah de Cachemira, custa 6,000 *rupias*, ou pouco mais de 10,000 *francos*. Ha tambem outros chales tão subtilmente tecidos, que passam por um annel facilmente. Ha ainda os esmaltes de Cachemira, recommendaveis pelo desenho e pela fórma dos objectos.

Além desses, as obras de estanho, muito parecidas com umas antiquissimas e procuradas na Allemanha e na Suissa, e os artefactos de *papier maché*, pintados de pequenas rosas azues e vermelhas, com propensão a um estylo *Pompadour*. Tudo isto, em pequenas lojas escuras e de difficil accesso. Quando termina a gente qualquer compra, o prazer da acquisição de um bello objecto fica completamente desfeito, devido ás importunações do lògista.

Depois disso, só me restava partir para Lahore, o que fiz uma manhã cedo.

Lahore, tão afamada, é uma cidade das que podem ser qualificadas com a energica expressão ingleza — *rather desappointing*. E' poeirenta, inglezada, fria, de monumentos inferiores em tudo aos de Agra. O museu é curioso pela arte hindú, representada por interessantes especimens da

época em que soffreu essa arte o contacto revelador dos gregos. Em Lahore, como em outras cidades da India, no museu, ha os objectos da arte contemporanea, com as indicações de sua origem e de seu valor, o que é uma grande cousa para o viajante. Existe tambem uma importante collecção de moedas, e ahi se vê ainda uma bella estatua de Buddha; outro Buddha está sentado, na posição hieratica que lhe é propria, e dous amoresinhos alados, como os anjos da arte catholica, sustentam sobre a cabeça do deus-philosopho uma corôa.

Com prazer dei as costas a Lahore e á sua estação de caminho de ferro fortificada, uma cousa que me pareceu bem entendida e que nós, no Brasil, deveriamos talvez imitar nos nossos caminhos de ferro da fronteira do Rio-Grande.

DE LAHORE A DELHI

Estou de volta a Delhi. E' justo que fale do aspecto da população, das miniaturas, da arte, da ourivesaria e da pintura sobre marfim — caracter essencialmente reproductor. O *Forte* é do mesmo estylo que o de Agra: a mesma maravilhosa combinação da pedra de areia vermelha e do marmore branco. Similhante ao de Agra, porém mais vasto, com as suas duas enormes salas de audiencia, sustentada a primeira por vermelhas columnas robustas, ao fundo da qual se vê a tribuna de fórma quadrangular, donde Akbar distribuia justiça ao povo, e a outra, interior, um salão todo de columnatas, — revela o gosto artistico do shah Jehan. E' todo de marmore branco com arabescos dourados, offerecendo a riqueza e elegancia da

architectura uma das mais bellas perspectivas imaginaveis. As reparações do palacio estão sendo custosamente feitas, a expensas do governo inglez, estando os entalhes renovados, agathas etc., a sala dos banhos, a *Mesquita Perola,* os ornatos de espelho entre as malhas do estuque florido e a sala do throno do *Pavão,* um pavão de ouro ornado com pedras preciosas e avaliado em 60,000 contos pelo ourives Tavernier. Na grande mesquita de Delhi, a *Jumna Mesjid,* a mais vasta e imponente das mesquitas indianas, toda de pedras vermelhas, com seus pavilhões, cupulas, minaretes, porticos, apresentando um conjunto de majestosa e harmonica belleza, vê-se um fio de barba do propheta pregado a cêra na tampa de vidro de uma pequena caixa, com muito menos reverencia, do que outro fio guardado zelosamente na mesquita de Omar, em Jerusalém. Existe nessa

mesquita um autographo attribuido a Mahomet e outro, a Ali. Visitei tambem o *Kotub,* a torre mais alta do mundo, o palacio de Aladino, o pilar de ferro, tendo á entrada um arco estupendo, e, em seguida, o mercado, o Jardim Botanico, a Mesquita Negra, monumento musulmano mais antigo da região, e o templo dos *Jain.*

DE DELHI
A JEYPORE E BOMBAIM

Após longa viagem em caminho de ferro, cheguei a Jeypore. Ahi, sobre a montanha que domina a cidade, lê-se, em grandes lettras, a palavra *Welcome*, escripta em inglez, homenagem do maharajah ao principe de Galles, quando este fez a sua viagem á India, em visita aos vice-reis.

O aspecto das ruas é bonito e pittoresco, com as casas todas côr de rosa, cheias de elephantes e animaes domesticos pintados, illuminadas a gaz, e de cujos beiraes nuvens de pombos esvoaçam alegremente. Visitei o palacio dos Ventos e o do maharajah, que é um homem esclarecido, o senhor da maior parte da cidade. Vi tambem, fóra dos muros, o magnifico Jardim Publico, con-

struido ao gosto europeu, e o museu, inaugurado em 1876, 10 annos já, occupando o centro do jardim e onde se observam as collecções dos differentes productos naturaes e industriaes da India, e, fóra, na frente do edificio, a architectura, de elegancia e gosto, toda de marmore branco. Do terraço, na cupula do edificio, vêem-se a cidade inteira e a planicie além, limitada pelos 7 castellos do maharajah, outras tantas fortalezas outr'ora. Depois, a Escola de Artes, onde o bronze, o cobre, o ouro, a prata, o aço são trabalhados com esmero e arte pelos nacionaes, mas a que preside quasi sempre a funesta influencia da arte ingleza; os templos brahmanicos, que enchem a cidade, e as fortalezas abandonadas, onde os extremos da grandeza entre os quadrupedes estão figurados num colossal elephante e num ratinho, sob as pernas do elephante.

DE BOMBAIM A BEIJAPUR

Cançado, voltei ao hotel, e eis-me a caminho de Bombaim, pelo *Radjaputana Malwa State Railway*, passando por Ajemere, Ahmedabad, celebrisada pelas ruinas que possue, —traço do dominio dos principes musulmanos, — depois Baroda, e, afinal, Bombaim.

A paizagem, em todo este enorme trecho, planicie areienta, é alternada pelas collinas escarpadas, onde a vegetação parece estiolar á mingua de seiva e á causticidade do sol; aqui e alli, arbustos quasi sem folha, espinhosos. Cortando a monotonia dessa paizagem, surgem de quando em vez alguns macacos, ou pavões, que não temem o homem, devido á protecção que lhes dispensa a religião brahmanica, para a qual são

sagrados. Adeante, o massiço do monte Abu, ou Aravali, que divide a bacia do Ganges e os outros cursos de agua que se dirigem para o Indus e o golpho de Cutch. A poeira que o trem levanta dá-me um soffrimento horrivel, e um pó impalpavel penetra os *wagons*, infiltrando-se através das roupas, no meio de não menor soffrimento, ante o calor do sol reverberante. E, assim, a gente dá graças a Deus, quando annunciam a *Grant Road*, a primeira das estações da cidade de Bombaim, e, logo em seguida, *Charmi Road*.

Em Bombaim, cidade de palacios e de grande valor commercial, o emporio, póde dizer-se, do commercio inglez na India e ponto de communicações constantes com a Europa, confortavelmente installado, tive a amavel prosa do consul portuguez, dr. Gerson da Cunha, com quem con-

versei a respeito da situação da colonia portugueza. Dispuz-me, então, a visitar a cidade, indo, em primeiro logar, vêr o edificio da Universidade, onde tive opportunidade de ouvir um discurso do reitor, por occasião de ser conferido o grau aos nativos. A ceremonia effectuava-se numa bella sala gothica, reservando eu a sua descripção para quando puzer em ordem as minhas notas. Em seguida, visitei o *Municipal Office*, majestoso edificio colmado por uma torre colossal, de estylo mourisco; *Elphinstone College*, cuja fachada é de marmore branco; o *Police Court; o Great Indian Peninsula Railway*, immenso palacio de prodigiosa riqueza ornamental e de architectura gothica; alguns monumentos outros, como o da *University Hall*, devidos aos Parsis, cuja generosidade e riqueza se revelam nos bellissimos e sumptuosos palacios que percorri. Esta raça de adoradores de

*

Zoroastro occupa, entre a classe commercial e financeira de Bombaim, posição preponderante, e a sua munificencia e poderio de commerciantes asiaticos valeram a muitos delles o titulo de *knights* e *baronets*. Após esses edificios, dirigi-me a vêr a Torre do Silencio, depois do que, tomei rumo de Gôa, aonde cheguei sem novidades.

Gôa, — entre palmeiras, com a sua população triste e pobre, o seu outeiro e, para remate da impressão que me causou o aspecto da cidade, — o horrivel hotel em que me alojei, com os seus innumeraveis persevejos, trouxe-me ao espirito abatimento. Ligeiramente visitei o palacio do governador, onde se encontra a galeria de retratos dos vice-reis, depois Gôa Velha, a egreja de S. Pedro, onde nada se vê de notavel, a de S. Francisco, o Pelourinho, o logar da Inquisição, onde tambem nada impressiona, a

Egreja do Bom Jesus, o catafalco Toscano, seus tumulos e brazões; em seguida, a Misericordia, o Arco dos Vice-Reis e a estatua de Albuquerque, em Panzim.

Sob a impressão que me salteou ao chegar á cidade, assim della me retirei, caminho de Marmagão, que pouco interesse desperta, e onde, após a visita de estylo ao palacio, á fortaleza, a S. Francisco e á estação Vasco da Gama, onde um portuguez estava furioso, por não se lhe ter dado o tratamento de excellencia, dirigi-me, pelo *South Mahratta Railway*, para Beijapur, onde cheguei, depois de atravessar os Ghates Occidentaes, com seus 13 tunneis, uma obra gigantesca. Dahi, através de um terreno safaro e de uma aridez de paizagem desoladora, dirigi-me para Bombaim, de novo, passando por Poona e Khandalla.

Todo o dia, já em Bombaim, gastei-o em preparativos. Afinal, disse adeus á India, e, pelo *Manilla*, volto para a Europa, que deixei ha mais de seis longos mezes.

A BORDO DO «MANILLA»

17 de fevereiro — Eis-me no Mediterraneo. A viagem correu sem incidentes. Desembarquei em Aden; antes, quando ao entrar o navio o porto, presenciei o pôr do sol, que immergia, além das escarpadas montanhas, elevadas á direita e á esquerda e tintas de roseo, naquelle occaso admiravel.

A cidade, á direita do *Manilla*, occupa uma arida collina, por onde se dispersam as casas, alguns estabelecimentos commerciaes e, dominando os edificios, as fortificações.

Terra esteril e população pobre.

Atravessando o estreito de Babel Mandeb, navegamos pelo azulado mar Vermelho, deixando á direita a costa arabica, á proporção que avançavamos, ora, de vento em pôpa, ora, logo depois,

contrario, agitando o mar e fazendo jogar o navio. A cada passo, o *Manilla* cruzava com vapores britannicos, até ao canal de Suez, que tanto incommodo causa aos inglezes, quando se lhes fala da grandeza do emprehendimento de Lesseps. Vimos tambem o *Giava,* que passou levando a seu bordo os bravos italianos.

Já se enxerga terra de ambos os lados, e nós nos achamos no golpho de Suez, que, com o de Akaba, fórma a peninsula do Sinaï, e as collinas alinhadas do Egypto, á esquerda, se destacam longiquas e mais baixas que a alta cadeia de montanhas da direita, a que excede a ponta da peninsula. E a aridez, mais accentuada, á proporção que avançamos, desola, de um e de outro lado, na planicie de areia, ou no deserto, a separar os montes do mar.

*
* *

O Canal foi já transposto e, após uma viagem tranquilla pelo Mediterraneo, tendo deixado já as costas de Candia, os montes Olympo e Ida, eisme no fim, póde dizer-se, da minha longa viagem.

Amanhã, 18 de fevereiro, o *Manilla* chega a Messina.

Amen.

INDICE

Pag.
NOTA 1

PRIMEIRA PARTE

Viagem ao Rio da Prata

Ilha das Flores 7
Montevidéo . . . . , ... 14
Buenos-Aires 36

Viagem pelo Pacifico

De Buenos-Aires a Valparaiso. 67
Valparaiso 84
Santiago 90

SEGUNDA PARTE

Diario de viagem á volta do mundo

De Paris a Nova-York 179
De Nova-York a S. Francisco. 191
De S. Francisco a Honolulu 202
De Honolulu a Auckland 205
De Auckland a Sydney 226

Pag.
De Sydney a Melbourne 254
De Melbourne a Ballarat. 264
De Ballarat a Townsville 268
De Townsville a Thursday 277
De Thursday a Java 285
Java — De Batavia a Buitenzorg 288
De Buitenzorg a Tosari 309
De Tosari a Malang 331
De Malang a Batavia 350
De Batavia a Singapura 370
A Caminho da India 387
De Singapura a Ceylão 390
De Ceylão a Calcuttá 395
De Calcuttá a Benarés 399
De Benarés a Delhi 405
De Delhi a Lahore. 411
De Lahore a Delhi. 418
De Delhi a Jeypore e Bombaim 421
De Bombaim a Beijapur 423
A bordo do "Manilla" 429